



NOS 223 MUNICÍPIOS

Empreender-PB mudou a vida de 12 mil pessoas em cinco anos

Programa do Governo do Estado liberou R\$ 130 milhões em crédito e fortaleceu micronegócios. **Página 3**

Foto: Ortilio Antônio



Música para promover a cultura de paz na Grande JP

Projeto "De Mãos Dadas com a Comunidade", desenvolvido por policiais militares em Bayeux, contribui para fortalecer a cidadania e reduzir os índices de violência. **Página 5**

Ilustração: Tônio



Como a algaroba foi de solução à vilã no Semiárido

Introduzida como alternativa econômica e para amenizar os efeitos da seca, a algaroba virou uma espécie invasora.

Página 25

Turismo de aventura está em alta na PB

Trilhas, caminhadas, rapel, ciclismo e até voo de asa delta ajudam a movimentar a economia em várias regiões.

Página 17

Autoestima é aliada na luta contra o câncer

Mulheres que venceram a doença dizem que recursos como prótese mamária, tatuagem e peruca são importantes.

Página 6

Foto: Edson Matos



Memórias Pinheiro conta sobre as crises que enfrentou e sua paixão pelo jornal

José Amaro Pinheiro começou a trabalhar em A União aos 16 anos. São muitas histórias, incluindo crises e situações engraçadas acumuladas em décadas de trajetória. Ele atuou em funções na redação, no almoxarifado e na expedição da empresa.

Páginas 14 e 15

Outubro Rosa

PARA SEGUIR EM FRENTE



FIQUE ATENTA AOS SINAIS

PREVINA-SE!
REALIZE OS EXAMES REGULARMENTE



■ “Somos náufragos de uma estúpida ilusão. Isto não me parece experiência cultural. A tradição não se renova, a vida não se reinventa. Estamos na asfixia da clausura”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Os pequenos capítulos dedicados à ocupação holandesa fazem menção à promessa de garantia dos direitos, desde os de consciência aos de propriedade”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Não posso dizer se há algo após esta vida, mas posso dar um conselho: Viva como se não houvesse, como se esta fosse sua única chance de desfrutar, amar, existir”.

Kleber Maux Dias

Página 10

Editorial

Tensão entre poderes

O Brasil assiste, nos últimos dias, um perigoso “duelo” entre dois de seus poderes constituídos: Legislativo e Judiciário. Um conflito que promete lances mais radicais, se alguém de bom senso não estancar as divergências e trabalhar para a boa convivência entre os poderes, como sempre foi de praxe em nossa República, com algumas exceções que não foram muita longe. Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal estão no foco desse conflito.

O conflito começou nas últimas semanas, com deputados articulando obstruções na Câmara e senadores votando projetos em reação às recentes decisões da mais alta instância do Judiciário. A bancada ruralista e a oposição na Câmara decidiram se alinhar ao movimento iniciado no Senado de confrontar decisões recentes de temas pautados no STF, com mais destaque sobre aborto, marco temporal, descriminalização das drogas e imposto sindical.

Os congressistas não se conformam com as decisões do STF sobre tais temas. Alegam que discuti-los é prerrogativa dos parlamentares. Nesse sentido, o presidente da Câmara, Artur Lira, chegou a afirmar que os Poderes da República precisam se manter dentro dos limites constitucionais e disse ter “absoluta certeza” de que o Congresso os obedece. Já o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), tem defendido que ministros do Supremo tenham mandato e que seja elevada a idade mínima para ingresso na Corte.

O presidente do Supremo, Luís Roberto Barroso, por sua vez, diz que vê com grande naturalidade a discussão sobre temas de interesse nacional no Congresso. “Eu compreendo. Compreender não significa concordar”, afirmou. “Em síntese, acho que o lugar em que se faz o debate público das questões nacionais é o Congresso, e, portanto, vejo com naturalidade que o debate esteja sendo feito, mas nós participamos desse debate também”, frisou.

Para piorar a situação, uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) aprovada nessa quarta-feira, 4 de outubro, em uma votação surpreendentemente rápida, pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado Federal, tem gerado intenso debate sobre os limites de atuação do Congresso em relação ao Supremo Tribunal Federal (STF). A PEC em questão busca limitar decisões monocráticas e pedidos de vista no STF, mas de acordo com alguns juristas a proposta é inconstitucional.

O argumento é de que a proposta do Congresso ultrapassa os limites de sua atuação e colide diretamente com um dos pilares da democracia brasileira, já que a PEC desrespeitaria o artigo 60 da Constituição Federal, que estabelece, no Inciso III, a separação e independência entre os poderes como cláusula pétrea. A população brasileira assiste a esse conflito preocupada.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A importância das rádios públicas

A rádio pública é um importante canal de divulgação científica, promovendo e valorizando a educação e a cultura de nosso país. Participei na semana passada, no Rio de Janeiro, de um evento que se propôs debater temas que abordavam a importância das emissoras radiofônicas mantidas pelo poder público. Independente do nível socioeconômico do ouvinte a rádio pública exerce uma missão enquanto instituição social.

Nesse encontro se faziam presentes representantes de quase todas as rádios públicas do país. Todos relatando suas experiências, na oferta interessante da prática de cada uma, mas, na uniformidade da compreensão de que o rádio público atua como agente cultural e educativo, interagindo, propondo e refletindo o inconsciente coletivo na linguagem específica de quem ouve. Unânime a programação eminentemente cultural que todos desenvolvem.

O rádio permanece ocupando espaço destacado na informação, na cultura e no lazer, em razão da facilidade com que penetra em lugares distantes e isolados. É um instrumento de participação popular e formador de opinião, promovendo a qualidade de educação e o crescimento cultural de todas as classes. Somos uma sociedade movida pela informação e, por isso mesmo, o rádio é o veículo mais utilizado pela população, sem distinção de idade e classe social.

Tive a oportunidade de comunicar o trabalho que vem sendo desenvolvido na EPC – Empresa Paraibana de Comunicação, por suas duas emissoras: a Tabajara AM, que está migrando para se transformar na Parahyba FM, e a Tabajara FM. Podemos dar conhecimento, não só dos projetos culturais idealizados e executados, como o Festival Paraibano da MPB, em sua sexta edição anual, mas, também, do Palco Tabajara que reúne e promove os nomes em evidência no cenário musical do estado. No jornalismo, ganham destaque os programas noticiosos, bem como as informações no campo esportivo e cultural. Apresentamos, por autorização da presidente da EPC, a jornalista Naná Garcez, a proposta de realização de um novo encontro das rádios públicas do Brasil, em João Pessoa, no mês de janeiro do próximo ano, quando está programada a inaugura-

ção da Parahyba FM, coincidindo com a celebração dos 87 anos de existência da Tabajara FM.

Não há como ignorar de que a rádio pública orienta o comportamento social, estabelecendo padrões que provocam o debate de temas para as conversas por meio da experiência compartilhada. A disseminação de informações e notícias imparciais estimula o agir dos indivíduos como cidadãos, em especial numa democracia, considerando o seu potencial de persuasão.

O rádio assume a forma de interação mais próxima, de amigo, companheiro, tornando-se o principal meio de integração cultural do país, sempre aberto ao diálogo e interatividade constantes com a sociedade. As emissoras públicas produzirem conteúdo não sensacionalista, variado e diversificado, pautando sua programação com debates de temas silenciados pelas emissoras comerciais. E aí reside a diferença das rádios da iniciativa privada, garantindo longevidade e sustentabilidade numa sociedade em constante transformação.

Final de contas, o rádio surgiu no Brasil como empreendimento público. Roquette Pinto montou uma sociedade de ouvintes que se cotizavam para ouvir música e notícias através das ondas da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923. A Rádio MEC, sua sucessora, comemorou, então, os seus cem anos de existência nesse evento do qual participamos, onde foram tratados temas como legislação, marcos regulatórios, programação, tecnologia e infraestrutura e migração digital.

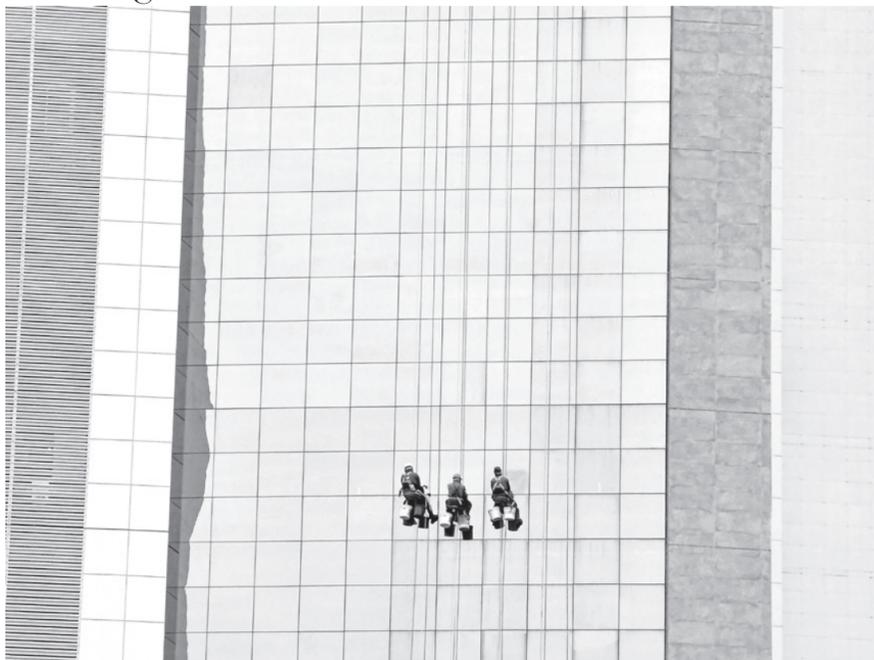
“

O rádio permanece ocupando espaço destacado na informação

Rui Leitão

Foto Legenda

Roberto Guedes



Uma tarefa difícil e perigosa

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Uma coisa puxa outra

Não há história completa, mesmo nos limites do seu tempo.

Na reclusão do sanatório, quando li a História da Revolução Francesa de Michelet, sobre a qual se atribui “uma ressurreição integral do passado”, ainda jovem, julguei sobrepôr-me ao desânimo da doença e à mediania de outros leitores do meu círculo. Não demorou muito, eis-me afrontado diante dos cinco ou seis volumes da grande revolução, só que escrita sob a visão hegeliana do socialista Jean Jaurés. Dispersivo como sempre fui, não passei do 2º volume, à espera de ocasião para entrar nos subterrâneos da luta de classe, ponto de vista do militante socialista, eloquente orador, assassinado num café de Paris.

Deixando essas lonjuras, a primeira história da Paraíba posta em minhas mãos, no Engenho Geraldo do doutor Pedro Tavares, irmão do autor, Manuel Tavares Cavalcanti, foi uma brochurinha tão bem escrita, tão enxuta e clara para um estudante de ginásio, que as versões posteriores, por mais enriquecidas, não me deixaram com mais funda cicatriz. Os pequenos capítulos dedicados à ocupação holandesa fazem menção à promessa de garantia dos direitos, desde os de consciência aos de propriedade. Cravou-me a primeira impressão, ainda que as sucessivas leituras feitas bem mais tarde não isentassem os portugueses de seu maior crime, a incursão arrasadora nas tribos ao norte do rio, desde a Copaoba ao trucidamento no Rio Grande do Norte, na descrição irada de Câmara Cascudo.

Do ponto de vista dos sem-terra, dos que ficaram e continuam à margem da casa grande, colonizador por colonizador não merece troco ou volta. Duarte da Silveira, fundador e benfeitor da Filipeia, entrando com seu bolso na construção do casario inicial, terminou, coitado, aos 80 anos, pagando com a prisão sua não-resistência ao invasor de língua intraduzível.

Falam que a primeira impressão é a que fica. Mesmo que eu tenha passado de raspão por trabalhos exaustivos como os de Evaldo Cabral de Melo, a versão da pequena brochura, escrita em trinta dias, sob encomenda do presidente Castro Pinto e destinada à esco-

“

Os pequenos capítulos dedicados à ocupação holandesa fazem menção à promessa de garantia dos direitos, desde os de consciência aos de propriedade

Gonzaga Rodrigues

la, ainda hoje rende, mais de setenta anos depois, vindo à tona com a publicação da carta de despedida de Nassau da terra que ele deixou com saudade partindo com sua frota daqui deste extremo oriental.

Li e me adoecei com a carta. Concordo com Ademilson José: “Em poucas linhas (o conde) conseguiu resumir de forma magistral quase que todas as suas obras, e com o mérito também de falar da função ou importância de cada uma no contexto geral (...) e na paralela de tudo isso (...) um profundo desabafo muito bem dosado de lamentações sobre coisas que não pôde fazer ou que não teve como evitar, a começar pela destruição de Olinda que os holandeses fizeram bem antes de sua chegada a Pernambuco”.

A carta, até lírica, vale, sem dúvida, como precioso documento da incongruência humana diante da conquista, da ganância, tanto ontem como hoje, quando, no nosso país de verde abundância capaz de alimentar o mundo, os dois ou três por cento com esse poder vivem muito bem e deliciosamente ao lado de 73 milhões de irmãos famintos.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

EMPREENDER PARAÍBA

Crédito beneficia 12 mil paraibanos em cinco anos

Projeto auxilia empreendedores que não teriam empréstimo em bancos oficiais

Iluska Cavalcante
 cavalcanteiluska@gmail.com

Cerca de 12 mil microempreendedores do Estado puderam abrir ou melhorar o seu negócio por meio do Programa Empreender Paraíba, nos últimos cinco anos. Esse número representa, na sua grande maioria, aqueles que não teriam a oportunidade de conseguir empréstimo em bancos oficiais.

Além do benefício individual e social, o programa ainda conseguiu injetar R\$ 130 milhões com o valor do crédito em todos os 223 municípios do Estado. De acordo com o secretário do Empreender Paraíba, Fabrício Feitosa, o programa surte efeito direto e indireto na economia. Além do valor normalmente ser utilizado dentro do Estado ou mesmo nas próprias cidades, cada empreendedor é responsável por distribuir novos empregos.

“O nosso objetivo é a redistribuição de renda através do investimento de crédito. Um papel importante, uma vez que a gente sabe que 80% das vagas de emprego partem do microempreendedor. Quando o empreendedor chega com esses investimentos a gente percebe que isso costuma dar uma força maior na economia de cada município, uma vez que as pessoas executam na própria cidade, comprando os seus pro-



“Cada empreendedor é responsável por distribuir novos empregos”, declara Fabrício Feitosa

Valor

Apenas em 2023, R\$ 17 milhões já foram aplicados e R\$ 10 milhões estão em andamento com a assinatura de novos contratos

duto e contratando pessoas de lá”, disse.

Nos últimos anos o programa tem recebido novos investimentos por parte do Governo do Estado. Da meta inicial de R\$ 20 milhões anuais, hoje o empreendedor libera R\$ 30 milhões por ano na economia paraibana, com a expectativa desse valor aumentar para R\$ 35 milhões a partir de 2024.

Apenas em 2023, R\$ 17 milhões já foram aplicados e R\$

10 milhões estão em andamento com a assinatura de novos contratos.

“Podemos destacar que a disponibilidade do governador em autorizar recursos gradualmente crescentes. A cada ano investe mais. Porque a cada ano tem sido compreendido que investir na microeconomia traz resultado e por conta disso o programa tem sido fortalecido para redistribuir para a população”.

Fomento e elaboração do plano de negócio

Beneficiário tem orientação para que o dinheiro seja investido da forma mais eficaz possível

Com a desburocratização do processo e um acompanhamento que vai da elaboração do plano de negócio, capacitação e execução, além da função econômica, o Programa Empreender Paraíba tem um importante papel social. Isso porque atende aqueles que, na maioria dos casos, não conseguiriam ser beneficiados pelos bancos oficiais.

“A gente costuma dizer que o Empreender existe para cumprir uma função que os

bancos não conseguem cumprir, de atender o mais vulnerável que não tem acesso aos bancos oficiais. O Empreender cumpre um papel de fomento através do benefício do crédito mas também social na medida que está colocando as pessoas que não seriam atendidas no mercado”, afirmou Fabrício Feitosa.

Do cadastro até o após a execução do plano de negócio, o empreendedor consegue ter um acompanhamen-

to especializado para que o dinheiro seja investido da forma mais eficaz possível. “A partir do momento que a pessoa se cadastrar, ela vai passar por um processo de capacitação, em seguida o técnico de empreendedor faz uma conversa para elaborar o plano de negócio e após a recepção do crédito faz o acompanhamento eventual da aplicação do recurso, para saber se conseguiu aplicar da forma correta”.

Crédito para pessoas físicas e jurídicas

O Empreender Paraíba tem 12 linhas de crédito diferentes. Para pessoas físicas, são elas: Empreender Pessoa Física, Juventudes, Profissional Liberal, Profissional Liberal Juventudes, Mulher, Artesanato, Motociclista Profissional, Cultural. Já para pessoa jurídica, as linhas são: Empreender Pessoa Jurídica, Cooperativas, Inovação Tecnológica, Cultural e Empreender Solar.

De acordo com o secretário Fabrício Feitosa, o Empreender Solar foi lançado recentemente e tem o objetivo de ajudar os empreendedores que pretendem realizar a conversão da energia fotovoltaica. “Isso contribui para que eles se livrem dos

custos. É um investimento que depois será benéfico para o negócio deles. É outra forma que o Empreender encontrou de auxiliar os empreendedores na redução dos gastos com energia”, avaliou Fabrício Feitosa.

Inscrições abertas

O Empreender Paraíba está com inscrições abertas com 840 vagas para 30 municípios diferentes. As linhas de crédito que serão contempladas são para as linhas de crédito: Empreender Pessoa Física, Empreender Juventudes, Empreender Profissional Liberal e Empreender Profissional Liberal Juventudes.

Os empreendedores in-

Edital

Equipe orienta os interessados a fazerem a leitura do Edital disponível no site para verificar a documentação obrigatória de acordo com a linha de crédito

teressados em obter recursos para ampliar ou abrir seus negócios devem realizar seus cadastros no site do Programa Empreender

PB www.empreender.pb.gov.br, clicando em “Inscrições”. A equipe orienta aos interessados fazerem a leitura do edital disponível no site para verificar a documentação obrigatória de acordo com a linha de crédito.



Aponte para o QR Code e acesse os programas do Empreender

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com



Foto: Diretório do PT

ELEIÇÃO DO DIRETÓRIO DO PT EM JOÃO PESSOA TERÁ EFEITOS SOBRE POSTURA DA LEGENDA EM 2024

Neste domingo, o PT realiza eleições para a escolha dos presidentes dos seus diretórios municipais. A maior expectativa é quanto a eleição do diretório de João Pessoa, uma vez que será este que irá conduzir os encaminhamentos para as eleições municipais do próximo ano. A disputa será entre Antônio Barbosa, ligado ao grupo do ex-governador Ricardo Coutinho, e que é mais enfático na defesa de uma candidatura própria na capital, e Marcus Túlio, que tem o apoio do grupo do presidente estadual do partido, Jackson Macêdo (foto), que defende a manutenção da aliança da legenda com o PSB do governador João Azevêdo e, por conseguinte, o apoio ao projeto de reeleição do prefeito Cícero Lucena (Progressistas) – os socialistas irão indicar o candidato a vice como o fizeram em 2020 e a tendência é que seja mantido na chapa o nome do vice atual, Léo Bezerra.

“VIVA A DEMOCRACIA INTERNA”

Nas redes sociais, Jackson Macedo fez convocação aos filiados: “[Neste] domingo o PT realiza o seu Processo de Eleições Diretas que renovará as direções municipais em todo país. Convocamos filiados e filiadas a participarem desse momento tão importante na vida do nosso partido. Viva a democracia interna do PT!”. A eleição se inicia às 9h e vai até as 17h.

AGORA, SÓ EM 2026

Na sexta-feira encerrou-se o prazo para que a minireforma eleitoral pudesse valer para as eleições de 2024 – é que a legislação determina que alterações para fins eleitorais precisam ser sancionadas ou promulgadas no mínimo um ano antes do próximo pleito. O senado segue analisando a matéria, mas mudanças nas regras só passarão a valer para as eleições gerais de 2026.

O TEMA MAIS POLÊMICO

Um dos temas que mais gerou polêmica no Senado foi o que trata das mudanças nos critérios para o cálculo da inelegibilidade. Muitos consideram que houve um afrouxamento da Lei da Ficha Limpa, que gera a perda de mandato. Pela regra atual, o prazo começa a ser contado a partir do final do cumprimento da pena. No texto aprovado na Câmara dos Deputados, a contagem se inicia após o trânsito em julgado da sentença.

DEU PARECER CONTRÁRIO

Parecer da procuradora-geral da República (PGR), Elizeta Ramos, apresentado em ação do partido Rede questiona emenda constitucional que, na prática, anistia os partidos que descumpriram a cota mínima de recursos para candidaturas de mulheres e negros nas eleições antes de 2022. O partido pede que o Supremo Tribunal Federal (STF) invalide trechos da emenda.

“SIGNIFICAM UM RETROCESSO”

Em seu parecer, a procuradora-geral Elizeta Ramos é taxativa: “Os arranjos legislativos que, por qualquer modo, impliquem sub-representação de mulheres e de negros na política para alguém dos patamares já alcançados [...] significam inadmissível retrocesso em políticas afirmativas voltadas a assegurar isonomia política de gênero e racial”, afirmou Elizeta Ramos.

SOB RISCO DE CONDENAÇÃO, BOLSONARO FAZ ATAQUE AO TSE

Está agendado para a próxima terça-feira o julgamento de três ações de investigação eleitoral contra o ex-presidente Jair Bolsonaro e o ex-candidato a vice-presidente Walter Braga Netto, no TSE – eles são acusados de abuso de poder político, por terem supostamente utilizado os palácios da Alvorada e do Planalto para promoção eleitoral. Sob risco de nova condenação, Bolsonaro foi para o ataque: “É um julgamento político, de esquerda, que tem acontecido lá”.

Foto: Roberto Guedes



Dulcerita Alves

Ouidora da Mulher do MPPB

“O ápice da violência é o feminicídio, mas ele tem início nos crimes de honra”

Resultado da dissertação de mestrado de promotora gerou um projeto de lei que objetiva ampliar proteção das mulheres

Taty Valéria
tatyavaleria@gmail.com

As conclusões da dissertação de mestrado da ouvidora da Mulher do Ministério Público da Paraíba, promotora de Justiça Dulcerita Alves, tornaram-se o Projeto de Lei nº 4315/2023, que altera o artigo 145 do Código Penal Brasileiro. A proposta acrescenta que, nos crimes contra a honra que ocorrerem em situação de violência doméstica, não seja necessária uma ação civil. O projeto de lei foi protocolado e segue agora para tramitação na Câmara dos Deputados, em regime de prioridade. A iniciativa foi gerada a partir da dissertação “As mulheres vítimas de violência doméstica e seu protagonismo processual: propostas de mudanças legislativas para a participação ativa das mulheres nos processos-crime em que se apura a violência doméstica”, defendida neste ano no Programa de Pós-Graduação em Direito da UFRN.

Em entrevista ao Jornal A União, a promotora Dulcerita explicou como irá funcionar a alteração na lei, contou sobre sua atuação no Ministério Público Estadual em relação à violência doméstica, afirma que as leis brasileiras são as mais avançadas do mundo nesse sentido e destacou a importância da educação no combate à pandemia de violência contra a mulher.

Entrevista

■ A senhora tem uma atuação de mais de 10 anos dentro do Ministério Público da Paraíba no que diz respeito à violência doméstica, como foi essa trajetória?

Entre há 20 anos no Ministério Público Estadual e há cerca de 10 anos comecei a me especializar na área de violência doméstica. Fui “escolhida” pela área porque existiam muitos processos, uma demanda muito grande e o promotor à época precisou de alguém para auxiliá-lo, era a promotoria que tinha mais processos. Comecei a fazer cursos de capacitação, fiz um curso na Itália, Espanha e Portugal e fui convidada pelo Conselho Nacional do Ministério Público para fazer uma visita a Madri para conhecer como funcionava lá. Era um curso institucional para saber como se combatia a violência doméstica lá na Espanha.

A Lei Maria da Penha não existe em nenhum lugar do mundo, e na minha opinião é a melhor lei do mundo no combate à violência doméstica. Tudo está na lei, mas precisamos deixar claro que existe um Código Penal, dos anos 1940: é uma lei avançada para um código velho, então como conciliar isso? E é sim uma questão pandêmica, é no mundo todo. A primeira vez que ouvi o termo pandemia não foi no contexto da Covid.

■ É possível atribuir um perfil de vítimas de violência doméstica?

Costumo dizer que a violência doméstica é “democrática”. Está em todas as classes sociais, idades, raça. É um equívoco acreditar que a violência doméstica só acontece com mulheres pobres e negras. Se formos aos números, e no meu mestrado fiz essa pesquisa, as mulheres negras realmente aparecem mais, mas isso não quer dizer que as mulheres brancas não são vítimas. Todas sofrem, mas são as mulheres negras que mais denunciam. As mulheres

que não trabalham, que não são independentes financeiramente têm vergonha de ir a uma delegacia. Já as mulheres com baixa escolaridade e que vivem em ambientes sociais mais vulneráveis têm mais coragem, é como se sentissem menos vergonha.

São vários pontos aqui, primeiro porque elas (mulheres de classe média e classe média alta) foram criadas para casar e não se separar. É a vergonha da família, da sociedade, sofrem preconceito dos seus pares. “Uma mulher com tanto dinheiro e sofre violência?” sendo que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Mas é sempre preciso lembrar e relembrar que a culpa nunca é da mulher. Quando falamos com uma mulher vítima de violência doméstica a primeira coisa que precisamos deixar de lado é o preconceito. Precisamos entender e acolher porque se a mulher não tem uma rede de acolhimento próxima, ela vai começar a sofrer violência e não vai ter nem a quem dizer, e isso, vira uma bola de neve.

■ A sua tese de mestrado se transformou no Projeto de Lei 4315/2023, que altera o Código Penal para acrescentar os crimes de honra quando este ocorrer em situação de violência doméstica. O que seriam os crimes de honra?

Crimes de honra, de forma geral, são aqueles que atingem a honra da pessoa. Os crimes contra a honra são calúnia, injúria e difamação, que são três coisas diferentes. Na perspectiva de gênero, podemos definir da seguinte forma:

Calúnia é quando se atribui à mulher, um crime. Chamar de ladra, por exemplo. Injúria é atribuir uma qualidade negativa: chamar de preguiçosa, por exemplo. E a difamação é levantar um fato, que não é crime, mas é negativo. Dizer que a mulher estava olhando para outros homens, que está escondendo coisas no celular, em dizer que ninguém da sua família “presta”...

São formas de destruir a autoestima da mulher e se confunde muito com a violência psicológica. Todos esses três crimes – calúnia, injúria e difamação – precisam de um advogado para que a vítima entre com uma representação. São crimes subjetivos porque só você sabe o quanto aquilo te atinge e isso se torna uma ação privada.

Na minha pesquisa de mestrado entendi que todos esses crimes de honra existiam antes da violência. O ápice do ciclo de violência é o feminicídio, mas ele tem início nos crimes de honra. Nem todo crime contra a honra termina em feminicídio, mas todo feminicídio encerrou um ciclo que começou com os crimes de honra que foram invisibilizados.

Do jeito que está posto na lei, o crime de honra precisa de um advogado, e qual a mulher que vai à delegacia, agredida e ferida, vai atrás de um advogado? Elas sentem vergonha até de repetir os xingamentos que recebem.

■ E como irá funcionar na prática o Projeto de Lei 4315/2023? Qual será o principal diferencial?

Durante minha pesquisa, percebi que todos os casos de violência doméstica, dentro da minha amostra, possuíam crimes contra a honra que não foram oferecidas queixas-crime no prazo de seis meses (que é o prazo estabelecido no Código Penal para se apresentar queixa-crime contra crimes de honra). Então qual a mudança proposta no projeto de lei? Continuar o prazo de seis meses para se apresentar queixa-crime, com exceção da vítima ser mulher e em contexto de violência doméstica. Então, a ação passa de privada para condicionada à representação. É uma mudança muito significativa e traz protagonismo para a mulher no sentido de que basta que a vítima queira representar, autorize a denúncia junto ao Ministério Público. Essa ação pode diminuir os crimes de feminicídio porque vai funcionar como um freio porque os homens têm medo do processo. E apesar da pena por crime de honra não ser alta, ela se “junta” à pena por agressão.

■ Como funcionou o diálogo com os parlamentares paraibanos para incluir a apreciação do Projeto de Lei 4315/2023 na Câmara Federal? Quais os próximos passos?

A conversa com os parlamentares foi articulada pelo Ministério Público. Conversei com Leonardo Quintans, que é o presidente da Associação Paraibana do Ministério Público, apresentei o projeto e ele sugeriu procurar algum parlamentar paraibano que demonstrasse interesse na ideia. Coincidentemente eu estava em Brasília participando de um grupo de trabalho do MP sobre gêne-

ro e Leonardo Quintans me convidou para apresentar o projeto ao deputado federal Gervásio Maia, que foi muito receptivo. Não é um projeto polêmico, não é contraditório, nem inconstitucional. Precisamos divulgar mais para que a sociedade conheça esse projeto e cobre seus parlamentares para que seja aprovado.

O projeto vai passar pelas comissões da Câmara Federal, começando pela CCJ (Comissão de Constituição e Justiça), e a expectativa é que passe por todos os trâmites formais sem muito atropelo nem polêmica.

■ Casos de violência doméstica e feminicídios na Paraíba vêm ganhando destaque na mídia e a percepção geral é que estão aumentando os casos. Como a senhora avalia essa percepção da sociedade?

Os crimes não aumentaram. O que acontece é que estão sendo mais visibilizados. As mulheres estão tendo mais coragem e estão com a consciência de que são vítimas de violência doméstica, porque muitas delas ainda não se percebem dentro de um ciclo de violência. Quando comecei a trabalhar com esse tema, o Ministério Público realizou uma campanha chamada “Não é amor, é violência!” que servia para mostrar que o controle e o ciúme não são demonstrações de amor.

■ É possível identificar os primeiros sinais de comportamento que podem desencadear situações de violência doméstica?

Tem como identificar os primeiros sinais, mas, para isso, a mulher precisa ser consciente, por isso a necessidade de campanhas de conscientização, informação, campanhas nas escolas, porque ela precisa entender que isso que ela está sofrendo é violência. Ciúme excessivo, controle social, proibir de falar com sua rede de apoio (mãe, irmãs, familiares, amigas, colegas de trabalho) e isso é bem importante de se mencionar porque quando uma mulher sofre a primeira violência, é com essa rede que ela desabafa. É preciso prestar atenção nas mulheres ao nosso redor: adoecimento, machucados, faltas ao trabalho... a rede de apoio precisa estar atenta aos sinais e, geralmente, essa rede descobre que a mulher é uma vítima, antes mesmo que ela própria perceba.

É preciso que as pessoas também acendam esse alerta, especialmente no que diz respeito à violência psicológica porque ela é muito difícil de perceber pois não deixa marcas físicas. Um murro na parede, destruir objetos, maltratar ou mesmo matar um animal doméstico... são violências graves, mas que não deixam marcas físicas.

■ Como a senhora relatou, os dados de vítimas de violência doméstica e feminicídios revelam uma situação de pandemia. A longo prazo, qual seria um caminho para diminuir esses números?

É preciso uma educação desde a escola. A educação é o melhor caminho possível. Desde cedo, fazer as crianças entenderem o que é violência doméstica. Os filhos são as vítimas indiretas da violência doméstica e o que vejo muito no meu trabalho são filhos que veem as mães sendo agredidas e repetem o comportamento com suas companheiras, e meninas que também repetem o comportamento das mães.

Inclusive a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (de 2021) incluiu o conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da Educação Básica, e instituiu a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher. Eu não sei se isso vem sendo feito, mas está na lei e precisa ser cumprido.

■ Um projeto que vem gerando resultados positivos são os grupos reflexivos para homens envolvidos em situações de violência doméstica e a senhora trouxe essa experiência para a Paraíba. Como avalia os resultados?

Na verdade, essa ideia é uma inspiração do Rio Grande do Norte, quando fui conhecer, em 2018, os grupos reflexivos para homens. Começamos com um projeto-piloto, com homens que estavam com as suas mulheres, ou queriam voltar para as suas mulheres, ou as mulheres queriam que eles repensassem seus comportamentos. Foi muito emocionante!

Eu vi que o caminho era esse porque não adianta só a repressão. É preciso incluir a reflexão e a prevenção. Nos grupos se trata de questões como a reflexão sobre papéis familiares e conflitos de convivência. Muitas vezes eles dizem que viam a mãe apanhando e achavam que aquilo era normal. Aí eles diziam “doutora, por que eu não posso bater na minha mulher?” como se aquela mulher fosse um objeto, um patrimônio. Os grupos fazem com que eles entendam e muitos deles terminam até agradecendo.

É tão interessante porque eles começam com raiva e terminam agradecendo. É um ciclo como se fosse uma justiça restaurativa. Mas não é restaurativa no sentido de obrigar o homem a voltar para a mulher. É restaurativa para ele entender o que aconteceu. Perceber que aquilo ali é um ciclo de violência e que, se ele quiser voltar para a mulher, ele vai voltar restaurado. Mas, também, se ele não quiser, ele vai voltar para outra mulher, conhecer outra pessoa, refazer sua vida, sem a violência. Os resultados são considerados muito positivos, com reincidência mínima.



Foto: Ortilo Antônio

Crianças, adolescentes e adultos do projeto, além de terem aulas de violão, teclado, flauta, canto e coral, teatro e treinamento funcional, também são contemplados com um espaço para leituras

DE MÃOS DADAS

Arte e cidadania para uma cultura de paz

Grupo de policiais em Bayeux comemora resultados de projeto que une polícia e famílias contra a violência

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Reduzir os índices de violência a partir de uma cultura de paz, num pacto feito pelo diálogo e convivência entre a comunidade e a Polícia Militar. Esse é o objetivo do projeto “De mãos dadas com a comunidade”, desenvolvido pela 4ª Companhia Independente de Polícia Militar (CIPM), na Unidade de Polícia Pacificadora do Conjunto Mário Andrezza, município de Bayeux. Inaugurada em 2014, desde 2016 a unidade passou a funcionar como um lugar de cultura e arte, que além de ensinar sobre cidadania, reduziu de forma significativa os índices de violência na região.

Idealizador do projeto, o capitão Alessandro de Souza Silva conta que a ideia surgiu a partir de uma demanda da própria comunidade. “Foi a própria comunidade que pediu a intervenção do poder público. Um arrastão numa escola, na época, foi o estopim. Selecionamos policiais que tinham o perfil de trabalhar junto com a comunidade, que tinham habilidades, como o professor de música com formação e que já tocou em banda, o professor de

artes cênicas com mais de 30 anos de história no teatro, o professor de treinamento funcional que tem formação em Educação Física, psicólogo que faz atendimento aqui, todos policiais militares. A comunidade comprou a ideia e

Foto: Evandro Pereira



Capitão Alessandro é o idealizador do projeto, que congrega a comunidade

foi bastante participativa”, conta.

Atualmente, o projeto atende, em média, 500 pessoas entre crianças, adolescentes, jovens e adultos, funciona nos três turnos com aulas de violão, teclado, flauta, canto e coral, teatro e treinamento funcional. Além de realizar apresentações de música, festivais de teatro e colônia de férias. capitão Alessandro comemora a queda nos números de violência. “Chegamos a passar mais de 100 dias sem registrar nenhum homicídio, o que nunca aconteceu no bairro. Antes era uma média de 12 a 15 homicídios por ano e conseguimos reduzir para dois”.

Por atender faixas etárias diversas, o projeto consegue abarcar três gerações de uma mesma família. “Hoje nós temos vários jovens aqui que começaram ainda crianças. Eles cresceram, se casaram, tiveram seus filhos e sustentam suas famílias. Temos um histórico bem positivo com a comunidade”, diz Alessandro. “O projeto tem uma importância enorme aqui no bairro, as pessoas conversam, confiam. É um panorama bem diferente do que se vê em outros bairros, onde a polícia está lá para fazer o trabalho ostensivo e repressivo, e aqui é diferente”, finaliza.



Janielle canta na igreja e participa do projeto para se especializar; já Vinícius recebeu influência de amigos



Fotos: Evandro Pereira

Um espaço reservado para todas as idades

Dona Josane Sousa, que desde 2019 faz aulas de violão e teclado, é um exemplo do trabalho da UPS que atravessa gerações. “Sempre tive vontade de aprender. É importante demais especialmente para os nossos jovens que tem algo pra fazer ao invés de ficar na rua. Minha filha fez violão

soas continuam com preconceito, acham que é um lugar muito perigoso. Já vai fazer mais de 30 anos que moro aqui eu tenho visto que a violência diminuiu muito”, afirma.

Vinícius Venâncio, 18 anos, começou a participar por influência dos amigos e porque sempre teve interesse em aprender a tocar algum instrumento. “Eu sempre tive uma imagem boa da polícia, como uma força necessária no combate à criminalidade, mas no convívio aqui eu percebi que eles são totalmente diferentes do que muita gente pensa. Faço violão, teclado e canto. Quero aprender e quem sabe, voltar para o mesmo lugar para ensinar outras crianças, estou disposto!”, diz o jovem, que entrou no projeto em 2017.

Dona de uma voz potente, Janielle Januza, 31 anos, começou a cantar na igreja aos 18 anos, mas começou a frequentar as aulas de música para se especializar. “Quando eu soube que o projeto era aqui no meu bairro, fiquei muito interessada. As obrigações com os filhos me fizeram esperar um pouco, mas agora chegou a minha hora. Quero me profissionalizar e futuramente ser uma professora também. A minha meta é essa”, diz a mãe de três filhos.

“

Eu sempre tive uma imagem boa da polícia, como uma força necessária no combate à criminalidade

Vinícius Venâncio

e minha neta fez teclado e meu outro neto fez aula de desenho, já vim através deles. Pra mim tem sido uma experiência maravilhosa, eu amo aprender”, diz a aluna aplicada, que reconhece a queda na violência na comunidade. “Quem mora aqui há muito tempo sabe como era esse bairro e ainda hoje algumas pes-

Comunidade e polícia se apoiam em Bayeux

Capitão Claudemberg Santos, subcomandante da 4ª Companhia Independente de Bayeux, considera que o projeto tem uma importância significativa na comunidade. “Muitas vezes a Polícia Militar só tem o enfrentamento com a criminalidade e essa parte da prevenção fica em segundo plano. Então essa Unidade de Polícia Solidária aqui no Mario Andrezza, com a determinação do comandante-geral, coronel Sérgio Fonseca de Souza e nosso comandante direto, major Alberto Sena, temos estimulado as ações da UPS, feito florescer alguns projetos que estavam adormecidos e com isso, trazer jovens e crianças para dentro da UPS”, afirma o subcomandante.

Com experiência de 30 anos no teatro, o sargento Izaqueu se mostra orgulhoso do trabalho que vem sendo realizado. “Quando surgiu essa oportunidade, eu quis participar. No início foi um desafio, mas é gratificante. Recebemos carinho das famílias, somos convidados para as festas de aniversário, para almoçar. Nos sentimos parte da comunidade. Essa integração vem dando certo. Temos alunos que começaram nas aulas de teatro e já estão escrevendo e dirigindo”, diz o sargento, que está organizando a próxima mostra de teatro, que será realizada de 23 a 28 de outubro e contará com a presença de grupos de Patos, Lucena e Alagoa Grande.

Já para o sargento Rodrigo, oficial de violão, teclado, técnica vocal, canto e coral, desde 2016 e que faz parte da equipe fundadora do projeto, a ação “De mãos dadas com a comunidade” na Unidade de Polícia Pacificadora do Conjunto Mário Andrezza, desenvolve um trabalho que vai muito além das aulas de música. “Pra mim isso aqui é uma realização de vida. Antes de ser policial eu já era músico e conseguir unir o amor que eu tenho pela profissão de policial com o amor que eu tenho pela música é uma sensação indescritível. Como agente da lei costumava dizer que ensinamos cidadania através da música”, finaliza o sargento.

Fotos: Evandro Pereira



Capitão Claudemberg é o subcomandante da CIPM, enquanto que os sargentos Roberto e Izaqueu são instrutores dos alunos

OUTUBRO ROSA

Autoestima faz parte do tratamento

Mulheres que venceram o câncer falam da importância de recursos como a prótese mamária, capilar e perucas

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

“O câncer não vai me abalar”. Mesmo com o primeiro impacto causado pelo diagnóstico de câncer de mama aos 27 anos, a fisioterapeuta Maria Teresa Morais decidiu “não descer do salto”. Vaidosa, ela fazia questão de ir a todas as consultas com o cabelo arrumado e maquiagem. Porém, nem todas as mulheres que enfrentam o tratamento contra o câncer conseguem manter a autoestima.

Algumas preferem se isolar ao perceber a queda do cabelo e passar pela mastectomia. Além de elevar a autoestima das mulheres, a cirurgia de reconstrução da mama, assegurada por lei, também garante qualidade de vida e saúde. As perucas ou próteses capilares e tatuagens de mamilo também são mecanismos que ajudam as mulheres no processo de se reconhecerem após a retirada da mama.

“Fiz a mastectomia. Teve aquele impacto todo, porque foi uma mutilação. Eu com 27 anos, cheia dos sonhos, estava na minha graduação, tinha sonho de ter filho, me formar, casar, viajar, e naquele momento veio a reflexão: eu tô conquistando agora as minhas coisas, eu queria ter um filho planejado e de repente veio a doença”, conta Teresa.

Na mesma cirurgia que fez a remoção, o cirurgião plástico também realizou a reconstrução mamária de Teresa. “Eu ganhei uma micropigmentação das sobrancelhas, então entrei no bloco cirúrgico com as sobrancelhas feitas, escovei meu cabelo, pintei. Depois de alguns meses ele caiu todo, mas tudo bem”, lembra.

Para ela, fazer as unhas, se maquiarem e usar prótese capilar não representavam apenas um cuidado com a beleza, mas parte do seu tratamento. “Autoestima não é estética, é psicológico. É

fundamental você estar bem para enfrentar o tratamento, as consultas, as sessões de quimio”, avalia Teresa.

Ouvir da mastologista que teria que fazer a retirada completa da mama foi motivo de lágrimas e desespero para Kelle Silva. Os cabelos, que estavam na altura da cintura, também iriam cair durante o tratamento, conforme anúncio feito pela médica. Ela descreve o momento como sendo o segundo impacto, logo após ser diagnosticada com câncer de mama. Kelle guarda na memória a data exata que entrou no bloco cirúrgico: 27 de julho de 2019, às 13 horas, 30 minutos e 57 segundos.

O procedimento que teria duração de uma hora e meia chegou a cinco horas. Ela conta que durante a cirurgia a equipe médica constatou oito linfonodos comprometidos em sua axila e fez a retirada com o esvaziamento. “Quando eu cheguei no quarto tive um choque. Não foi fácil”, relembra.

Aos poucos, o cabelo começou a cair e Kelle já não se reconhecia ao ver sua imagem no espelho. “Você perde sua identidade, a sua referência. Você está mutilada, sem cabelo e a sociedade está com pena de você. Você em que dar conta de casa, da família, do seu filho e dos olhares e desprezo das pessoas, que é o que mais mata a gente. A sociedade é preconceituosa”, lamenta.

Nos momentos em que tentava cuidar da aparência ela esbarrava no preconceito das pessoas que acreditavam ser o câncer uma doença contagiosa. No ano de 2021 ela fez a cirurgia de reconstrução da mama, no Hospital São Vicente. Ela descreve o procedimento como sendo “vida” e lembra a primeira vez que vestiu um biquíni e foi à praia. “Foi a melhor sensação do mundo. Quando o meu cabelo voltou a crescer, quando coloquei a prótese eu vi minha vida voltando ao normal”, descreve.



Fotos: Ortilo Antônio

Maria Teresa fez mastectomia aos 27 anos e disse que é fundamental estar bem para enfrentar a doença



Eu tive que quebrar vários tabus para chegar aqui. Mas me sinto como uma borboleta. Quando ela sai do casulo, o céu é o limite porque ela não tem mais barreiras. Quando ela se aceita, quando aceita aquela condição que ela não escolheu, mas ela teve que sobreviver a toda aquela tempestade, o céu é o limite

Kelle Silva

Câncer faz mulheres terem contato com medos e incertezas, diz psicóloga

Como ficará minha aparência durante o tratamento? O cabelo vai cair? Serei abandonada por meu companheiro (a) e amigos por causa da aparência? Vou perder o emprego? A psicóloga Lanna Elias explica que esses questionamentos são feitos por várias mulheres diagnosticadas com câncer de mama. Segundo ela, essas inseguranças geram um tensionamento e conflito interno que interferem diretamente no processo saúde-doença.

“Seria um momento que ela poderia estar focada no seu tratamento, mas outras questões correlacionadas às próprias emoções acabam também fazendo parte, o que é natural já que nós somos humanos isso nós somos nutridos por emoções. Mas esses sentimentos precisariam ser melhor trabalhados para que esse processo de tratamento funcione da melhor forma possível”,

Etapa

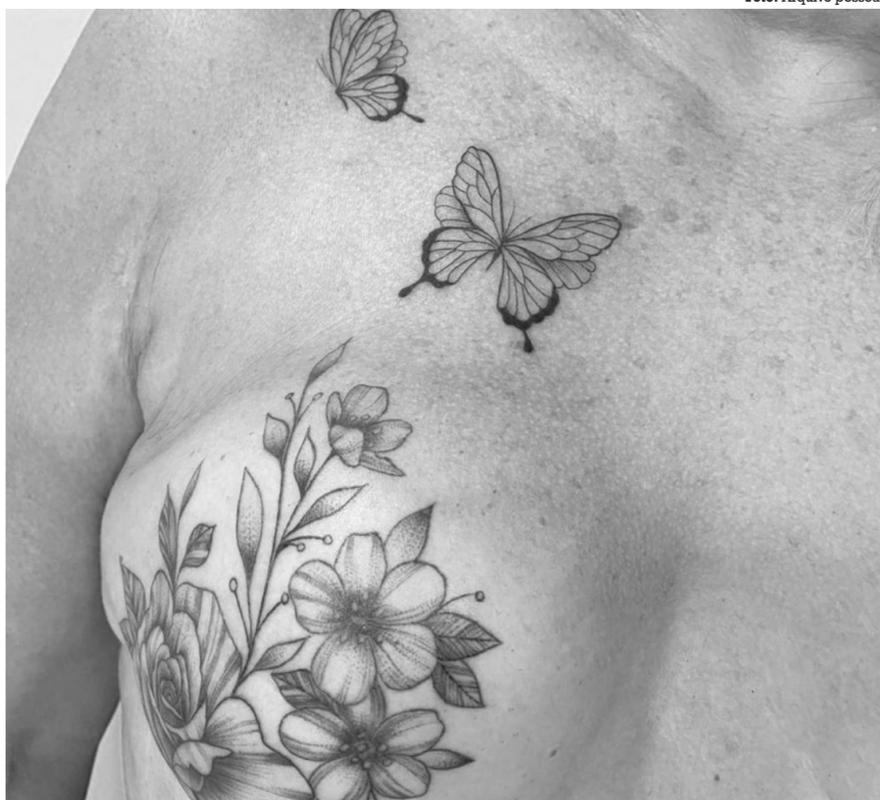
Lanna Elias descreve o processo, desde a descoberta da doença, como um luto, pela perda da saúde e também pela aparência que vai sofrer alterações com o tratamento

pontuou a psicóloga. O câncer faz com que a mulher entre em contato com inseguranças, medos, dúvidas, incertezas sobre o futuro e isso por si só afeta a sua vida. A psicóloga descreve o processo, desde a descoberta da doença, como um luto, pela perda da saúde e também pela aparência que irá sofrer alterações provocadas pelo tratamento.

“A gente fala sobre o significado do luto da perda da aparência que se tinha antes. Consideremos também que a nossa sociedade é estética. Ela exige, principalmente do corpo feminino, um padrão estético que é inalcançável, inatingível, até porque nós atualmente falamos inclusive sobre a importância de as mulheres compreenderem os seus próprios corpos, de entenderem as suas de acolherem a si mesmo”, pontuou a psicóloga.

Tatuagem ressignifica a cicatriz deixada pela mastectomia

Foto: Arquivo pessoal



Dini Carvalho atende mulheres que tiveram câncer e faz tatuagens após a reconstrução mamária

Traços, tintas e cores se misturam para dar um novo significado às mulheres que fizeram mastectomia. No estúdio de Dini Carvalho, as mulheres que a procuram para fazer a tatuagem do mamilo após a reconstrução mamária chegam na maioria das vezes fragilizadas por tudo que a cicatriz representa. No local, elas encontram acolhimento e o diálogo que vai melhor direcionar para escolha da tatuagem.

As mulheres optam principalmente por tatuar uma arte na mama. “Eu me sinto extremamente honrada de ser escolhida por essas mulheres e ao mesmo tempo eu consigo vibrar junto com elas. Eu sinto a felicidade delas quando a gente consegue cobrir essa cicatriz e ressignificar. Trazer um significado bonito para essas cicatrizes. Apesar do sofrimento que a doença traz, o fato da pessoa tá viva é uma vitória

Remoção da mama e queda do cabelo afetam diretamente a autoestima por provocar a sensação da perda da feminilidade

ria e ela tem que ser celebrada”, avaliou a tatuadora Dini Carvalho.

O psicólogo Michel Praxedes afirma que, por ser a mama um símbolo da feminilidade, a sua remoção causa grande impacto nas mulheres, assim como a queda do cabelo. Ele explica que a soma das duas consequências do tratamento afeta diretamente a autoestima por provocar a sensação de perda da feminilidade.

“Essa mastectomia pode trazer sentimentos de tristeza, ansiedade e depressão. Lidar com as mudanças físicas pode ser emocionalmente desafiador e em alguns momentos essas mulheres também podem buscar o isolamento. Como estão com a imagem debilitada, elas acabam não querendo se expor ou se mostrar para as pessoas ao redor. Então pode gerar um afastamento social”, explica.

EFEITOS

Reflexo dos alimentos no corpo

Tudo o que as pessoas consomem ocasiona impacto no organismo humano, seja de forma positiva ou negativa

Carol Cassoli
 carol.cassoli@gmail.com

Para algumas pessoas, uma refeição vai muito além de comida e é sinônimo de experiência. Para outras, no entanto, alimentar-se é uma necessidade automática e, como tal, passa despercebida no dia a dia. De posicionamento político a espelho da saúde, a composição do prato de alguém diz muito sobre seu estilo de vida. E, na maioria das vezes, o organismo responde a estes estímulos. É que os alimentos refletem o corpo.

Quente, forte e marcante, o café mora no coração (e nas casas) de grande parte dos brasileiros que, segundo levantamento da Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), consomem, individualmente, quase 6kg de café por ano. Há, inclusive, quem considere que o dia não começou se não tiver tomado

uma farta xícara com o produto do grão que, antes de ser coado e se tornar líquido, foi torrado e moído. Este é o caso do assessor parlamentar Yuri Pessoa Moura, que não passa um dia sem café.

Acostumado a tomar doses com leite desde pequeno, Yuri conta que mal acorda e já vai esquentar água para preparar as três canecas de café que bebe antes de sair de casa. Este é o café da manhã do assessor, que não ingere nada sólido durante a refeição. E a parceria com o alimento é tanta que, embora goste até do cheiro dos grãos, o próprio Yuri reconhece que a bebida gera dependência. “O café é um estimulante. Me sinto mais disposto, mas também percebo que não sou o mesmo se não bebo. Sinto dor de cabeça, lentidão...”, relata ao lembrar de um período em que, devido a um voto de fé, deixou de beber café por

um ano e meio e, nos primeiros quinze dias, passou muito mal.

A farmacêutica Patrícia Moura explica que a impressão de dependência não é apenas uma sensação e que alimentos com cafeína realmente tem potencial viciante. Segundo ela, isso ocorre porque “a cafeína é um alcaloide pertencente à família das xantinas, com efeito psicoativo. Ou seja, ela pode chegar ao nosso cérebro e estimular nosso sistema nervoso central, isso acontece porque a cafeína se liga aos receptores de adenosina presentes nos neurônios, bloqueando a ação da adenosina produzindo a sensação de alerta e disposição”.

Em contrapartida, a farmacêutica lembra que, embora sejam os mesmos, os efeitos também podem impactar quem consome estes alimentos de maneira contrária. É o

caso da editora de áudio Kássia Paz, que, para prevenir picos de ansiedade, evita ao máximo consumir a bebida, ainda que tenha sido apresentada a ela na infância e esteja habituada com seu consumo.

“Eu bebia bastante café. Inclusive, eu bebia bastante café principalmente quando era criança. Depois, só consegui levar a universidade adiante à base de café. Mas houve um dia em que fui pra igreja e, antes, bebi muito café. Chegando lá, passei mal, me senti tonta, tive tremores e, em seguida, senti uma fraqueza muito grande. Foi quando percebi que estava tomando muito café”, relata ao lembrar que, quando era criança, já ingeria doses de café similares às do pai.

Redução de consumo

De acordo com Patrícia Moura, que também faz pós-graduação em atenção farma-

cêutica e farmácia clínica, o que Kássia sentiu ocorreu devido às ações da cafeína no corpo humano, já que este composto químico causa a constrição dos vasos sanguíneos. Ou seja, quando alguém bebe café, seus vasos sanguíneos ficam mais estreitos, o que eleva a pressão arterial e, em alguns casos, gera taquicardia na pessoa.

“Esse efeito está associado a ação antagonista da cafeína sobre os receptores de adenosina, onde o acúmulo de adenosina na fenda sináptica dos neurônios intensifica os efeitos das catecolaminas (como a adrenalina). Um desses efeitos é o aumento da pressão arterial. Em nosso meio, costumamos dizer que a diferença entre o ‘remédio’ e o ‘veneno’ é a dose. Então, vale ressaltar que tais sintomas estão atrelados à ingestão elevada dessa substância”, alerta Patrícia.

Depois do episódio na

igreja, Kássia interrompeu o consumo e, hoje, se contenta com apenas “dois dedinhos” da bebida, que só ingere socialmente. “São raros os momentos que eu tomo. E, quando eu tomo, é bem pouquinho, porque faz efeito muito rápido em mim. Não sei se por eu ter passado muito tempo sem, mas sinto que fiquei mais sensível a ele e percebi que sempre que eu tomava, a ansiedade aumentava, eu perdia o foco, ficava agitada, mas, ao mesmo tempo, cansada”.

Além de readaptar o paladar para diminuir o consumo, a editora de áudio também trabalhou o psicológico para retomar a ingestão de maneira consciente e, por isso, só aceita um “cafezinho” dentro de um horário específico, que nunca passa das 17h para não afetar seu sono, já que, nela, os efeitos da cafeína perduram por até oito horas.



Café é muito exaltado, mas em excesso pode trazer prejuízos à saúde. Há diversos alimentos e frutas que podem ter ação termogênica ou calmante



Bebia bastante café e depois só consegui levar a universidade adiante à base de café. Foi quando percebi que estava exagerando

Kássia Paz



A cafeína pode chegar ao nosso cérebro e estimular o sistema nervoso central, produzindo a sensação de alerta e disposição

Patrícia Moura

Alimentos podem impactar funções do organismo

De acordo com o nutricionista Ângelo Pontes, os alimentos desempenham um papel importantíssimo na rotina dos seres humanos e, para além do fisiológico, seus impactos podem ser sentidos, também, no psicológico. “Alguns alimentos são benéficos para o nosso corpo e organismo, eles são de alto valor biológico, ricos em nutrientes e micronutrientes, como os alimentos de origem natural, carnes bovinas, frango e peixe, vegetais, grãos entre outros”, diz o nutricionista. Ângelo afirma que esses alimentos fazem com que o organismo funcione melhor e aprimoram a saúde se consumidos de uma forma adequada, já que o exagero sempre será prejudicial.

Por outro lado, existem alimentos de baixo valor biológico e alta densidade calórica. É o caso dos *fast foods*, sorvetes, bolos, salgadinhos e refrigerantes. “Estamos falando de tudo que é ‘gostoso’. Em resumo, os alimentos hiperprocessados. Mas, esses alimentos mesmos não sendo tão benéficos para a saúde são benéficos para o nosso psicológico, pois nos une como sociedade. Pois é

comum sermos convidados para tomar um lanche ou sair para uma pizzaria e não é tão comum uma salateria (lugar onde só tem salada)”, explica.

Apesar de soar inimaginável alcançar o melhor dos dois mundos, já que eles são extremos opostos, Ângelo Pontes garante que é completamente possível comer “coisa boa” e “besteira”: “Podemos manter uma alimentação variada em nossa rotina semanal, aos fins de semana, sairmos para comer com moderação e sem culpa, pois no início da semana retornaremos à nossa rotina alimentar”.

Alimentar-se x comer

O nutricionista diz, ainda, que outro ponto a ser levado em consideração é a grande diferença entre “comer” e “se alimentar”. Conforme explica, “se alimentar” está relacionado com o ato de se nutrir. Neste momento, as pessoas estão conscientes de sua alimentação e prestam atenção na experiência, sentindo a mastigação, os sabores, texturas e tipos de alimentos. Já a ideia de “comer” está relacionada ao hábito de apenas consumir um alimento, “colocar qualquer coisa em nossa boca, mastigar e engolir”.

Tudo o que é ingerido também interfere no metabolismo

As razões para se consumir ou não um alimento, no entanto, vão muito além dos benefícios que ele pode trazer intencionalmente. É que, na verdade, eles refletem no corpo e, além de nutrientes, suscitam reações no organismo humano, afetando o metabolismo e até mesmo o cérebro.

Só de se imaginar comendo um prato cheio de camarões, a recepcionista Auridéia Bezerra se sente mal. Alérgica a frutos-do-mar, Auridéia percebeu ainda na pré-adolescência, aos 13 anos, que seu corpo não aceita a ingestão de algumas das proteínas que estes animais têm.

“Eu não consigo sentir o cheiro que a garganta já fecha logo. Já houve ocasiões de ter que me retirar da mesa discretamente porque havia frutos-do-mar nos pratos. Hoje em dia eu prefiro evitar comidas com os crustáceos, mesmo sabendo de relatos de pessoas que conseguiram vencer essa alergia com medicamentos”, afirma Auridéia. Na recepcionista, os sintomas da hipersensibilidade são mais fortes e, por isso, ela pre-

fere não ter qualquer contato com estes alimentos. Mas há quem, sem saber, se submeta ao risco por anos, porque as reações são mais brandas, como tosse, espirros ou cólica.

E a precaução de Auridéia não está errada. Este ano, o influenciador digital potiguar Brendo Yan faleceu após ter um quadro grave de alergia a frutos-do-mar. Em abril, Brendo foi internado depois de ingerir acidentalmente bolinhos recheados com camarão e teve morte cerebral devido à reação suscitada pelo crustáceo.

Dados da organização Alergia Alimentar Brasil apontam que, no país, 6% das crianças e 3,5% dos adultos brasileiros têm alergias alimentares. Dentre os alimentos com maior potencial alergênico, leite e ovo lideram a lista, mas constam nela, ainda, crustáceos, peixes, soja, castanhas e trigo. Por isso, a recomendação da instituição Alergia Alimentar Brasil, uma iniciativa organizada por familiares de pessoas com restrições alimentares, é que a população esteja atenta a sua árvore genea-

lógica, uma vez que grande parte dos casos de alergias deste tipo são hereditárias, e mantenha a atenção à forma com que o corpo reage a determinados alimentos.

Reações diferentes

O nutricionista Ângelo Pontes explica que há outros alimentos que geram reações “diferentes” no organismo humano. É o caso dos alimentos afrodisíacos, dos calmantes e até de outros energéticos, como o açúcar e o cacau. “Existem alimentos que podem ser estimulantes, como chocolates de 50% a 80% cacau, morango, banana e algumas bebidas, como chás de gengibre, canela, chá verde. Também temos os alimentos que nos trazem a calma, como kiwi, maracujá, chás de camomila, de capim-limão, de hortelã...”, lista.

Ângelo Pontes reforça sua orientação inicial e diz que a nutrição preza pelo equilíbrio. “Em outras palavras, prezamos pelo bem-estar físico e psicológico. Sem terror nutricional, nem dietas restritivas e sim dietas diversificadas e equilibradas”, finaliza.

IMPULSIONAMENTO

A riqueza mineral de Pedra Lavrada

Mineração é a principal atividade econômica, mas cidade chama atenção pelos sítios arqueológicos e natureza

Fernanda Dantas
Especial para A União

Com uma população pequena, de cerca de 7.954 habitantes segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Pedra Lavrada se torna gigante por vários outros motivos. Localizada no Seridó paraibano, a cerca de 225 quilômetros da capital João Pessoa, a cidade é conhecida como a “Terra dos Minerais”, mas também encanta pela grande quantidade de registros arqueológicos existentes.

A história de seu nome vem justamente desse aspecto característico. A cidade foi batizada assim graças à existência de diversas inscrições rupestres, tradição nomeada em tupi de Itacoatiara, Ita se traduz Pedra, e Coatiara, Lavrada.

Apesar do destaque para a mineração, a agricultura e a pecuária também marcam uma presença significativa na economia pedralavradense é a agricultura e a pecuária. “Os modos econômicos consistem na criação de caprinos, bovinos e suínos, principalmente, e na plantação de grãos no período de

chuvas. No distrito Cumarú e redondezas, vê-se o modo econômico voltado inteiramente à agropecuária e nas proximidades com a zona urbana, vê-se a mineração, comércio, serviços e também a agropecuária”, explicou Ian Cordeiro.

Outra característica marcante é a grande zona rural que compõe o município, dividida em diferentes denominações, sendo a maior parte situada na parte leste da zona urbana. Sua povoação é outro fator de destaque por ser uma das mais antigas da região: existem registros na literatura mostrando que o povoamento teve seus primeiros indícios no ano de 1760, com a construção de uma capela. No lugar dela hoje está a Igreja-Matriz de Nossa Senhora da Luz, existente desde 1859.

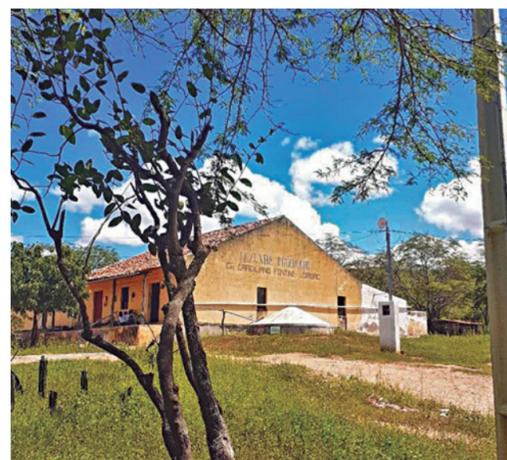
E para quem gosta de roteiros turísticos, Pedra Lavrada oferece uma infinidade de roteiros que agradam todos os gostos. Segundo o gestor municipal do Departamento de Cultura e Turismo, Ian Cordeiro, é lá onde está localizada a maior caverna da Paraíba, a Caverna das Raízes. Os fãs de esportes radicais podem aproveitar o rapel na Pedra do Mo-

fumbo, tirolesa no sítio Serrote Redondo, e ainda uma trilha pela Serra das Flechas. E se a intenção do visitante é se aprofundar ainda mais na história e cultura do município, ainda se pode fazer a trilha histórica, que consiste em passear pelo museu, complexo arqueológico e mina da cidade. Além disso, ainda existe a Rota do Cangaco, na Fazenda Maxinaré. A rota consiste em recriar a passagem do cangaceiro Antônio Silvino pela fazenda, em 1913, e acabou resultando em um confronto a volante com duas mortes. O passeio turístico procura resgatar essa memória, indo até o local do tiroteio.

No âmbito da cultura, a cidade também tem muito a oferecer. São festividades tradicionais a Festa da Padroeira Nossa Senhora da Luz, que acontece todos os anos de 26 de janeiro a 5 de fevereiro; o tradicional São João antecipado e, ainda, a Festa do Minério, celebrada anualmente na primeira semana de novembro. Durante essa última, acontece uma grande programação cultural englobando uma série de palestras, missas, mostras e apresentações musicais na praça de eventos.

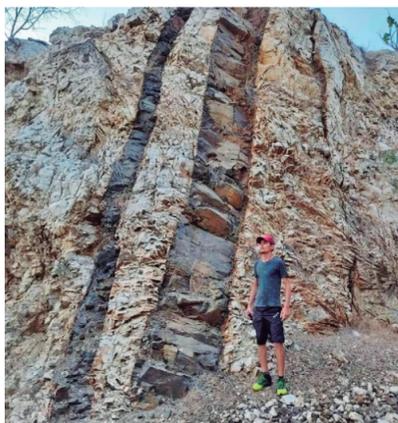


O charme arquitetônico da praça e a barrigada do café (à dir.), árvore característica da cidade



Vegetação típica e a sede da fazenda Caiana (à dir.); a prática do ecoturismo é diferencial

Solo tem papel fundamental na economia e geração de emprego



Compensação financeira da atividade garante retorno de 60% do valor de arrecadação

A “terra dos minerais” não seria chamada assim em vão. O território possui uma riqueza mineral vasta. Por estar situada no Planalto da Borborema, há uma predominância maior de rochas magmáticas, como os granitos e rochas metamórficas, caracterizadas pela presença de xistos. O acervo mineralógico, localizado geologicamente na Província Pegmatítica do Seridó, é composto por minerais propícios à exploração, como berilo, mica, tantalita, feldspato, quartzo e turmalina. Gemas e minerais para a fabricação de joias também são encontrados e explorados, como as variações do próprio quartzo, como a ametista, águas marinhas, turmalinas e outros minérios oriundos de pegmatitos.

Ian Cordeiro explica que a mineração é alvo de pesquisas na localidade desde a segunda metade do século 19. “A mineração começou a ser potencialmente explorada nos períodos das 1ª e 2ª Guerra Mundiais, sendo Pedra Lavrada um exportador de matéria-prima para produção de armamentos”, contou o gestor.

O diretor de Recursos Minerais e Hidrogeologia da Secretaria Estadual de Infraestrutura e Recursos Hídricos (Seirh), Marcelo Falcão, explica a importância da atividade mineral em Pedra Lavrada para o estado da Paraíba. “Sem sombra de dúvidas, o município de Pedra Lavrada possui grande influência na economia. Pedra Lavrada tem substancialmente a atividade extrativista mineral como a mais importante atividade econômica do seu município, então, ela contribui para oportunidade de emprego à população há décadas, desde quando essa atividade mineral existe”, comentou.

Segundo o diretor, a atividade de extração é realizada majoritariamente pelos próprios pedralavradenses. “Em razão dos pegmatitos serem corpos muito pequenos e a população local ter também bastante conhecimento dessa atividade, são poucas as grandes empresas de mineração instaladas no município. O que existe mais é uma grande atividade do pequeno mineador. É aí onde o Governo da Paraíba, através da nossa direto-

ria, tem uma atividade intensa para fortalecer a economia mineral no município, que impacta diretamente nos resultados da economia do estado”, declarou.

Marcelo explica que os números da Compensação Financeira para a Exploração Mineral (CFEM), que arrecada impostos de quem realiza atividades de extração aumentaram cerca de 50% entre os anos de 2012 e 2022. “Além disso, 60% do valor arrecadado é retornado para o município. Ele esclarece que “essa atividade é fundamental, principalmente, na indústria cerâmica e outras aplicações industriais e gera inclusão social, oportunidade de trabalho e números importantes”.

Outras parcerias

O Governo do Estado, em parceria como a Prefeitura Municipal de Pedra Lavrada, realizou outras obras que beneficiaram principalmente a infraestrutura da cidade. A barragem da Comunidade Porcos está em construção e será inaugurada em 2024. Já na zona urbana, a pavimentação asfáltica chega a 90%.

Cidade concentra grandes registros de sítios arqueológicos pré-coloniais

Quem visita Pedra Lavrada tem, ainda, várias chances de conhecer o vasto acervo de evidências arqueológicas espalhadas por toda a extensão do território. O nome que significa pedra riscada ou talhada não foi escolhido à toa, já que, de acordo com Ian Cordeiro, já são 54 sítios arqueológicos pré-coloniais mapeados na região.

Um dos sítios mais populares é composto pela famosa “Pedra de Retumba”, bloco rochoso com mais de 300 figuras rupestres pictografadas; três lagos pré-históricos do período geológico Pleistoceno, e ainda dezenas de cavernas, como a Caverna das Raízes, com mais de 160 metros de comprimento. Segundo o gestor de turismo, gran-

de parte dessas descobertas são fruto direto do desempenho da Associação União Caatinga e do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Estadual da Paraíba (Labap-UEPB).

O arqueólogo, historiador, professor da UEPB, coordenador do Labap-UEPB e do Museu de História Natural da UEPB conta que na região do Seridó paraibano há uma grande concentração de sítios arqueológicos, sendo o acervo de Pedra Lavrada um dos principais. “Algumas evidências estão bem próximas da cidade, a cerca de 300 metros. As principais evidências encontradas são inscrições, pinturas e gravuras rupestres”, disse o especialista.

O pesquisador também

comentou que a datação precisa das inscrições não é exata, mas que as equipes de pesquisa trabalham com a hipótese de que muitos dos sítios rupestres existem há cerca de seis mil anos. “Os grupos humanos que habitavam a região eram constituídos por caçadores-coletores. Depois, a área passou a ser habitada pelos indígenas tarairiu”, finalizou.

Como forma de valorização dessa herança pré-histórica, o município conta com o Museu Francisco Retumba, que reúne peças da arqueologia como pontas de lanças, machadinhas e pilões; peças da Paleontologia, como fósseis de uma preguiça gigante, de Mastodonte e até de caracóis do cretáceo-inferior.



Ao todo, o Labap-UFPB já registrou 54 áreas com inscrições rupestres na região



Foto: Laura Santos/Divulgação

Com as bênçãos da própria dramaturga potiguar que viveu na Paraíba, veterana Riudete Martins vive uma mulher oprimida que ficou viúva recentemente e, diante do espelho, percebe que o seu destino vai mudar de forma radical

Reflexo de todas as mulheres do mundo

Hoje, no Teatro Santa Roza, na capital paraibana, Cia. Boca de Cena apresenta o monólogo 'Fiel Espelho Meu', espetáculo de Lourdes Ramalho (1923-2019)

Audaci Junior
audaciauniao@gmail.com

O espelho pode ter tudo, porém, diante do avanço do tempo, não conserva nada. Pode servir como instrumento para olhar o passado, como um retrovisor. Pode também mostrar a vanguarda, encarando na imagem do agora as reflexões que, porventura, podem perdurar até o futuro. Pelos ponteiros da História, a mão agressiva do patriarcado quebra em milhares de pedaços o espelho no qual se reflete, causando para o patriarcado não só "sete anos de azar", mas milênios de opressão e silenciamento.

Uma mulher chamada Verônica, na sua recente vividez e, diante do espelho, percebe que o seu destino vai mudar radicalmente. Uma história que foi concebida há mais de quatro décadas e que permanece bastante atual, ganha novamente vida no palco do Teatro Santa Roza, em João Pessoa, no monólogo *Fiel Espelho Meu*, cujo texto é de uma renomada dramaturga potiguar que viveu em terras paraibanas até os últimos instantes de sua vida, Lourdes Ramalho (1923-2019). Em única apresentação, hoje, o espetáculo promovido pela Cia. Boca de Cena (RN) acontecerá às 19h. Os ingressos podem ser adquiridos via site do Sympla (www.sympla.com.br), nos valores de R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), mais taxas administrativas da plataforma.

"*Fiel Espelho Meu* foi escrito por Lourdes Ramalho na década de 1980 e retrata um tempo anterior, fala do processo de transição dos engenhos para as usinas. Essa distância temporal, porém, não impede a aproximação do monólogo da nossa atualidade, muito pelo contrário: ao colocar uma mulher em cena questionando o lugar de submissão e opressão que ocupou por toda sua vida, Lourdes nos permite refletir com criticidade – e também bom humor – sobre assuntos atuais como a desigualdade de gênero e o papel social que a mulher desempenha na sociedade", explicou a produtora Thayanne Percilla, que também assina a direção ao lado de

Rubinho Rodrigues. "Eu vejo Lourdes Ramalho como uma mulher à frente do seu tempo. Ela nasceu em Jardim do Seridó (RN), e viveu grande parte da sua vida em Campina Grande (PB). Foi uma mulher que rompeu fronteiras com seus textos engajados, progressistas, cheios de amor ao Nordeste, com consciência social e política. Ela fazia do teatro um meio de reflexão sobre pautas sociais e também de gênero, colocando na berlinda os princípios conservadores. É uma grande inspiração e entender quem era Lourdes nos ajudou a entender o que ela queria com o *Fiel Espelho Meu*".

No monólogo, a perda do marido também reflete o rompimento do elo que a prendia a personagem a uma vida de silenciamento. "Durante a montagem, eu me perguntei quantas mulheres conseguiriam se sentir contempladas pelas palavras ditas por Verônica em cena. Afinal, muitas mulheres, como nossa protagonista, tiveram que anular a si mesmas por um papel social que lhes foi imposto, precisaram silenciar seus sonhos e desejos para se moldarem a princípios que não eram delas, abriram mão de ser quem eram, deixaram de se expressar como gostariam, não foram ouvidas como deveriam... Muitas mulheres já passaram ou passam pelo que Verônica sente em cena. Por isso, o espetáculo é tão potente para as mulheres", explicou Thayanne Percilla.

Para encarnar a Verônica idealizada por Lourdes Ramalho, o reflexo no espelho é da veterana atriz Riudete Martins, que acumula duas décadas dedicadas aos palcos. "Eu sou a Verônica. Eu assumo a personagem. Quando eu me apresento, represento todas as mulheres. Esse texto é um grito de liberdade para as mulheres, inclusive as oprimidas. Esse texto rompe fronteiras, representa todas nós".

A afirmação de Riudete Martins de ser a Verônica não é gratuita ou vã, veio abalizada pela própria criadora, no ano de 2016, em uma das visitas da atriz à casa da dramaturga, em Campina Grande. "Naquele ano, ela me presen-

teou com o volume dois do seu livro *Mulheres*, que tem seis textos. Ao folheá-lo, vi que um deles era o *Fiel Espelho Meu*. Então, nós conversamos e Lourdes afirmou: 'Você devia fazer. Parece com você'. Eu disse a ela não saber se teria condições de fazer. Perguntei novamente se eu poderia mesmo fazer esse texto, e ela disse: 'Se eu estiver bem, eu vou assistir'". Infelizmente, a autora não pôde cumprir a promessa, morrendo três anos depois, aos 96 anos.

Para Martins, encarnar e entender Verônica se tornou um desafio desde aquela visita. Apresentando o texto aos diretores do Boca de Cena, estudando o texto e discutindo os detalhes de figurino e cenário, a estreia finalmente aconteceu no dia 25 de maio, no Teatro Alberto Maranhão, em Natal. "Eu me encontrei nesse texto", atestou a atriz natural de Mossoró (RN), no alto dos seus 67 anos de idade. "*Fiel Espelho Meu*, para mim, é um desafio, como mulher envelhecida. E, para o grupo Boca de Cena, onde as mulheres têm acima de 60 anos de idade, é uma forma de mostrar a força interior que a gente tem de superar qualquer dificuldade e fazer o que ama e o que tem vontade. Lourdes Ramalho é uma mulher inteligentíssima, dramaturga de primeira linha e que veio à frente do seu tempo. É uma estrela que brilha até hoje", definiu Riudete Martins.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do Sympla para os ingressos

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

‘Oldboy’ e o flagelo da existência

Vinte anos depois de sua estreia, o clássico sul-coreano *Oldboy* ganhou uma versão remasterizada com direito à exibição nas salas de cinema do país. Nessas duas décadas, a indústria cultural da República da Coreia conquistou importância mundial, ápice de um projeto estatal bilionário de exportação de cultura pop e criação de *soft power*. A Hallyu, onda coreana, gerou produções de grande sucesso no cinema e na música, como *Parasita* (filme vencedor do Oscar), *Round 6* e os grupos de *k-pop*: BTS e Blackpink. A influência também se estenderia ao campo da moda, da literatura em quadrinhos e dos *games*.

A história de *Oldboy* se passa na Coreia contemporânea. A ambientação escolhida pelo diretor Park Chan-wook segue o estilo do cinema *neo noir*. O que propositalmente reforça a condição melancólica da vida de Dae-su, personagem principal da trama. Tudo começou estranhamente depois que Dae-su foi levado a uma delegacia por causa de embriaguez. Na saída, enquanto realizava uma ligação telefônica, é raptado e jogado num quarto de hotel onde descobre pela TV que é acusado de matar a própria esposa. Lá vive durante 15 anos sem saber o motivo do cárcere, ruminando o ódio e imaginando uma vingança. Sentimentos que o ajudam a suportar o martírio. Assim como no processo de Josef K., nada fazia sentido.

A dualidade, natureza e cultura, é recorrente no filme, assim como a violência tarantinesca e as referências a Stanley Kubrick. A prisão produz um efeito animalizador em Dae-su, que pode ser observado em diferentes cenas, como quando ele come um polvo vivo e nas torturas físicas que faz em seus inimigos

ao arrancar seus dentes. Ao longo da história Dae-su oscila entre a monstruosidade e a humanidade. Não que essas coisas existam claramente separadas, ao contrário do que acontece com Dr. Jekyll e Mr. Hyde, de Robert L. Stevenson.

A mitologia grega é uma das inspirações para o roteiro de *Oldboy*. Édipo e o problema moral da violação do tabu do incesto reaparece na obra coreana. Dae-su, que havia praticado vários crimes e atitudes imorais, não suporta descobrir que teve relações sexuais com a própria filha, numa espécie de afirmação do domínio da cultura. A violência cumpre no filme uma função catártica e é utilizada como meio de reparação moral. Assim como Édipo furou os próprios olhos, Dae-su corta a própria língua: “no princípio era a palavra”. É a palavra que cria o mundo, nesse caso a fofoca. O infortúnio de Dae-su começa depois de ter flagrado o seu colega de escola Lee Woo-jin em uma relação sexual incestuosa com a própria irmã. Ele contou a história a um amigo que a espalhou. A situação fica moralmente insustentável eleva a jovem Soo-ah a se suicidar.

A tragédia coreana, porém, é uma tragédia do nosso tempo. Os antigos gregos pensavam os acontecimentos da vida a partir da ideia do destino. De uma ordem que estava além dos desejos individuais. A modernidade matou impiedosamente o destino, retirando a magia do mundo. A realidade agora não possui um sentido intrínseco, algo como um telos. Acreditamos que o mundo é o resultado das escolhas que fazemos e que a verdade é subjetiva. O indivíduo vira a pedra de toque, o início, o meio e o fim. Vivendo numa condição miseravelmente solitária.

A natureza do mal (ou a maneira como o pensamos) também foi sendo modificada ao longo da história da humanidade. A filósofa Susan Neiman diz que o grande terremoto de Lisboa, de 1755, e Auschwitz são eventos que mudaram a forma como pensamos no ocidente o bem, o mal e a justiça. O terremoto de Lisboa impôs uma série de questões morais e filosóficas para os teólogos da época e para os pensadores iluministas que passaram a questionar a bondade de Deus. A visão religiosa que justificava as mortes como uma punição divina, com base numa vida supostamente corrupta, não parecia muito convincente. Por que um Deus bondoso mataria tantas pessoas?

Na passagem do século 18 para o 19, a concepção de mal seria modificada. Não dava mais para identificar um fenômeno natural, geológico, com a vontade divina. Susan Neiman aponta para uma distinção entre o “mal natural” e o “mal moral”. O terremoto de Lisboa cumpriu uma função pedagógica importante de tirar de Deus a explicação do mal e transferir a responsabilidade moral sobre a existência aos seres humanos. Para os iluministas, caberia a nós controlarmos a natureza e melhorar o mundo através do conhecimento e da racionalidade. Com o tempo isso se mostraria um fracasso na sociedade capitalista, com a destruição do meio ambiente, o colonialismo e a experiência de Auschwitz. Descobrimos, então, que podemos produzir um mal indescritível.

Em *Oldboy*, o mal é movido por ressentimentos, ódio, culpa e sadismo. Humano e desencantado. Não há destino conduzindo as relações edípicas, mas uma ausência de sentido que revela o flagelo da existência.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Deus segundo Spinoza

No livro *Ética* (1677), de Baruch Spinoza (1632-1677), filósofo holandês, no capítulo 1, *Sobre a Religião e o Estado*, fundamenta sua percepção de Deus. Tudo que existe é uma forma de Deus, seguindo as leis da natureza e respeitando a possibilidade de agir com vontade própria. Na natureza tudo é perfeito, pois tudo vem de Deus e é parte Dele. Spinoza expressou sua opinião sobre Deus desta maneira:

“Deixe de orar e se lamentar! O que desejo é que você saia pelo mundo e desfrute da vida. Aproveite, cante, divirta-se e desfrute de tudo o que criei para você. Deixe de frequentar aqueles templos sinistros, sombrios e gelados que você mesmo construiu e considera a minha morada! Minha morada é nas montanhas, nas florestas, nos rios, nos lagos, nas praias, onde vivo e expresso Amor por você.

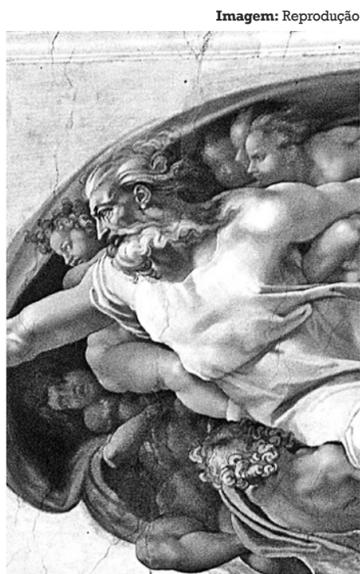
Pare de me atribuir a culpa da sua vida desafortunada! Eu nunca disse que há algo de errado em você, que é um pecador, ou que sua sexualidade seja algo negativo. O sexo é um presente que lhe dei e através dele você pode expressar amor, êxtase, alegria. Portanto, não me culpe por todas as crendas impostas a você.

Interrompa a leitura desses supostos textos sagrados que não têm relação alguma Comigo! Se você não consegue me encontrar em um nascer do sol, numa paisagem, no olhar dos seus amigos, nos olhos do seu pequeno filho, então não irá me encontrar em nenhum livro.

Confie em Mim e pare de me fazer pedidos! Você vai Me dizer como fazer o meu trabalho?

Deixe de ter medo de mim! Eu não o julgo, não o critico, não me irrita, não o incomodo, não o castigo. Eu sou puro Amor.

Pare de me pedir desculpas! Não há nada a perdoar. Se Eu o fiz, fui Eu que despertei em você paixões, limi-



Spinoza afirmou: Deus é a própria Natureza

tações, prazeres, sentimentos, necessidades, contradições, livre-arbítrio. Como posso culpá-lo por responder ao que Eu coloco em você? Como posso puni-lo por ser como é, se fui Eu quem o fez?

Imaginar que Eu poderia criar um lugar para queimar todos os meus filhos que se comportam mal pelo resto da eternidade? Que Deus faria isso? Esqueça qualquer tipo de mandamento, qualquer tipo de lei, que são estratégias para manipulá-lo, controlá-lo, apenas geram culpa em você!

Respeite o seu próximo e não faça ao outro o que não quer para si mesmo! Preste atenção na sua vida, que o seu estado de alerta seja o seu guia!

Esta vida não é um teste, nem um degrau, nem um passo no caminho, nem um ensaio, nem um prelúdio para o paraíso. Esta vida é apenas o que existe aqui e agora, e apenas o que você precisa.

Eu o criei completamente livre. Não há prêmios, nem punições. Não há pecados, nem virtudes. Ninguém vence uma partida. Ninguém leva um

registro. Você é totalmente livre para transformar sua vida em um paraíso ou em um inferno.

Não posso dizer se há algo após esta vida, mas posso dar um conselho: Viva como se não houvesse, como se esta fosse sua única chance de desfrutar, amar, existir. Assim, se não houver nada, você terá aproveitado a oportunidade que lhe dei.

E, se houver algo, tenha certeza de que não perguntarei se você foi comportado ou não. Vou perguntar se você gostou, se se divertiu, do que mais gostou, o que aprendeu.

Pare de acreditar em mim! Acreditar é supor, adivinhar, imaginar. Não quero que você acredite em mim, quero que me sinta em você. Quero que me sinta em você quando beija sua amada, quando agasalha sua filhinha, quando acaricia seu cachorro, quando toma banho de mar.

Pare de me elogiar! Que tipo de Deus egocêntrico você acha que eu sou? Fico irritado quando me elogiam. Me cansa quando me agradecem. Você se sente grato? Demonstre-o cuidando de você, da sua saúde, das suas relações, do mundo. Sente-se olhado, surpreendido? Expresse sua alegria! Esse é um jeito de me louvar.

Pare de complicar as coisas e de repetir o que o ensinaram sobre mim! A única certeza é que você está aqui, que está vivo e que este mundo está cheio de maravilhas.

Para que precisa de mais milagres? Para que tantas explicações? Não Me procure fora. Não me acharás. Procure-me dentro de você. É aí que estou pulsando em você.”

Sinta-se convidado à audição do 439º Domingo Sinfônico, deste dia 8, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei o estilo espiritualista de regência do romeno Sergiu Celibidache (1912-1996).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Uma palavra
que seja

Dias úteis, dias assombrosos, dias sem luz, entre tantos azuis. Dias de calor, os mais quentes, que passam longe da *Estadia no Inferno*, de Rimbaud. Dias que nada nos importa, sequer a porta, dias perto do mar, sem ver mar, dias sem conseguir gozar, dias sem fim. É doido, né?

Dias intocados, dias inesperados, desesperados, igual à Primavera Árabe ou a Noite das Facas Longas, na Alemanha, sequer o massacre da Noite de São Bartolomeu, em Paris; dias longos e noites em claro. Isso é pouco, quase nada, para uma pessoa que está com depressão.

Uma amiga me ligou, antes mandou mensagens, gelei. Parecia enxergar seus olhos claros no escuro, olhei para cena pelo espaço rápido da réstia do sol, por um segundo, como se a dor do mundo fosse responsável por congelar a estirpe do que ainda chamamos vida.

Minha amiga num momento absolutamente ausente, dentro e fora de si, me dizendo que não aguenta mais sequer o sensorial, ouvir uma música, uma oração, o coração, a voz que vem dos arcanjos, Miguel, Rafael e Gabriel. Nada.

Sob a luz de um instante cruel, uma mulher fala monossilábica, uma linda mulher e eu achei, eu penso, eu desejo e imploro que a Deus tire as mulheres da rota da depressão, elas já carregam um fardo muito grande.

A partir dessa situação, a agonia, o coração no batidão, corri para o portão, (falando com ela ao telefone), quando o rapaz dos Correios me entrega um arco que veio da China para meu Vitor, que logo monta o arco e começa a atirar num tapume. Meu pensamento lá no apartamento da amiga, aflita, me pedindo a mão.

A vida mostra, não simula o tempo não recebido, o tempo perdido, não resolvido, o tempo de espera na fila dos desesperados esperançosos.

Minha amiga V perde a voz e eu querendo saber onde mora o milagreiro, a mulher que rezava em mim quando eu era pequeno, mas milagre nenhum cura essa doença, que se instala na gente, desde os primórdios, desde que somos felizes e infelizes.

Corri pra casa dela, beijei seu rosto, fiquei juntinho. Eu não estou inventado, eu não estou falando da morte, eu não estou focado no Outubro Rosa, (outros outubros virão), eu sempre penso tempos de antes de eu nascer e já disse isso tantas vezes.

Minha amiga querida na terceira distância paralisada, o olhar longe. Essa doença nos arrebatada e não é fraude de eternidade, é uma flecha, um conjunto de sensações estranhas, de que perdemos a paz, a integridade, a autoestima, a energia contínua do universo. É cruel. Não existe doença pior.

Eu astuto, dando pulos de alegria quando ajudo, uma palavra que seja, não cruzo os braços, a cabeça de uma criança querendo brincar – olho no outro, uma chuva de imagens ainda me fazem chorar. Descomunal os dias em que fiquei andando tropeçando, diante de uma agonia, que me desgastava incessante a minha vontade de viver. Escapei ferido.

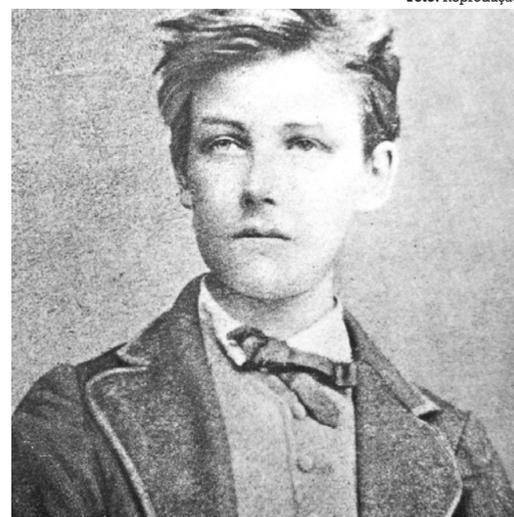
A memória martelando, memória e sentido confusos, desde que minha amiga me procurou ou a notícia de mais uma pessoa com depressão, que mexe com tudo que é fisiológico, amnésia, desorientação, paladar, o vínculo com a vida e a degradação do cotidiano si.

A vida reclama, nos trai, mutações, alaridos, volumes de dores, dimensões outras, amém.

Kapetadas

1 - Todo mundo pode te aconselhar, mas ninguém tem o direito de te calar.

2 - Todos têm medo de voltar ao Nada. Mas, sinceramente, isso à nossa volta por acaso é Tudo?



Rimbaud (1854-1891) aos 17 anos, retratado por Étienne Carjat

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Letra
 Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Cinema, Direito, Literatura e “coautoria”

Não raro, a boa atuação no cinema, seja ela na condição de protagonista ou de simples coadjuvante, deixa positiva marca performática na vida de um ator. Essa certeza se dá, também, em relação ao teatro e música; até mesmo, em razão da autoria de um livro, de um texto, enfim...

E sem a pretensão de ser nenhum hermenêutica do pensamento filosófico de ninguém, diria que me surpreendi com a análise de um insigne jurista e intelectual paraibano, quando afirmou, textualmente: “No cinema ou na peça artística, o desempenho individual faz toda diferença”.

Pelo argumento de sua coluna em **A União**, num desses últimos sábados (*Coautoria e 20 lugar*), certamente o nosso parceiro de jornal – não no presente ou em tempos idos – terá sido um assíduo leitor das “coisas de cinema”. Justo, pela firmeza com que pondera sobre personagens famosos da história da Sétima Arte. E dá exemplos, inclusive, como os de Andy Garcia e Sean Connery, no clássico filme *Os Intocáveis*, dirigido por Brian De Palma, em primeira versão de 1987, ou mesmo de Al Pacino e Keanu Reeves no clássico *Advogado do Diabo* (1997). Texto que nos levou direto às origens do autor, o desembargador Alexandre Luna Freire, também colunista de **A União**.



Um relato sobre os mares, peixes e pescadores

Bem posta sua colocação sobre a “coautoria” no Direito Penal, quando sentencia: “No delito ou no cinema, é raro e pouco talento a ser evidenciado pelo escritor, ator ou coadjuvantes, equiparar-se o destaque das posições, performance de quem não seja o mais lembrado figurante do enredo”.

Ajuizado aforismo do senhor magistrado a ser observado. Diria até que, mesmo sendo um defensor da minha honorável Ordem (OAB), qua-

se sempre abduco da prática advocatícia, profissionalmente, em razão da “cumplicidade” que tenho com o cinema e o jornalismo. Não obstante, sempre pautando-me pelas normas defensíveis do Direito. E, oportunamente, aqui confirmando o célebre aforismo citado no artigo *Coautoria...*, atribuído ao Padre Vieira – o que “vem depois se não for melhor não se iguala” –, creio ser, igualmente importante, o que vem a seguir; apenas, como simples registro.

Esta semana, recebi de minha filha, Alexandra, advogada tributária de invejável atuação, uma obra que traz o selo da Academia de Ciências, Artes e Letras de Cabedelo, na Paraíba. Nele, a saga heroica dos verdadeiros *Homens do Mar*, organizado pela presidente da instituição, Tania Castelliano, com o prefácio de um velho amigo de minha filha, Jorge de Luna Freire. Detalhe: à página 81, um dos destaques maiores é *Contos e Causos de Homem do Mar*, saudosamente registro (*in memoriam*) do filho Jorge Luna para o seu pai João Lelis de Luna Freire (1909-1954).

Como se verifica, Cinema, Direito, Literatura e “coautoria” têm tudo a ver. Notadamente, em razão ao tema que abordamos... – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso blog: www.alexantos.com.br.

Probleminhas!

Constato que há uma “intensa” vida cultural na cidade. Eventos os mais diversos. Lançamentos, solenidades, performances, recitais, palestras, exposições, coletivos disto e daquilo, debates etc.

Isso é muito bom. Isto sinaliza para o fato de que estamos na tentativa de nos salvarmos do naufrágio da existência. Ortega Y Gasset nos ensina que a cultura é a única forma de salvação. Ou, para me valer de seus termos, “um movimento natatório”.

Só que se paga um doloroso preço por esses pequeninos pedaços de salvação. Por se jogar nesse movimento. Vou me explicar.

Tenho ido a muito desses encontros culturais, pois sou dado ao intercâmbio das ideias e ao cultivo dos afetos e das boas amizades. Lá, revejo amigos, amigas, confrades, colegas, e experimento o prazer de uma prosa descontraída, o gosto saboroso de um dito picante, uma piada inteligente, uma crítica sarcástica. Sem crítica, a cultura morre! Cultura, para mim, é crítica.

Se se achega, infelizmente, a figura do chato, do adulator, do falso, do mesquinho, temos, em contraposição, a possibilidade de absorvermos novas ideias, de nos depararmos com novos conceitos, de contactarmos com a pertinência de novos projetos, e, assim, o tecido cultural vai se desdobrando na esfera de suas múltiplas linguagens.

Há, não obstante, alguns probleminhas que se repetem e que muito me incomodam. Quero crer que, também, a outrem.

Um deles é o convencional descumprimento do horário. Se o ritual, diz lá o convite, está marcado para as 18h30, as coisas só começam, de fato, às 19h30 ou às 20h. Vejo, nisso, um absoluto e desprezível desrespeito aos convidados, sobretudo, em se tratando de gente, como eu, já tragada pelos anos, cansada e sem muitas ilusões.

Sou um dos pensam que cumprir o contrato dos horários, dentro dos limites estabelecidos, não é somente uma virtude pessoal, mas também um pequeno e salutar exercício de cidadania. Para mim, pontualidade é prioridade. É virtualidade. Decência. Comunhão com o outro. E o que somos, sem os outros?

Outro probleminha melindroso reside na composição da mesa, quando a ocasião não pode prescindir do ar solene, das lantejoulas da pompa, do glamour dos rituais sagrados. Não sei por que me lembro sempre de um certo Molière ou de um certo Bernard Shaw, quando da formação dessa cena ao mesmo tempo tosca e hilária.

Sei de gente que morre de desgosto se não for chamada para compor o seletto espaço da mesa. Sentada ali, essa gente se sente gente, dentro de seu reino próprio, na sua mais real e digna posição, como aquele Jacobina, personagem de Machado de Assis, que só se reconhecia vivo e humano, depois de vestir a farda de alferes e se mirar no espelho.

Que loucura, não? Mas a coisa é assim mesmo. Para muitos, a aparência é a essência.

Se não são convidados para a mesa, contentam-se, pelos menos, em serem nomeados, para todo o auditório, como figuras notáveis e relevantes da cena cultural. Esses também só existem, de fato, na perspectiva cavilosa do reconhecimento alheio. Não são nada sem a premiação reiterada dos que o cercam. O elogio à sua pessoa é seu alimento predileto.

Outro probleminha cacete, decerto o pior deles, identifico naquilo que chamo de volúpia da fala. Não há festa sem discurso, não há acontecimento sem o crivo da palavra. A palavra serve a tudo, inclusive, a nada.

Primeiro, porque, seguindo a lógica indecente do atraso, o evento se distende por um tempo indeterminado que beira o cansaço, a indiferença, o tédio. Segundo, porque todos querem falar, e as falas se superpõem, na maior parte das vezes, vazias, monótonas, repetitivas nos clichês e nos desatinos.

Fala o mestre de cerimônia, quase sempre com voz empolada de locutor de rádio. Fala o presidente da mesa, no geral, com retórica batida e timbre bajulatório. Fala o vice-presidente, fala o secretário, fala a diretora da revista, fala o tesoureiro, fala o representante da edilidade, fala a autoridade judiciária, fala o empresário da cultura, fala a voz eclesialística, fala o ativista, fala o escritor de fora, fala o poeta da terra, fala o músico, fala alguém daqui, fala alguém dali. Haja fala, haja fala.

No frígido dos ovos, todos estamos esfalfados. Nada do que se disse fica retido, até porque o que se disse não disse nada. Somos naufragos de uma estúpida ilusão. Isto não me parece experiência cultural. A tradição não se renova, a vida não se reinventa. Estamos na asfixia da clausura. Engessados no drama da mesmice. Perdidos no pandemônio da carece e da inatividade.



APC inscreve para nova diretoria

Academia Paraibana de Cinema continua com suas inscrições abertas, até o final deste mês de outubro, aos candidatos que desejem participar das eleições de presidente, vice-presidente e demais encargos de diretoria da instituição.

A inscrição da chapa deve ser feita através de envelope lacrado, com os nomes de todos os pretendentes à diretoria, e endereçada à sede da APC, na Fundação Casa de José Américo, em João Pessoa, no prazo estabelecido pelo edital, que foi publicado neste espaço, também pelo WhatsApp e Facebook (www.facebook.com/groups/AcademiaParaibanadeCinema).

EM cartaz

ESTREIAS

PATROLHA CANINA - UM FILME SUPERPODEROSO (PAW Patrol: The Mighty Movie. EUA. Dir.: Cal Brunker. Animação. Livre). Os filhotes da Patrulha Canina ganham poderes após um meteoro mágico cair na cidade. Para um deles, é um grande sonho que se tornou realidade, mas a felicidade dos patrulheiros pode estar ameaçada quando o maior inimigo dos filhotes foge da prisão. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h (sáb. e dom.) - 15h - 17h - 19h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h40 (sáb. e dom.) - 15h40 (exceto seg. e ter.) - 17h45 (qui. a dom.) - 20h (qui. a dom.); CINE SERCLA TAMBÁ 5 (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h.

O PROTETOR - CAPÍTULO FINAL (The Equalizer 3. EUA. Dir.: Antoine Fuqua. Policial. 16 anos). Morando no sul da Itália, Robert McCall (Denzel Washington) logo descobre que seus novos amigos estão sob o controle dos chefes do crime local. À medida que os eventos se tomam mortais, o ex-agente do governo se torna um protetor ao enfrentar a máfia. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE: 14h (dub.) - 16h45 (leg.) - 19h30 (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h45 - 18h30 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 16h - 18h45 - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h - 18h - 21h; CINE SERCLA TAMBÁ 4 (dub.): 16h40 - 18h50 - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h40 - 18h50 - 21h.

RODEIO ROCK (Brasil. Dir.: Marcelo Antunes. Comédia. 12 anos). Hero (Lucas Lucco) é um roqueiro muito talentoso, mas pouco reconhecido; Sandro (Lucco) é o sertanejo mais famoso e polêmico do Brasil. Após uma cirurgia de septorrafia em coma, o roqueiro tem a chance de trocar de lugar, mas não vai ser tão simples, já que Hero conhece a ex-namorada de Sandro, Lullí (Carla Diaz), e se apaixona pela garota. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h15 (exceto qua.) - 18h (exceto qua.) - 20h30 (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBÁ 1: 18h - 20h10.

PRÉ-ESTREIA (DIA 11/10)

O EXORCISTA - O DEVOTO (The Exorcist: Believer. EUA. Dir.: David Gordon Green. Terror. 14 anos). Um homem (Leslie Odom Jr.) perdeu sua esposa grávida em um terremoto no Haiti e, desde então, cria sozinho sua filha (Lidya Jewett). Um dia, ela e a amiga (Olivia O'Neill) desaparecem na floresta e só voltam três dias depois, sem nenhuma lembrança do que aconteceu, causando uma série de eventos sobrenaturais. CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 16h15 - 19h - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 15h15 - 18h - 20h30;

CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 20h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h30 - 19h15 - 21h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 17h45 - 20h15.

CONTINUAÇÃO

A FILHA DO REI DO Pântano (The Marsh King's Daughter. EUA. Dir.: Neil Burger. Suspense. 14 anos). Helena Pelletier (Daisy Ridley) é uma mulher que, aparentemente, leva a vida perfeita: tem um marido amoroso, uma boa casa, duas filhas adoráveis e um ótimo emprego. Porém, ela esconde um segredo inimaginável: é fruto de um sequestro. Sua mãe foi raptada por um homem quando ainda era adolescente e mantida em uma cabana no pântano. Vinte anos após ter deixado toda essa história no passado, um crime fará com que Helena saia em uma caçada pelo pai. Baseado no romance homônimo de Karen Dionne. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 14h10.

A FREIRA 2 (The Nun II. EUA. Dir.: Michael Chaves. Terror. 18 anos). Em 1956, na França, um padre é assassinado e parece que um mal está se espalhando. Determinada a deter o maligno, irmã Irene mais uma vez fica cara a cara com uma força demoníaca. CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 16h15 (exceto qua.) - 19h (exceto qua.) - 21h30 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h30 (exceto seg. e ter.) - 19h15 (exceto seg. e ter.) - 21h45 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBÁ 2 (dub.): 18h40; CINE SERCLA TAMBÁ 3 (dub.): 16h05; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h40; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h05.

JOGOS MORTAIS X (Saw X. EUA. Dir.: Kevin Greutert. Terror. 18 anos). John Kramer (Tobin Bell), o impiedoso assassino Jigsaw, está muito doente e em busca de uma cura milagrosa. Ele decide viajar para o México após ouvir falar de um inovador procedimento médico que, além de experimental, também é muito arriscado. Ao chegar a seu destino, ele se depara com um ambiente macabro, e descobre que toda a operação é uma farsa para enganar pessoas vulneráveis. Agora armado com um novo propósito, o serial killer usará armadilhas insanas e engenhosas para virar o jogo contra os vigaristas. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 15h20 - 18h15 - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h15 - 18h15 - 21h; CINE SERCLA TAMBÁ 2 (dub.): 16h20 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h20 - 20h45.

OS MERCENÁRIOS 4 (Expend4bles. EUA. Dir.: Scott Waugh. Ação. 18 anos). A equipe enfrenta um traficante de armas que comanda uma enorme exército privado. Munidos com todas as armas imagináveis,

os mercenários são a última linha de defesa do mundo. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 14h30 (dub.) - 17h10 (dub.) - 19h45 (dub.) - 22h10 (leg.); CINE SERCLA TAMBÁ 2 (dub.): 14h20; CINE SERCLA TAMBÁ 3 (dub.): 18h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h20; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h15.

NOSSO SONHO (Brasil. Dir.: Eduardo Albergaria. Biografia. 12 anos). A história da famosa dupla de cantores brasileiros Claudinho (Lucas Pentecado) e Buchecha (Juan Paiva), mostrando a amizade entre os dois desde a infância até o auge nacional pelo funk melody. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 19h20.

RESISTÊNCIA (The Creator. EUA. Dir.: Gareth Edwards. Ficção científica. 14 anos). O ex-agente Joshua (John David Washington) é recrutado para localizar e matar o Criador, um misterioso arquiteto responsável por desenvolver uma arma capaz de acabar com o confronto e com toda a humanidade. Ele e sua equipe partem para um território sombrio ocupado pela IA, mas acabam fazendo uma descoberta chocante: a arma que devem destruir é, na verdade, uma inteligência artificial em forma de criança. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 16h30 - 21h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 17h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 22h (qui. a dom.); CINE SERCLA TAMBÁ 3 (dub.): 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 20h15.

RUI PRA CACHORRO (Strays. EUA. Dir.: Josh Greenbaum. Comédia. 16 anos). Reggie é um inocente e adorável cachorro abandonado nas ruas por Doug (Will Forte), seu antigo dono. Em sua nova e triste vida, os caminhos do animal e de uma gangue de vira-latas liderada por um Boston Terrier acabam se cruzando, e o grupo começa uma improvável amizade. Na verdade, os cães se unem para levar Reggie de volta pra casa para fazer Doug pagar pelo que fez. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 22h15; CINE SERCLA TAMBÁ 4 (dub.): 14h50; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h50.

SOM DA LIBERDADE (Sound of Freedom. EUA e México. Dir.: Alejandro Gómez Monteverde. Drama. 14 anos). Um ex-agente federal (Jim Caviezel) embarca em uma perigosa missão para salvar uma menina dos cruéis traficantes de crianças. Com o tempo se esgotando, ele viaja pelas profundezas da selva colombiana, colocando sua vida em risco para libertá-la. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h15 - 20h15 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h30 - 17h30 - 20h30; CINE SERCLA TAMBÁ 6 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

MÚSICA

Wister apresenta o single 'Vem Cá'

Nas principais plataformas de áudio, música é cantada ao lado da ex-'The Voice' pernambucana Erica Natuza

Audaci Junior
audaciauniao@gmail.com

Fazendo jus ao nome, 'Vem Cá' é a música que chama para o próximo disco do paraibano Wister, que será apresentado no primeiro trimestre de 2024. O cartão de visitas sonoro do cantor e compositor dita a essência de seu novo trabalho, segundo o próprio artista.

"Foi uma música composta no início deste ano e, como quase todas as minhas composições, ela tem uma dose imensa de afeto e de apreço pelos amores românticos do cotidiano, sabe? Quero sempre falar sobre como as nossas relações devem ser mágicas e cheias de momentos doces, mesmos os mais simples", explicou ele.

Reverberando no *single* de Wister, as notas que dão a letra e que ele acha importantes têm como base falar dessas emoções de uma forma lúdica e sonhadora. "Mas sem deixar de lado as 'coisas reais' da convivência", ponderou. "Afinal, são esses momentos que fazem com quem nossos encontros se tornem sólidos e prazerosos".

Aproveitando a deixa dos encontros, 'Vem Cá' também convida outra artista para fazer coro: a pernambucana Erica Natuza, que alcançou notoriedade no *reality show* global *The Voice Brasil*. "Sem sombra de dúvidas, ela é alguém que admiro desde que a ouvi pela primeira vez, na edição de 2018 do *The Voice*", relembrou Wister. "Nos conhecemos no mesmo ano e foi uma conexão incrível, de cara. Eu estava em turnê pelo Nordeste com meu amigo e parceiro Luis Kiari, e fomos fazer um show no Teatro Arraial Ariano Suassuna, em Recife. Erica foi uma das convidadas para essa apresentação. Quando entrei no camarim, ela estava lá, falante e sorridente, contando histórias com uma energia tão bonita que não havia como não me sentir bem perto dela. Depois do show, trocamos números de telefone e prometemos que um dia faríamos algo juntos".

Produzido em conjunto com Jader Finamore, a canção foi decidida a quatro mãos para ter uma estética entre o *pop* e a MPB dos anos 1990, "dessas que ouvíamos na FM", nas palavras do paraibano.

"Então, ela acabou se tornando um lugar de memória afetiva de uma maneira pouco usual, já que não é uma música antiga, já ouvida, mas traz na produção essas nuances de coisas com as quais já tivemos alguma conexão antes".

Ainda no ritmo do 'Vem Cá', o ano ainda não acabou para Wister: haverá o lançamento do segundo *single* (em dezembro) que também fará parte do disco e uma série de apresentações do seu novo show, *Por que não falar de amor?*, cuja estreia será em João Pessoa, no próximo dia 15, no Teatro Santa Roza. No repertório, além das inéditas, músicas dos primeiros discos, principalmente do *Rabiscos Novos* (2007).



Através do QR Code acima, acesse para a audição da música

Foto: Edisson Ramalho/Divulgação



Com uma estética entre o 'pop' e a MPB dos anos 1990 com cara de FM, canção composta por Wister (acima) tem a participação especial da cantora Erica Natuza (abaixo)



Foto: Reprodução



Livraria
A UNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/



marketing epc



SENADO FEDERAL

35 ANOS DA CARTA MAGNA

Constituintes da PB enaltecem consagração do pacto social

Documento foi elaborado para resgatar a cidadania e garantir direitos

Petronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

CONSTITUIÇÃO

Da República Federativa do Brasil



Tive a honra de integrá-la, e participar em todos os níveis da construção constitucional até virar lei

Marcondes Gadelha

Era 5 de outubro de 1988, uma quarta-feira, meio de semana, em Brasília, todo o país ansioso. Lá estavam reunidos mais de 600 parlamentares, divididos em senadores e deputados federais, entre eles 15 paraibanos. Todos para declararem e proclamarem a Nova Constituição Federativa do Brasil. Hoje, 35 anos após esta data histórica, apenas seis destes constituintes paraibanos estão vivos. Conseguimos declarações com três deles, Cássio Cunha Lima, então deputado federal, Marcondes Gadelha e Raimundo Lira, senadores na época. Buscamos extrair deles relatos e outras peculiaridades e como contribuíram, com seus projetos e falas, a busca por um país melhor e mais justo.

“Aquele altura tinha 25 anos, fui eleito com 23 anos de idade. Como constituinte originário, fui autor dos dispositivos que asseguraram o transporte coletivo gratuito para os idosos e o pagamento do salário mínimo integral para aposentados rurais, além da redução da idade limite para aposentadoria. Iniciativa que, até hoje, beneficia milhões de brasileiros. Mais recentemente, no Senado, como Constituinte derivado, fui autor da PEC que criou a Polícia Penal. Tenho orgulho disso, não vou esconder.”, disse o então constituinte Cássio Cunha Lima, hoje sem mandato eletivo e exercendo a profissão de advogado em Brasília.

O então deputado federal, Cássio lembra que o clima no Brasil, em 1988, era de esperança e de desejo por um novo país.

“Havia um clima positivo no ar, com o restabelecimento da democracia, a conquista de aspectos importantes, a estabilidade econômica, política e os avanços sociais, que são inegáveis, ajudaram a lançar alicerces importantes. Antes da Constituição, o trabalhador rural, por exemplo, recebia meio salário mínimo. Fui o autor do dispositivo que garantiu que nenhum trabalhador receberia menos de um salário. Desse modo, conseguimos promover uma verdadeira revolução na economia do Nordeste.”, comentou o constituinte.

Naquela época, a Paraíba possuía nomes importantes na política nacional. Humberto Lucena, por exemplo, era presidente do Senado Federal. Ele ganhou notabilidade nacional, tal sua atuação na mais alta Casa Legislativa do país. Já se mencionava o importante papel desempenhado por ele naquela Assembleia Constituinte. Além dele, destacaram-se outros dois senadores representantes da Paraíba: Marcondes Gadelha e Raimundo Lira.

Humberto Lucena foi, por exemplo, que em 23 de março de 1988, na Assembleia Nacional Constituinte, defendeu o presidencialismo como forma de governo para o Brasil. A proposta, aprovada por 344 votos contra 212 e três abstenções, foi apresentada na forma de emenda coletiva. Existia uma outra corrente que era do parlamentarismo.

Já o senador Raimundo Lira, a época filiado ao MDB, que depois viria a se chamar PMDB e hoje voltou a ser denomina-

do de MDB, também teve papel importante na Carta Constitucional. Assumiu o mandato em fevereiro de 1987, na instalação da Assembleia Nacional Constituinte, onde tornou-se vice-líder do seu partido no Senado. Foi titular e Primeiro Vice-Presidente da Subcomissão de Defesa do Estado, da Sociedade e de sua Segurança e titular da Comissão da Organização Eleitoral, Partidária e Garantia das Instituições. Atuou ainda como suplente da Comissão da Ordem Econômica e da Subcomissão de Princípios Gerais, Intervenção do Estado, Regime da Atividade Econômica

Durante os trabalhos da Constituinte apresentou 24 emendas, das quais nove foram aprovadas em sua totalidade e duas parcialmente. Votou a favor da proteção ao trabalho contra demissão sem justa causa, do turno ininterrupto de seis horas, do aviso prévio proporcional, da unicidade sindical, da soberania popular, do voto aos 16 anos, do presidencialismo, da nacionalização do subsolo, da proibição do comércio de sangue, do mandato de cinco anos para o então presidente José Sarney (1985-1990), do aborto e da anistia aos micro e pequenos empresários. Votou contra o rompimento de relações diplomáticas com países com política de discriminação racial, a pena de morte, a limitação do direito de propriedade privada, a jornada semanal de 40 horas, a estatização do sistema financeiro, o

limite de 12% ao ano para os juros reais, a limitação dos encargos da dívida externa, a criação de um fundo de apoio à reforma agrária, a legalização do jogo do bicho e a desapropriação de terras produtivas. Abs-teve-se quanto ao mandado de segurança coletivo. Concordava com a reforma agrária, desde que fosse definida a função social da propriedade e concedidos estímulos para que ela se tornasse produtiva.

“Foi feita uma Constituição muito prolixa. Ela ficou sem rumo e ficou à mercê dando margem para leis ordinárias. Tratamos de fazer uma amarração muito grande para que não houvesse futuras emendas e de forma exagerada. Coisa que acontece hoje e com muita frequência. Lamentável. Mas de uma forma geral, ela foi muito boa, muito produtiva, trouxe imensa alegria ao povo brasileiro. Ela segue seu rumo, mesmo diante de toda a sua complexidade enquanto Carta Magna do País”, disse o ex-senador constituinte, hoje empresário, Raimundo Lira.

Fechando o triunvirato do Senado pela Paraíba, que participou da Constituinte em 1988, Marcondes Gadelha, a época no PFL, hoje uma evolução do Democratas e chegando ao União Brasil, foi o autor do artigo que trata da formação de uma comunidade latino-americana de nações, que depois se transformou no Mercosul, e do artigo que criou o Serviço Nacional de Empregos (Sine).

Para Marcondes, a Assembleia Nacional Constituinte foi o acontecimento político, social e econômico mais importante dos últimos 50 anos. Não só por ter lavrado a ata do pacto social deste país mas também por marcar de maneira nítida e objetiva o fim do regime militar e o ingresso em uma forma de convivência democrática, sob a égide do estado de direito. “Tive a honra de integrá-la, e participar em todos os níveis da construção constitucional. Fui presidente de Comissão Temática Família, Educação, Cultura e Esportes, Ciência e Tecnologia e Comunicação) e fui membro da Comissão de Sistematização. Consegui aprovar uma emenda de minha autoria, que hoje constitui o parágrafo quarto da Constituição e dispõe sobre a integração latino-americana. Foi a base para a criação do Mercosul. E o fato de completar 35 anos, já é uma indicação de sucesso”, enfatizou.

■ A Constituição Federal que completou 35 anos de sua promulgação, na última quinta-feira, teve debates desde a instalação da Assembleia Nacional Constituinte, que ocorreu em 1º de fevereiro de 1987.

■ Entretanto, além dos 3 senadores constituintes, os paraibanos fizeram-se representar, também, para a elaboração e aprovação da nova Constituição da República Federativa do Brasil, por 12 deputados federais, obviamente denominados de constituintes.



Fui autor dos dispositivos que asseguraram o transporte coletivo gratuito para os idosos

Cássio Cunha Lima



Ela segue seu rumo, mesmo diante de toda a sua complexidade enquanto Carta Magna do País

Raimundo Lira

Constituintes da PB

Deputados federais

- Aduino Pereira
- Aluizio Campos
- Antonio Mariz
- Edme Tavares
- Edvaldo Mota
- João da Mata
- José Maranhão
- Lúcia Braga
- Agassiz Almeida
- Cássio Cunha Lima
- Evaldo Gonçalves
- João Agripino Neto

Senadores

- Humberto Lucena
- Marcondes Gadelha
- Raimundo Lira

Nossas Constituições

Promulgada no dia 5 de outubro de 1988, durante o governo do então presidente José Sarney, a Constituição em vigor, conhecida por “Constituição Cidadã”, é a sétima adotada no país e tem como um de seus fundamentos dar maior liberdade e direitos ao cidadão - reduzidos durante o regime militar - e manter o Estado como república presidencialista. As Constituições anteriores são as de 1824, 1891, 1934, 1937, 1946 e 1967.

Das sete Constituições, quatro foram promulgadas por assembleias constituintes, duas foram impostas — uma por D. Pedro I e outra por Getúlio Vargas — e uma aprovada pelo Congresso por exigência do regime militar. Na história das Constituições brasileiras, há uma alternância entre regimes fechados e mais democráticos, com a respectiva repercussão na aprovação das Cartas, ora impostas, ora aprovadas por assembleias constituintes.

Memórias

A União

José Pinheiro

A surpresa do primeiro emprego na revisão e uma dívida de gratidão

Em sua história profissional, jornalista viveu desde casos engraçados a crises que foram superadas, ofereceu o perdão e acredita que a dedicação foi fundamental para o desempenho de suas várias funções no jornal

Luiz Carlos Sousa
luizcp@gmail.com

José Amaro Pinheiro tem uma longa e bonita história com **A União**. Era um jovem de 16 anos quando recebeu do pai a comunicação de que iria trabalhar no jornal. Encarou o desafio, enturmou-se rapidamente e logo alcançou progressos, assumindo responsabilidades como revisar o *Correio das Artes*. Passou por várias funções. Da expedição ao almoxarifado, além da circulação. Lidou com greves e até com incompreensões que o levaram a se afastar do jornal, mas tudo superado. Ao Memórias **A União**, Pinheiro conta que deve tudo ao jornal, que, em sua opinião, estará sempre na história da Paraíba, pelo patrimônio que representa. Ele relembra fatos e episódios ao longo de seus mais de 40 anos de jornal, das amizades que fez, de crises e de momentos importantes, como a inauguração da impressora offset, “uma maravilha”, segundo ele.

Entrevista

■ *Quando foi que você começou a trabalhar em A União?*

Comecei a trabalhar aqui com 16 anos, jovem demais. Para mim foi uma surpresa muito grande. Eu estava em casa, meu pai chegou e disse: “Tem um emprego para você”. Eu fiquei espantado. Através de um tio meu, Hilton Muniz de Brito, que era redator de debates da Assembleia e era meu amigo de Zé Souto, que foi presidente de **A União** duas vezes. Então, ele me chamou e eu fiquei espantado. Nunca tinha visto um jornal. Quando entrei na Redação, fiquei olhando e me anunciaram: “Você vai para revisão”.

■ *Se identificou facilmente?*

Eu gostava de ler, até hoje leio bastante. E quando cheguei na redação estava lá o time, todo mundo olhando para mim e eu espantado disse meu Deus do céu, o que que eu vou fazer aqui?

■ *Foi bem recebido?*

Bem demais. E o interessante não foi nada, foi o banho da chegada. “Terminaram os trabalhos agora, você tá compromissado com a gente”, foram avisando. Eu não percebi e perguntei: que é vou fazer? Vamos descer a escadaria da Universidade, Faculdade de Direito. Fomos para a Silva Jardim. Tinha um barzinho, umas bodegas e foi a primeira lapada de conhaque que eu tomei. Eu tomei e fiquei doído.

■ *A União era num prédio no terreno onde hoje é a Assembleia, bem próximo a Silva Jardim?*

E aí começou minha trajetória n'A União.

■ *Você não tinha ideia nenhuma de que era um jornal? Você é de onde Pinheiro?*

Eu sou de São João do Rio do Peixe, antigo Antenor Navarro.

■ *Mas você não tinha ideia nenhuma?*

Estava em casa ainda jogando bola, brincando, aquele negócio todo. Estava me preparando para fazer o Exame de Admissão, no Liceu, que tinha que fazer uma prova. Foi tudo uma surpresa na minha vida. E **A União**, para mim, foi tudo na vida... Criei meus filhos. As lembranças que eu tenho hoje d'A União são espetaculares.

bonito demais elas trabalhando, uma zoeira grande, pareciam um robô: vai para lá para cá para pegar as caixetas e por último, as máquinas impressoras. A do Diário Oficial era menor, e tinha a rotoplana, maior que era para impressão do Jornal **A União**.

■ *Você se lembra de algum detalhe?*

Interessante era o seguinte: imprimia página por página, não era tudo de uma vez. Era muito antigo.

■ *E depois dobrava?*

Depois tinha uma pessoa que dobrava manualmente e o mais interessante disso tudo era a portaria. Tinha um senhor que chamava-se Antônio Menino. Ele só andava de paletó, chapéu de massa e suspensório. Todo mundo respeitava, até o diretor. Ele era uma ordem franciscana, não fugia à regra. Ninguém entrava não, se ele não permitisse.

■ *Tinha autoridade mesmo?*

Meu Deus do céu. E, além do mais, além de ter autoridade, as pessoas tinham respeito grande, impressionante. Ele tinha uma moral impressionante. A palavra dele acabava uma briga. Como se diz, se aposentou na marra porque chegou a idade.

■ *Mais algum detalhe desse período?*

Voltando um pouco. O primeiro superintendente, que era chamado diretor-geral, que trouxe a primeira máquina offset para União, foi Biu Ramos. Era uma máquina pequena. Foi uma festa grande, porque era uma coisa assombrosa naquela época. Era impressão a frio.

■ *A outra era quente, porque era no chumbo?*

Foi colocada de lado, onde hoje é um anexo da Assembleia. Tinha uma casa na esquina, mas a impressão era perfeita para aquela época. Aquela coisa é sem limpeza, muito melado de tinta e a as linhas não muito lineares.

■ *Patrimônio Histórico?*

Parecidíssimo com o Palácio da Justiça, mas, infelizmente.

■ *A vontade política de botar Assembleia ali foi maior?*

O prédio tinha tudo, porque do lado da Duque de Caxias ficava a diretoria e uma parte da Redação. Aí você seguia em frente, à esquerda, tinha a expedição, que hoje eles dão outro nome, distribuição, circulação. Aí tinha o banheiro, tinha um corredorzinho e uma área muito boa que a gente via a Praça João Pessoa. Começavam os departamentos: faturamento, tesouraria e ia para revisão. Tudo certo. E tinha, no primeiro andar, até embaixo, uma escadaria em espiral.

■ *Que ainda hoje tem na Assembleia. Parece que foi a única coisa que ficou do prédio?*

Rapaz, graças a Deus. Tinha a parte das máquinas, linotipos, era



Pinheiro revelou que enfrentou dois momentos difíceis em A União, mas que foram superados e que só restaram boas lembranças

res, digamos assim, chegou aquela coisa toda limpa bonita. E o bom disso tudo era que o diagramador tinha que ser bom porque todo o cálculo era na mão.

■ *E você sempre por ali. Apesar de ter crescido dentro de A União e ocupado outros cargos, mas sempre próximo à Redação?*

Eu passei por muitas áreas. Por incrível que pareça, fui para encadernação, passei pela expedição, fui para as caixetas. Tem cada coisa. Eu tinha curiosidade, é uma coisa de mim mesmo, natural e bacana.

■ *Passou por momentos difíceis?*

Agora meu amigo, uma agonia que eu já passei aqui, duas coisas terríveis. A primeira foi na época que quem era o editor geral era Marcone Cabral. Ele era de Patos. Quando eu cheguei de manhã estava uma revolução aqui dentro. Trocaram o nome do futuro presidente da República, Ernesto Geisel que era irmão de Orlando, que foi o que **A União** anunciou. Luiz Augusto Crispim, nervoso, perdeu o cargo, o secretário de Comunicação Noaldo Dantas também perdeu e Marcone Cabral. E mais: tivemos que correr atrás para recolher o jornal, mas não tinha mais jeito. Ele estava circulando, a distribuição tinha sido feita.

■ *Para quem não conhece a história, o nome escolhido para suceder o então presidente Emílio Garrastazu Médici tinha sido o general Ernesto Geisel, que era irmão do general Orlando Geisel, ministro do Exército. Ficou aquela história durante muito tempo que seria Orlando, que seria Ernesto e o que foi que o editor de A União fez? Ele preparou dois perfis quando e o escolhido foi Ernesto, trocou o perfil e publicou o de Orlando e A União deu Manchetete. Foi uma barriga nacional, que até hoje se comenta dizendo que o presidente seria Orlando quando na verdade foi Ernesto. Imaginem Ernani Sátiro, que era*

o governador e um alinhado da ditadura militar, o que se exigiu de explicação dele. Uma revolução?

Foi uma coisa incrível. Não sei como não fecharam **A União**. A Paraíba, um estado pequeno, cometer um erro desses quando o Brasil estava feito uma chaleira.

■ *Você sabe que, no mesmo dia, houve uma nova edição?*

Mas não teve mais jeito. O erro já tinha sido cometido e já estava espalhado. Esse foi um momento difícil.

■ *Qual foi o outro? Você disse que houve dois momentos difíceis?*

Uns menores outros mais graves. Houve uma greve, o diretor era José Souto. Mas um me abalou muito. Eu já perdoei. Não vou citar o nome do diretor até porque ele já morreu. Ele era de Campina Grande, no governo de Ronaldo Cunha Lima. Eu era supervisor gráfico lá. A Redação era em Jaguaribe, na Osvaldo Pessoa. A última página que fechava era a primeira, quando liberava mesmo a Redação e o editor era Antônio Costa, Toinho. Então, teve um sábado, o pessoal doído para ir pra casa, pra ir pra barzinho, e eles começaram a me pressionar para fechar a página. Eu não posso. Tem que esperar o título e depois muda acontece um negócio. Era imprevisível o horário de fechamento e não dependia de mim. Meu amigo, aconteceu um negócio chato danado. O telefone toca, eu fui atender e era esse diretor. Que Deus o tenha. Ele disse: “Pinheiro, rapaz, eu estou aqui no distrito industrial, com uns amigos mostrando o jornal, como é que funciona a rotoplana”. E o impressor chefe.

■ *Inaldo Domingos dos Santos, o Joca?*

Exatamente. E o diretor contínuo: “Ele disse que você está atrasando o jornal”. Era umas três para quatro horas da tarde. Eu disse não estou atrasando. Aí começou você

hoje: *La Barca*. E eu fazia gestos para Da Penha parar de cantar e aí ele aumentava a voz. Quando ele parou de cantar, José Souto bateu palmas e disse: “Vá ao meu gabinete”. Chegou lá, Souto disse sorrindo: “Você vai para a Rádio Tabajara, que é seu canto. Aqui a gente não precisa de cantor, não”.

■ *Arançar um sorriso de Zé Souto. Mas você vê, até a forma de punir, um incentivo, uma promoção?*

Tirou o cara daqui e mandou para a Tabajara por conta do dom de cantar. Para falar a verdade, sou saudosista. **A União** me deu tudo.

■ *Aqui você estudou e concluiu sua faculdade?*

E hoje digo uma coisa a você: eu sinto saudade. Encontro, às vezes, os amigos, reclamam... E eu digo: não, você tá errado, amigo. **A União** não é o que você tá dizendo, nem é fera ferida. É um órgão de comunicação que está entranhado na história da Paraíba. São 130 anos.

■ *É que às vezes, a pessoa teve um constrangimento, o que é natural ocorrer em qualquer lugar onde se trabalha. Na carreira militar, na civil, seja onde for, às vezes, se enfrenta um problema e muita gente não sabe lidar, fica chateado e transfere pra empresa a raiva de uma pessoa, de um chefe?*

Eu só queria só dizer uma coisa: **A União** é um órgão de trabalho e informativo que tinha uma vantagem muito grande: ela dominava a gente, não era a gente que a dominava. Veja bem, **A União** tinha um time de futebol, *A União Esporte Clube* e era um timaço, disputou a primeira divisão e os jogadores eram funcionários de **A União**. Tinha um gerente aqui, Manuel Costeira, quem me nomeou foi Pedro Gondim, que era louco por ele. E ele conseguiu muita coisa para esse time. **A União** teve de tudo, gente que cantava, artista plástico.

■ *Mas você, depois do Palácio dos Despachos, voltou para A União?*

Voltei. E um negócio impressionante: **A União** me atraiu. Do mesmo jeito que eu tive medo, eu ficava alegre quando voltava.

■ *Você fez muitos amigos aqui?*

Pois é, minha juventude. Foi tudo.

■ *Você comentou que quando chegou teve o banho. Eu imagino que você conheceu, no auge da carreira, Gonzaga Rodrigues, Barreto Neto?*

Gonzaga, pelo amor de Deus, foi o melhor diretor técnico. Desculpe os outros, que eu já conheci na minha vida. Gente boa o “neguim”.

■ *E Barreto Neto?*

Um “figuaroço”. Uma pessoa saudável, amiga. Tinha paciência com as pessoas. Um cara que orientou muita gente.

■ *Alguma passagem daquele tempo que você gostaria de lembrar?*

Tem uma história, essa eu não aguento. A gente estava na Redação e Da Penha, que era um dos revisores, foi no banheiro e voltou cantando. Tinha uma voz linda. José Souto estava na revisão mostrando a um amigo. Eu me lembro como se fosse

■ *Ainda hoje tem Tonio. Você lembra dele?*

Meu Deus, lembro demais.

■ *Você conhece, se lembra de alguma história engraçada?*

Tinha um teletipo da UPL, que transmitia as notícias. E havia um senhor que varria, quando terminava a Redação. O equipamento disparava de noite - o noticiário vinha dos Estados Unidos - ele corria com medo. Dizia que era que nem era uma alma penada

■ *Você conviveu com quantas diretorias? Você se lembra?*

Quando eu entrei era Antônio Brayner. Vieram José Souto, Carlos Vieira, Aluísio Moura, Biu Ramos, Petrônio Souto, Etiênio Campos.

■ *Você acompanhou esse salto tecnológico que foi A União passando da era do chumbo para offset. Como foi essa esse período?*

Foi uma festa. Naquela época era um negócio que ninguém acreditava. Era uma coisa diferente, bonita, as cores vibrantes. O papel, eu não sei se o papel era melhor e tinha uma coisa muito boa também, o *Correio das Artes*. Me colocaram para ser responsável pela revisão gráfica, do perfil. Depois que fazia meu trabalho tinha que revisar tudo. Era bom demais. **A União** me ensinou muita coisa.

■ *Uma escola, como disse José Américo?*

Vi José Américo subindo essa rampa, vinha para a Redação. Muita gente, Pedro Gondim, um governador impressionante, que gostava d'A União. Wilson Braga. Eles sempre participavam de **A União**. Era como uma espécie de suporte. Era a defesa do governo da época.

■ *Quanto tempo você ficou n'A União?*

Eu passei quase 30 anos. Na realidade, sendo todo, foram 41 anos e 8 meses de trabalho. Eu me aposentei no governo de Fernando Henrique Cardoso. Ele fez um decreto que as pessoas não podiam - quem tinha gratificação de atividades especiais - incorporar. E logicamente quem tinha, quem estava assumindo o governo era Cássio Cunha Lima, que fez a mesma coisa aqui. Mas era bom demais. A gente era tratado como a fina flor.

■ *E a vida hoje como está?*

Levo uma vida tranquila, de muita saúde, do tempo, mas é isso mesmo, na minha idade o cabra tem que ter saudade.

■ *Você disse que passou por vários setores, pela revisão, pela expedição. Qual foi o que deixou a maior marca?*

Foi a revisão, porque foi o primeiro. A revisão só tinha intelectual sem ser, né? Mas era bom demais. A gente era tratado como a fina flor.

■ *Por quê?*

Era a responsabilidade muito

grande em cima da qualidade do que ia sair. O Português correto.

■ *Como foi a inauguração da nova máquina quando A União passou a ser impressa em offset?*

Impressionante. Foi uma festa muito grande. Você lembra daquela revista Seleções? Tem coisa interessante - eu não vou fazer um comparativo - que é o papel que ela usava, era um papel diferente, um papel com cheiro. Muita gente dizia que a gente tinha a impressão igualzinha à daquela revista. Foi muito bonita, uma coisa impressionante.

■ *E quando A União botou foto colorida na primeira vez?*

Foi o presidente Figueiredo. Todo mundo ficava sem entender. Era bonito demais. Hoje é comum, mas para época... É o que eu digo: **A União** tem uma energia o nome **A União** então, uma energia, é tão grande, que ela não vai ficar velha nunca. Ela sempre se renova por ela mesmo. Meu tempo já passou, não sei quando é que eu vou para o outro lado e essas gerações que estão ficando aí não vão deixar de falar nunca.

■ *Isso foi quando?*

Foi na segunda vez que ele foi presidente.

■ *A Redação era em Jaguaribe?*

E teve outra lá que na época de Biu Ramos. Essa foi engraçada. Eu liquei para ele, o pessoal doído para ir embora, Antônio Costa era o editor e com um monte de página para fechar a gente ia terminar umas 3h da madrugada. Liquei para Biu, que falou o seguinte: “Pega as coleções antigas faz o fotolito. Voltei e comuniquei o fato a Toinho, que perguntou: “Mas rapaz isso vai dar certo?” O homem não mandou? No outro dia saiu a página duplicada. Foi uma confusão, pense num nó cego. Foi zebra.

■ *Algum tema que você gostaria de tocar que eu passei despercebido?*

Eu estava dizendo ao meu filho, quando subi a escada daqui, eu senti a mesma coisa que quando eu cheguei lá. Me emocionei, porque não é brincadeira não. A minha vida, uma boa parte da minha juventude foi aqui. Eu posso dizer que eu casei trabalhando n' **A União**. Vivi intensamente o Jornal **A União**. Eu vou dizer uma coisa, eu tenho respeito por esse jornal.

■ *Quem era o governador quando você deixou da União?*

José Maranhão. Mas lembro de outro que foi governador, Antônio Mariz, que chegou na Redação em Jaguaribe, simplicidade enorme. Ele sentou lá no gabinete do gerente-geral e todo mundo conversando com ele. Agora, era um cigarro atrás do outro. Foi bom, meu período foi muito bom.

■ *Deixou grandes amigos?*

Eu não gosto nem de falar. E digo mais uma coisa: não me arrependo de nada. É melhor você viver com eu estou vivendo hoje certo, minha mulher me ajuda no complemento fami-

liar, mas com toda sinceridade é melhor ter pouco do que ter muito e não poder dormir. Se aperreia, é normal, mas fazer o quê?

■ *Você tem alguma lembrança de algum momento difícil que A União enfrentou?*

A greve. O problema maior era o seguinte: o pessoal ganhando pouco, realmente o gráfico ganhava pouco. Então, eu me desculpo está falando isso. Um deles chegou para mim e disse: “Rapaz”, -, eu era o responsável pela tiragem do jornal - “a situação é grave. O pessoal tá parado, não vai trabalhar”. Pelo amor de Deus, não faça isso não. “Ninguém vai trabalhar não” enfatizou. Eu tenho que colocar o jornal na rua. Liquei para José Souto: diretor o pessoal aqui não está querendo trabalhar não. O jornal não vai circular não. Eu sei que o que aconteceu foi o seguinte: José Souto disse para fazer o que desse. Senão, botasse todo mundo para casa. Reuni todo mundo lá e perguntei vocês querem tirar o jornal? “Não, a gente vai embora” foi a resposta. O jornal não saiu. No outro dia foi uma confusão.

■ *Isso foi quando?*

Foi na segunda vez que ele foi presidente.

■ *A Redação era em Jaguaribe?*

E teve outra lá que na época de Biu Ramos. Essa foi engraçada. Eu liquei para ele, o pessoal doído para ir embora, Antônio Costa era o editor e com um monte de página para fechar a gente ia terminar umas 3h da madrugada. Liquei para Biu, que falou o seguinte: “Pega as coleções antigas faz o fotolito. Voltei e comuniquei o fato a Toinho, que perguntou: “Mas rapaz isso vai dar certo?” O homem não mandou? No outro dia saiu a página duplicada. Foi uma confusão, pense num nó cego. Foi zebra.

■ *Algum tema que você gostaria de tocar que eu passei despercebido?*

Eu estava dizendo ao meu filho, quando subi a escada daqui, eu senti a mesma coisa que quando eu cheguei lá. Me emocionei, porque não é brincadeira não. A minha vida, uma boa parte da minha juventude foi aqui. Eu posso dizer que eu casei trabalhando n' **A União**. Vivi intensamente o Jornal **A União**. Eu vou dizer uma coisa, eu tenho respeito por esse jornal.



Aponte a câmera do celular e veja a entrevista na íntegra



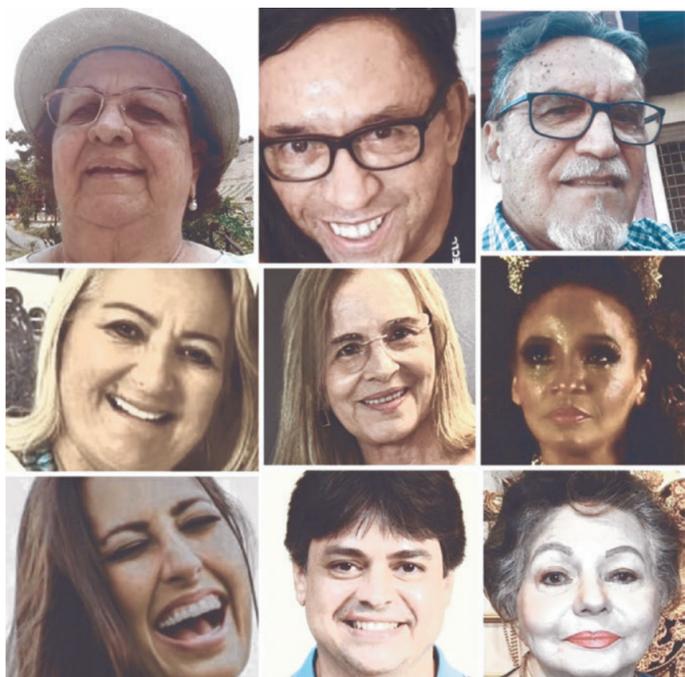


Editoração:
Ulisses Demétrio

16

A UNIÃO

João Pessoa, Paraíba
DOMINGO, 8 de outubro de 2023



Marta Ramalho, José Alves, Hildeberto Barbosa, Tereza Teixeira, Fabiana Palmeira, Berenice Paulo Neto, Belle Soares, Rayner Holmes Borba e Celene Sitônio são os aniversariantes da semana.



A edição 112ª da Forbes Brasil, publicação nacional mais importante da área de negócios, destacou o paraibano André Penazzi (foto), do Setai Grupo GP, na lista entre os melhores CEOs do País. A reportagem "O Segredo do Sucesso", que mereceu capa da publicação, destacou os empresários que mais conseguiram elevar seus negócios nos últimos 12 meses, alcançando patamares mais altos em faturamento, valor de mercado e branding.



O jurista e escritor Saulo Medeiros, um grande nome nos meios acadêmicos e intelectuais de nosso Estado, lançou na quinta-feira (5), no Museu da Arte Popular, em Campina Grande, o livro "Nós, Nossos Poemas", uma coletânea com textos de poetas que fazem parte do universo literário paraibano. Estive presente ao evento e, claro, registrei alguns dos melhores momentos. Confira.

IMOBILIÁRIA

PARAIBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

SAO BRAZ

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz

MD
moura dubeux

A professora da Universidade Federal do Ceará e escritora Arusha Kelly Carvalho de Oliveira publicou, na semana passada, a obra "O Cordel em Sala de Aula". O principal objetivo da obra é incentivar crianças, jovens e adultos, para que valorizem mais e ampliem os conhecimentos sobre a importante e vital Literatura de Cordel. Este interessante trabalho será lançado, em nossa cidade, durante o IX Congresso Nacional de Educação (CONWDU).

A nossa Paraíba, pela primeira vez, participou com *stand* próprio, da FIT 2023, importante feira comercial de turismo do mercado argentino em um local privilegiado: ao lado do espaço da Embratur. Segundo o presidente da PBTur, Ferdinando Lucena, a Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico, liderada pela secretária Rosália Lucas com apoio total do governador João Azevêdo, investe maciçamente para que a Paraíba marque presença nos principais eventos de turismo do Mundo.

O Sindicato dos Guias de Turismo da Paraíba, presidido por José Carlos de Melo Soares, vai inaugurar espaço no Mercado de Artesanato Júlio Rafael, no próximo dia 18. As guias de turismo Sandra Ramalho e Valéria Maia estão na organização do evento que já tem o nome de Ferdinando Lucena, o presidente da PBTur, entre os convidados que confirmaram presença na festividade.

O lançamento do livro "Fernando Teixeira - A Intuição Criativa", trabalho escrito pela autora Luciana Dias, aconteceu na livraria da Editora A União, no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, contando com significativa presença de intelectuais, amigos do ator e cineasta Fernando Teixeira e da escritora Luciana Dias.

Rabi Araújo, um arquiteto com alma de artista, criou a "chaise Campina", uma homenagem à sua terra natal. A obra, inspirada no Açude Velho, ponto emblemático da terra do forró, já tem o aval da empresa Hadassah que apoiou a ideia e já está comercializando o belo projeto.



Um evento magnífico, na Casa Róccia, na noite da quarta-feira (4), marcou os 40 anos de fundação da construtora e incorporadora Moura Dubeux. Na ocasião, o arquiteto Marcelo Rosenbaum, um dos mais respeitados nomes da arquitetura brasileira, marcou presença. Claro que registrei alguns momentos desta empresa que tem Diego Villar como CEO.



Entre os dias 3 e 5 de novembro, a indústria da cachaça estará em destaque no evento Brasil Cachaças, que deverá reunir cerca de 3,5 mil participantes para discussões relacionadas à bebida tradicionalmente brasileira. Durante o anúncio lançamento do evento, que aconteceu no Sesc Cabo Branco, em João Pessoa, a coluna registrou as presenças da organizadora da Brasil Cachaças Fernanda Melo, entre o Secretário de Planejamento da Prefeitura de João Pessoa, José William Montenegro; do Presidente do Sistema Fecomércio, Marconi Medeiros; do Diretor da Faepa/Senar, Alberto Vieira Athayde; do Vice-presidente do Ibrac, Mucio Fernandes; do Superintendente do Sebrae, Luiz Alberto Amorim e do Gerente de Agropecuária da Secretaria de Estado da Agricultura e Pesca, José Otávio Targino.

Selic

Fixado em 20 de setembro de 2023

12,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.320

Dólar \$ Comercial

-0,13%

R\$ 5,162

Euro € Comercial

+0,24%

R\$ 5,466

Libra £ Esterlina

+0,26%

R\$ 6,316

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Agosto/2023	0,23
Julho/2023	0,12
Junho/2023	-0,08
Maió/2023	0,23
Abril/2023	0,61

Ibovespa

114.169 pts

+0,78%



TURISMO DE AVENTURA

Setor impulsiona economia da PB

Além de atrativa para turistas, a atividade estimula o surgimento de empresas de hospedagem e alimentação

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Nem só de sol e mar vive o turismo da Paraíba. O segmento de aventura também é um atrativo aos visitantes em busca de atividades como trilhas, caminhadas, ciclismo, rapel e voo de asa delta. Os destinos turísticos estão espalhados por diversas regiões do estado, do Litoral ao Sertão, e despertam o empreendedorismo não apenas em quem desenvolve as atividades, mas abrangem os estabelecimentos de alimentação fora do lar e de hospedagem.

O diretor-presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ferdinando Lucena, afirma que as atividades de aventura desenvolvidas no estado são realizadas durante todo o ano, obedecendo a um calendário de programação dos municípios. Contudo, no verão, que é o ápice do turismo no Nordeste, pode haver a atração dos turistas que chegam à Paraíba por causa do litoral.

“Quando os visitantes de outros estados chegam a João Pessoa, ficam encantados e estimulados a conhecer outros municípios e suas ri-

quezas naturais. Temos Araruna, bem conhecida pela Pedra da Boca, Maturéia, no Sertão, que é referência nos voos de asa delta e parapente. Em Queimadas, as pessoas praticam rapel, assim como em Lucena. Já em Itatuba, tem-se o turismo náutico, por conta do Açude Boqueirão. Temos outras cidades como Cabaceiras, Dona Inês e São José de Piranhas”, cita o dirigente.

Conforme Ferdinando Lucena, muitos dos municípios já possuem empresas e profissionais que comercializam pacotes de passeios

para as atividades de aventuras. A gestora de Turismo e Economia Criativa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB), Regina Amorim, afirma que a profissionalização do turismo é um dos pré-requisitos mais demandados pelas agências e operadoras que atuam no setor.

“É importante que os serviços prestados possam encantar os visitantes. Sabemos da importância de cuidar do outro e, quando se trata do turista de aventura, esse cuidado é maior ainda quando

se está comercializando uma experiência ou um destino turístico. A profissionalização da atividade é uma etapa estratégica para garantir o crescimento”, destaca ela.

Capacitação

Para incentivar o empreendedorismo, o Sebrae realizou na última semana o curso de condutores em ecotrilhas e turismo de aventura. A capacitação foi realizada em Maturéia e teve carga horária de 40 horas, capacitando 15 pessoas. O analista técnico do Sebrae em Patos, Ferdinando Fé-

lix, enfatiza que a região de Araruna é um destino bem consolidado, com a Pedra da Boca. Já em Maturéia, ele aponta que é muito comum a prática de trilhas.

“É importante essa capacitação para qualificar as pessoas a melhor receberem os turistas. Conhecendo melhor os pontos turísticos e o que cada um tem a oferecer, a experiência vai ser bem melhor. Também é importante o conhecimento da fauna e da flora local. Na região de Maturéia, temos o Pico do Jabre e a Pedra dos Caboclos, por exemplo”, afirma o analista.

Foto: Evandro Pereira



Quando os visitantes chegam a João Pessoa, ficam estimulados a conhecer outros municípios e suas riquezas naturais

Ferdinando Lucena



Foto: Glauber Alves/Divulgação



Foto: Instagram @jabrevolivre

Festival do Voo Livre, no Pico do Jabre, recebe pilotos de asa delta e de parapente de todos os estados do Nordeste, que buscam aventura no ponto mais elevado do estado

Empreendedores criam negócios para atender à demanda crescente

Os passeios do turismo de aventura podem ser feitos durante um ou mais dias. Ferdinando Félix aponta que, para conhecer melhor os destinos, o ideal é a permanência em dois ou três dias para o caso de o turista fazer várias trilhas. Pensando no potencial de crescimento da cidade, o empreendedor Bertran Miranda montou o restaurante de alta gastronomia regional, Maturi, no entorno do Pico do Jabre, e está concluindo uma pousada com seis quartos até o final do ano.

“Nosso objetivo era montar a pousada, mas iniciamos com o restaurante. Nosso público é predominante de fora e elogia nosso estabelecimento. São pessoas de Patos, Imaculada, Campina Grande e até de João Pessoa, que visitam principalmente nos feriados. Os consumidores se surpreendem com a qualidade de nossos pratos”, comenta o empresário.

De acordo com ele, há muito espaço para investimentos na região já que a demanda por meios de hospedagem e de alimentação é crescente. No restaurante Maturi, por exemplo, é necessário fazer reserva para conseguir uma mesa. Quanto há eventos, até os hotéis de Teixeira ficam lotados.

“É uma área sustentável turisticamente, com alto potencial de crescimento. Chamamos Maturéia de ‘Bananeiras do Sertão’. Temos pousadas ecológicas, flats mobiliados para locação, chalés e imóveis com piscina. Eu já estou em contato com empresas de receptivo, articulando passeios para quando a pousada estiver pronta”, afirma Miranda.

A Ecopousada Pico do Jabre, já está em funcionamento há cinco anos. Conforme o proprietário, Álvaro Dantas Wanderley, a demanda vem crescendo na região. “Desde a inauguração, contamos com o

apoio do Sebrae. Isso porque precisávamos entender melhor o potencial da região e estudar como crescer ao longo do tempo. Fizemos três consultorias na área de gastronomia e elas nos permitiram projetar melhor o nosso restaurante. O que estamos trabalhando bastante agora é a questão do marketing digital”, disse.

Voo livre

Bertran Miranda organiza o Festival do Voo Livre, no Pico do Jabre, ponto de maior elevação no estado. O evento recebe pilotos de asa delta e de parapente de todos os estados do Nordeste. “Os pilotos saltam da rampa do Pico do Jabre e o local de pouso é em frente ao meu restaurante”.

Além do festival, há diversos outros eventos na região, ao longo do ano. “Temos festival gastronômico, festival de fotografias dos astros e reuniões de vôleiros, além de eventos musicais”, conta o empreendedor.

Prática segura atrai seguidores e se torna referência internacional

Agência Brasil

O que torna o turismo de aventura ainda mais atraente é a adoção de normas de segurança para manter o setor crescendo de forma sustentável. No Brasil, logo nos primeiros anos da década de 2000, poder público, entidades esportivas e agentes turísticos se uniram para estabelecer regras que elevassem a qualidade e a segurança dos serviços associados não só ao segmento, mas a toda a cadeia relacionada ao turismo de natureza e esportivo.

“Na época, final da década de 1990 e início dos anos 2000, o turismo de aventura se popularizou e o número de acidentes começou a aumentar”, conta o atual coordenador de Natureza e Segamentos Especiais da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo

(Embratur), Leonardo Persi.

Administrador de empresas com especialização em ecoturismo, Persi participou ativamente do processo. Ex-secretário das comissões de estudo da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), ele integrou a delegação brasileira junto ao Comitê Técnico de Turismo e Serviços, da Organização Internacional de Normalização (ISO).

“Todo o setor se uniu. Com a participação de pessoas de renome de diversos segmentos esportivos, o Brasil passou a estabelecer requisitos mínimos de segurança para evitarmos que operadores de turismo que não tenham experiência com determinadas atividades comecem a ofertá-las, colocando em risco a segurança dos clientes e a dos próprios trabalhadores”, destaca Persi.

Segundo o coordenador da Embratur, autarquia responsável por promover os atrativos turísticos do Brasil no exterior, algumas das exigências de segurança elaboradas e implementadas com o aval da ABNT acabaram servindo de exemplo para regras de segurança depois adotadas pela ISO e que, hoje, estão em vigor em vários países.

“Isso significa que o Brasil está na vanguarda desta discussão há tempos. E que, paralelamente ao trabalho de promoção que é feito no exterior, o país vem executando uma série de ações importantes para atrair turistas de aventura e esportivos”, ressalta Persi ao tratar dos planos da Embratur para tentar aumentar a captação de clientes estrangeiros, incluindo os turistas de aventura e esportivos.

SETOR ESPORTIVO

Mercado de apostas cresce no Brasil

País ocupa a terceira posição mundial no ranking, movimentando mais de R\$ 120 bilhões por ano na economia

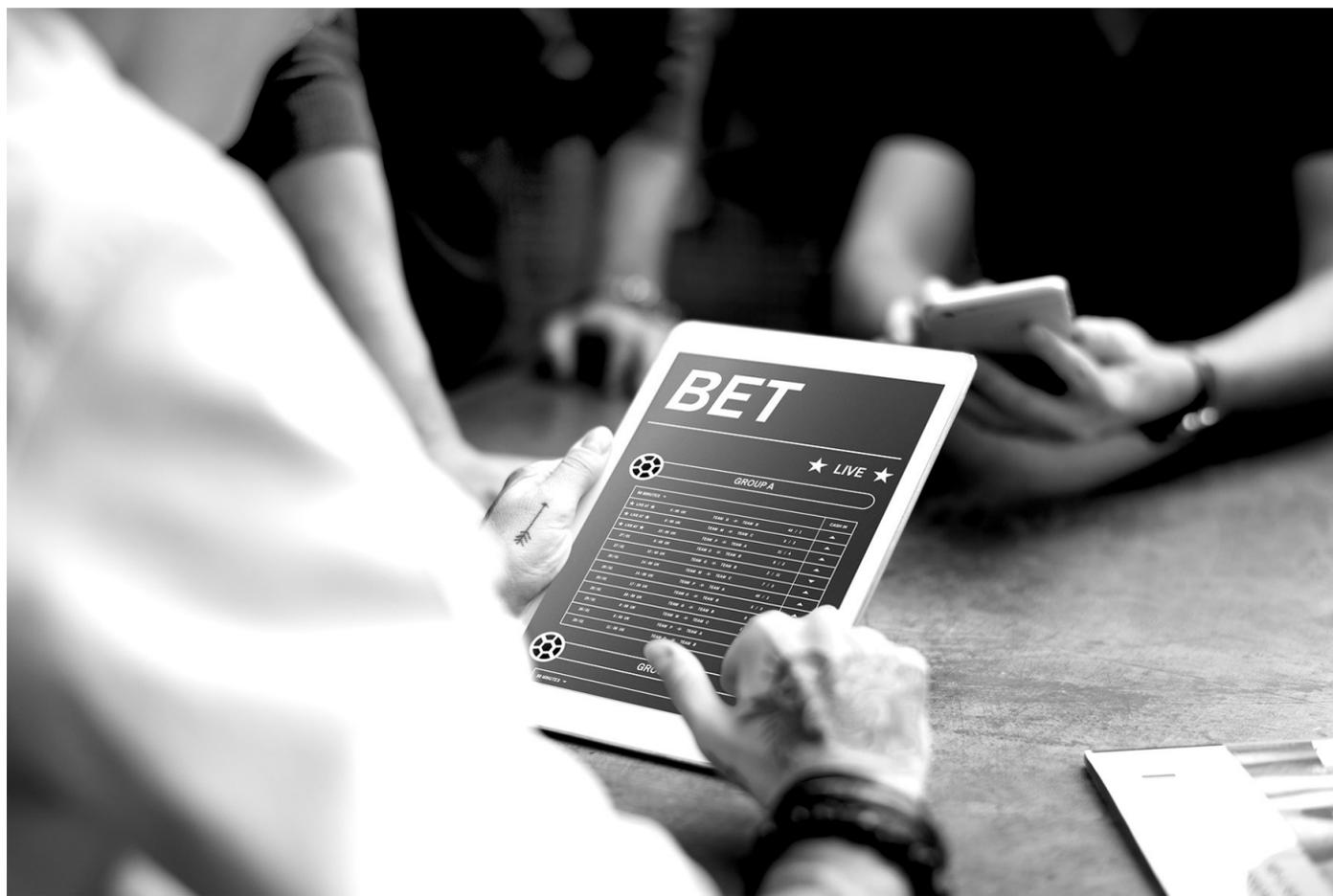
O mercado de apostas esportivas, também conhecido como *bet*, tem ganhado cada vez mais popularidade entre os usuários *on-line*. O país ocupa a terceira posição mundial em consumo de casas de apostas, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da Inglaterra, segundo dados da Comscore, empresa de análise de dados e métricas de mídia digital.

No Brasil, o setor é um dos que mais crescem, movimentando mais de R\$ 120 bilhões por ano, segundo dados do BNL Data, informativo sobre loterias, jogos e apostas esportivas. Com a regulamentação das apostas esportivas no país em pauta no Congresso, o setor mira um faturamento ainda maior. A autorização para as plataformas de apostas operarem no Brasil também aponta para uma melhora na arrecadação do governo.

O segmento *bet* já atraiu investimentos significativos de operadores internacionais que estão com bastante expectativas para entrar em um dos maiores mercados potenciais do mundo. As empresas estão se preparando para competir em um ambiente regulamentado, estabelecendo parcerias com clubes esportivos, mídia e outras partes interessadas.

Lacunas

Para Leonardo Baptista, CEO e cofundador da Pay4Fun, primeira instituição de pagamento, que atua no setor de apostas esportivas a receber a autorização do Banco Central do Brasil, a regulamentação vem para atender a uma demanda crescente no setor, estabelecendo diretrizes claras para o mercado e preenchendo as lacunas regulatórias que têm sido observadas desde a criação do setor.



Segmento atrai investimentos significativos de operadores internacionais ao Brasil, que lidera o ranking dos que mais acessam sites de apostas no mundo

Transações por Pix alimentam negócio bilionário

Embora a legalização das apostas esportivas de quotas fixas tenha sido sancionada por Michel Temer pela Lei nº 13.756/18, no final de seu governo em 2018, o mercado ainda não é regulado e as casas de apostas operam no Brasil com licenças de outros países, como Reino Unido, Malta e Curaçao, que são as mais populares.

A lei originalmente estabeleceu um prazo de dois anos para a regulamentação do setor, com a possibilidade de prorrogação por mais dois anos. No entanto, o ex-presidente, Jair Bolsonaro,

teve até o final de 2022 para efetivar a regulamentação das apostas esportivas. Nesse momento, a responsabilidade de regulamentar o setor encontra-se nas mãos do atual governo.

A ausência de regulamentação tem inibido potenciais parcerias de negócios com operadores internacionais, que demonstram preocupação devido à falta de diretrizes claras no ambiente regulatório. O futuro desse setor em crescimento depende das decisões que serão tomadas pelo Senado, que tem até 30 de outubro para ava-

liar o Projeto de Lei 3626/23, em caráter de urgência.

Apostas esportivas

Em poucos anos, a indústria de apostas esportivas se tornou um negócio bilionário no Brasil. Pesquisa recente da Datahub, plataforma que atua com *big data* e *analytics*, mostra que o segmento de apostas *on-line* cresceu 360% no Brasil entre 2020 e 2022.

O Brasil lidera o ranking dos países que mais acessam sites de apostas no mundo. Apenas no último ano, foram registrados mais de

14 bilhões de acessos, apontando levantamento do Cupom Válido e do Similar Web, o aumento no tráfego *on-line* reflete a crescente popularidade das apostas esportivas no país.

A expansão e a facilidade do Pix ajudaram a popularizar as *bets* no país, impulsionando ainda mais o crescimento desse mercado. A modalidade tornou-se o método de pagamento preferido entre usuários de sites de apostas *on-line*, segundo um levantamento realizado pela Pay4Fun. A pesquisa revelou que nove em cada 10

usuários utilizam o Pix para realizar transações em sites de apostas esportivas.

Embora o mercado *bet* no Brasil ainda aguarde a aprovação da regulamentação, o crescimento constante e o otimismo em torno desse setor deixam claro que as apostas esportivas estão prontas para se tornar um dos principais impulsionadores econômicos do país nas próximas décadas. Com isso, o Brasil está prestes a se juntar a outras nações que já se beneficiam econômica e socialmente desse mercado em rápido crescimento.

País debate a regulamentação

Agência Senado

O Projeto de Lei 3626/23, do Poder Executivo, que regulamenta as apostas esportivas por meio de quota fixa foi aprovado pela Câmara e aguarda votação no Senado. O projeto é considerado parte de cronograma de iniciativas para reforçar a arrecadação do governo e combater déficit público.

O projeto foi apresentado em julho, junto com a MP 1.182/2023. O primeiro tratava da estrutura e dos processos administrativos para fiscalização desse mercado de apostas esportivas e a medida provisória era focada na regulamentação do mercado de *bets*. Como a comissão para analisar a medida ainda nem foi instalada, seu conteúdo acabou sendo incorporado ao do projeto aprovado pela Câmara, na forma de um substitutivo do relator, deputado Adolfo Viana (PSDB-BA).

Segundo o governo, as proposições visam a estabelecer regras claras para o mercado de apostas por

quota fixa, criado pela Lei nº 13.756/2018, suprimindo uma lacuna de regulamentação observada desde a sua criação. Os ministérios da Fazenda e do Esporte são coautores das propostas dos textos da MP e do projeto.

“Esse é um projeto que foi orientado primeiro para legalizar regularizar uma atividade econômica que está crescendo no Brasil e no mundo. É importante a regularização dela no papel. Também é preciso organizar essa atividade econômica e aproveitar parte desses recursos para investir no esporte, no turismo, na segurança social”, disse o ministro chefe da Secretaria de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, que considerou a aprovação uma vitória do governo.

Regras

A lei atual sobre essa modalidade de loteria prevê que as empresas fiquem com 95% do faturamento bruto (após prêmios e imposto de renda), enquanto o projeto deixa com elas 82%. Os 18% res-

tantes serão divididos entre educação (1,82%), esporte (6,63%), turismo (5%), segurança social (que pelo texto da MP teria 10%, mas no projeto aprovado ficou com 2%) e Fundo Nacional de Segurança Pública (2,55%, já previstos atualmente por lei).

A outorga para o setor será onerosa, com o pagamento máximo de R\$ 30 milhões pela autorização, a ser concedida para os que preencherem os requisitos. O valor permite o uso de um canal eletrônico (um app de apostas) por ato de autorização e deverá ser pago em 30 dias a partir do ato autorizador. Essa autorização poderá, a critério do Ministério da Fazenda, ser por até três anos e terá caráter pessoalíssimo, inegociável e intransferível.

Ao contrário do que propunha o governo na MP 1182/23, somente poderão pedir autorização as empresas constituídas segundo a legislação brasileira, com sede e administração no território nacional, ficando de fora as estrangeiras.

Críticos avaliam risco de vícios

Um dos pontos de maior preocupação dos críticos da regulamentação é a propaganda desse tipo de empresa. Logo nos primeiros dias de tramitação da MP, vários parlamentares apresentaram emendas para restringir a propaganda das *bets*

“

Tem um lobby poderoso por trás que está viciando jovens e até idosos. Pessoas que nunca colocaram uma gota de álcool na boca estão caindo nessas apostas

Eduardo Girão

ou até mesmo proibi-la. É o caso do senador Eduardo Girão.

Na MP, o senador já havia apresentado emendas para proibir a propaganda dessas empresas em todos os meios de comunicação de massa, como jornais, televisão, rádios e mídias sociais. O senador também queria proibir as *bets* de patrocinar equipes, atletas individuais e campeonatos, prática que tem sido cada vez mais comum. Também era dele uma emenda para proibir as empresas de fornecer descontos, créditos ou qualquer tipo de bônus para incentivar a primeira aposta.

“Tem um lobby poderoso por trás que está viciando jovens e até idosos. Pessoas que nunca colocaram uma gota de álcool na boca, por se tratar de uma paixão nacional que é o futebol estão caindo nessas apostas porque hoje em dia está muito difícil você assistir a uma partida de futebol. É todo tempo ‘aposte, aposte, aposte’. Pega o jogador que é o ídolo e colo-

ca ele fazendo propaganda o tempo inteiro”, disse o senador em entrevista à Agência Senado.

O texto aprovado proíbe a propaganda comercial de empresas sem autorização para explorar a loteria; que veicule afirmações infundadas sobre as probabilidades de ganhar ou sobre possíveis ganhos que os apostadores podem esperar; ou que apresente a aposta como socialmente atraente ou contenha afirmações de personalidades conhecidas e de celebridades que sugiram haver contribuição do jogo para o êxito pessoal ou social.

Essas peças publicitárias também não poderão sugerir ou dar margem para o entendimento de que a aposta pode ser uma alternativa ao emprego, solução para problemas financeiros, fonte de renda adicional ou forma de investimento financeiro. Ainda assim, Girão disse considerar o texto pernicioso e prometeu se empenhar pela rejeição do projeto.

PONTO PRIVILEGIADO

Eclipse raro será observado na PB

Sol ficará totalmente encoberto no próximo dia 14; cidade de Araruna sedia Encontro Nacional de Astronomia

Márcia Dementshuk e
Renato Félix
AscomSecities

Há mais de 100 anos cientistas britânicos estiveram no Nordeste brasileiro para acompanhar um eclipse total do Sol que se deu na região de Sobral, no Ceará. A intenção era fotografar a luz de estrelas ao redor do Sol para corroborar a Teoria da Relatividade Geral. A expedição teve sucesso, inserindo o Brasil neste momento histórico da ciência. No próximo sábado, dia 14, ocorrerá outro eclipse total do Sol visível no Nordeste e a Paraíba está em local privilegiado, no centro da faixa de visualização. O fato atraiu a atenção de cientistas e amadores astrônomos que estarão reunidos no 23º Encontro Nacional de Astronomia (Enast), em Araruna, que começa na próxima quinta-feira, dia 12 e finaliza no sábado (14) com a observação do eclipse. O evento conta com o apoio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior. Mas outras cidades também já anunciaram eventos de observação.

O eclipse que acontecerá no sábado tem uma diferença com relação ao visto em 1919. Jamilton Rodrigues, professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e coordenador do 23º Enast, explica que em Sobral, “a gente teve um eclipse total, porque o disco da Lua cobriu completamente o Sol. O eclipse que vamos ter neste ano será um eclipse anular, porque a Lua estará mais longe da Terra. Quando está mais longe, o disco da Lua não consegue cobrir completamente o Sol e forma-se, então, o ‘anel de fogo’, um círculo brilhante ao redor dela”.

O eclipse poderá ser visto em todo o território brasileiro, mas os únicos estados que irão poder observar o ‘anel de fogo’ completo serão o Amazonas, Pará, norte do Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Os horários se diferem, conforme o local. Em João Pessoa a luz do dia começará a escurecer às 15h31min e a partir das

16h30 deverá estar como a noite. No primeiro dia do Enast, os participantes poderão ir para o santuário de Nossa Senhora de Fátima, na Pedra do Letreiro, no Parque Estadual da Pedra da Boca, para a “Star Party”, uma atividade com exposição de meteoritos e uma noite de observações com telescópios. Haverá vários pontos de observações com orientações de astrônomos em Araruna: no campus da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); na pousada do seu Raul, próxima ao mirante; na Pedra do Lagarto. No dia do eclipse, o fenômeno será transmitido em telões na praça central de Araruna, captado por câmeras instaladas no alto da torre da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

A Associação Paraibana de Astronomia (APA) divulgou alguns dos palestrantes do evento, como Carlos Alexandre Wuensche de Souza, pesquisador da Divisão de Astrofísica do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que vai falar sobre “Cosmologia, energia escura e o Bingo”, a respeito da colaboração científica que

está construindo um radiotelescópio no município de Aguiar, com o apoio do Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior. O professor Amílcar Rabelo de Queiroz, membro do grupo de coordenação do Bingo, também fará uma palestra.

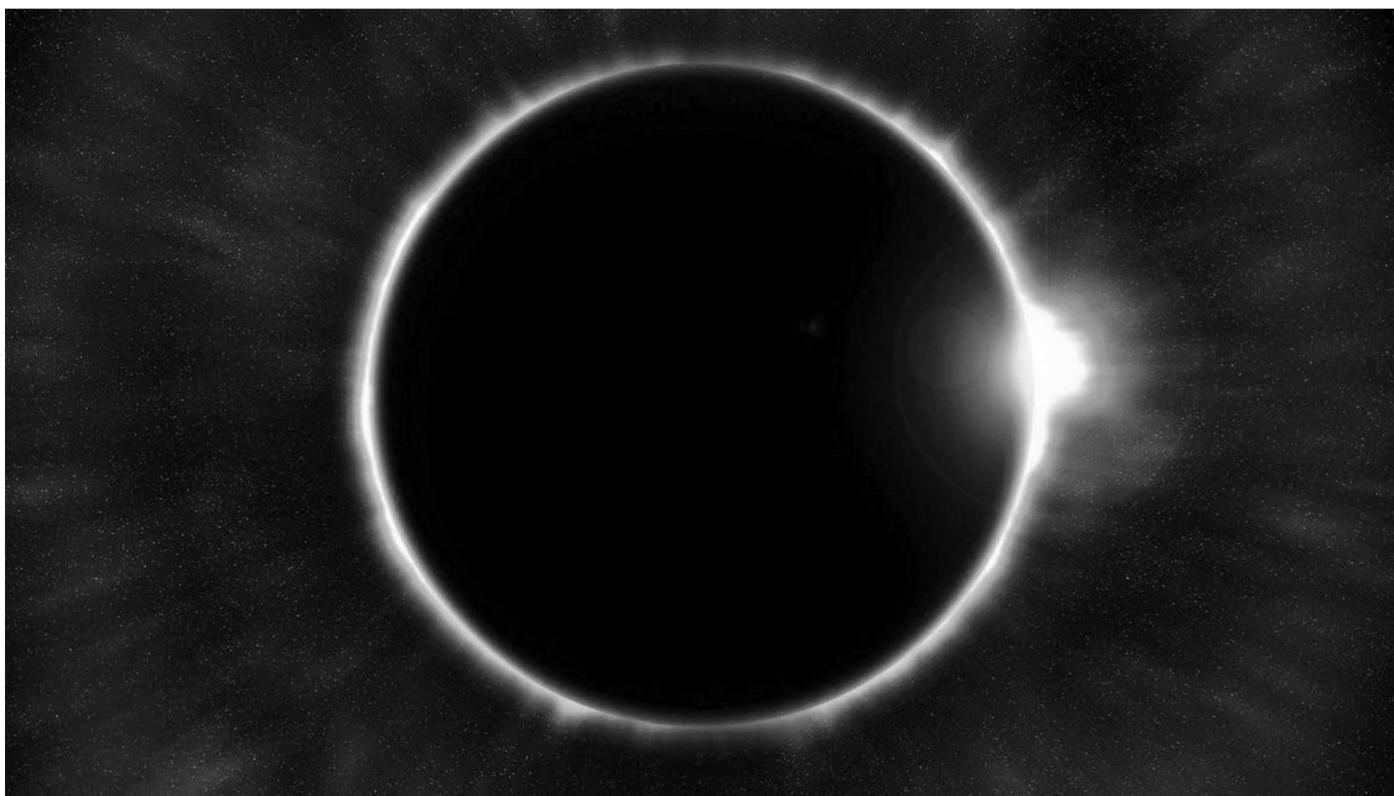
Além do Enast, em Araruna, outros eventos serão realizados em outros pontos da Paraíba reunindo divulgadores científicos ou promovendo observações do fenômeno. O Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) está promovendo eventos de observação em diversas cidades do Norte e Nordeste, sendo três delas paraibanas: Patos, Picuí e Sousa.

Em João Pessoa e Cabedelo, Sérgio Sacani, geólogo, professor e criador do Space Today, um dos maiores canais de astronomia do mundo, com 1,5 milhões de seguidores, será o anfitrião de eventos voltados para o eclipse. Ele recebe outros três divulgadores científicos de sucesso na internet – Pirulla, Schwarza e Paulo Cacella – para um workshop de obser-

■ O evento conta com o apoio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior

vação noturna na capital (em lugar ainda a ser definido), na quinta; palestras sobre o Sol, na sexta, no Intermars Hall; e, no sábado, também a observação do eclipse em João Pessoa (em lugar ainda a ser divulgado).

Mas vai ser possível ver o eclipse anular do Sol até mesmo de casa: o canal no YouTube do Observatório Nacional, unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (ON/MCTI), será um dos que transmitirão ao vivo o fenômeno (<https://www.youtube.com/watch?v=SoS0tV61z9Y>).



Os estados que irão poder observar o ‘anel de fogo’ completo serão o Amazonas, Pará, norte do Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba



Sérgio Sacani, geólogo, professor e criador do Space Today



Amílcar Queiroz, membro do grupo de coordenação do Bingo

Cientistas da Inglaterra, EUA e Brasil em Sobral

Foi durante a passagem da Lua entre o Sol e a Terra que cientistas da Inglaterra, dos Estados Unidos e do Brasil fotografaram a luz de estrelas próximas ao Sol em 29 de maio de 1919, em Sobral, no Ceará, demonstrando que a trajetória da luz das estrelas “seria desviada ao passar por uma região com forte campo gravitacional, no caso o entorno do Sol”, ajudando a provar a Teoria da Relatividade Geral, de Albert Einstein.

Jamilton Rodrigues contou a relevância do fato. “Em termos físicos, as fotos registraram a distorção da trajetória da luz pelo espaço quando ela é atraída pela gravidade, o campo gravitacional do Sol. Nessa época, Einstein tentava provar teoricamente que matéria e

energia distorceriam a malha do espaço-tempo e, consequentemente, a trajetória da luz”.

A expedição científica internacional trouxe para Sobral os pesquisadores Charles Davidson e Andrew Crommelin, da Inglaterra. Dentre os brasileiros estavam Luiz Rodrigues, Theophilo Lee, Henrique Morize (então diretor do Observatório Nacional), Allyrio de Mattos, Domingos Costa, Lélcio Gama, Antônio C. Lima e Primo Flores. Os ingleses trouxeram dois telescópios refratores, um deles retirado do Observatório de Greenwich. Outros cientistas e a população se juntaram em Sobral, como Daniel Wise e Andrew Thomson, dos Estados Unidos, mas estes

não tinham como objetivo a comprovação da teoria de Einstein.

Patos

Em 1940, um eclipse do Sol atraiu expedicionários para o município de Patos. Cientistas estadunidenses vieram à cidade sertaneja observar o eclipse de 1º de outubro daquele ano em expedições organizadas pela National Geographic Society (NGS) e a National Bureau of Standards.

Antigamente, as expedições exigiam um planejamento rigoroso por causa da logística para o transporte e montagem de grandes instrumentos. Telescópios, máquinas de fotografia, de filmagem, aparelhos de medições, eram equipamentos grandes a serem transporta-

dos de navio. E ainda, havia preocupações com a condição sanitária e de saúde dos visitantes em locais, por vezes, insospitos.

No dia do eclipse o céu ficou nublado em Patos. Ainda assim, foi possível realizar coletas de dados. O Sol apareceu por cinco minutos.

Patos ficou conhecida como a cidade da “Morada do Sol”, designado pelos cientistas estadunidenses por terem dito que o Sol “descansou” em Patos por cinco minutos, ou seja, veio para a sua morada.

Mas há que se acrescentar o início de uma abertura para as relações de cooperação, amizade e política externa entre Brasil e Estados Unidos através da ciência a partir dessa expedição a Patos.

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA
Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leloeira inscrita na JUCESP sob o nº 836, com escritório Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Moca, São Paulo/SP, devidamente autorizada pelo Credor Fiduciário ITAU UNIBANCO S/A, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de bem imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10174147802, no qual figura como Fiduciante JOSINÁRIA RENATA DO NASCIMENTO PEREIRA, CPF 099.943.694-58, levara a PÚBLICO LEILÃO de modo Presencial e On-line, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27º e parágrafos, no dia 20/10/2023, às 15h00min, à Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Moca, São Paulo/SP, em PRIMEIRO LEILÃO, com lance mínimo igual ou superior a R\$ 121.379,87 (cento e vinte e um mil trezentos e setenta e nove reais e oitenta e sete centavos), o imóvel objeto da matrícula nº 13.334 do Serviço Notarial e Registral de Bayeux/PB, com uma propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário constituído por: Casa 01, localizada(a) na Zona Urbana, Rua Maria do Carmo dos Santos, número 151, Bairro Comercial Norte, Município de Bayeux-PB, situado no Lote A-09, Quadra 12, do Prédio denominado Condomínio Residencial Vila Verde IV, constituída de um terraço, duas sala, cozinha, banheiro, dois quartos e área de serviço, com área construída de 63,08, correspondente a fração de 50% da área total de 126,17m², área de terreno de uso exclusivo de 126,17m², uma vaga de garagem no recuo medindo 20m², com caixa de água individual. Limites e Confrontações: confrontando-se pela frente com a Rua Maria do Carmo dos Santos; lado direito com o lote CL, lado esquerdo com a casa 02; e fundos com o lote AL da quadra 12. Imóvel objeto da matrícula nº 13.334 do Serviço Notarial e Registral de Bayeux/PB Obs. Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia 30/10/2023, às 15h00min, no mesmo horário e local, para realização do SEGUNDO LEILÃO, com lance mínimo igual ou superior a R\$ 83.083,88 (oitenta e três mil oitenta e três reais e oitenta e oito centavos). Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.FrazaolEloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º e 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.FrazaolEloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.FrazaolEloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter “ad corpus” e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leloeiro Oficial. (FDTEC-2424-05)

MEIO AMBIENTE

Repugnantes e salvadores da terra

Diversos animais que provocam repulsa nas pessoas têm importância e impacto no meio ambiente e na vida humana

Anderson Lima
Especial para A União

Animais indesejáveis e insignificantes aos olhos da população também são importantes para o equilíbrio da natureza. Um exemplo disso, é os sapos que são importantes para a preservação do ecossistema porque são controladores de pragas, uma vez que eles se alimentam de mosquitos. As temidas abelhas são responsáveis pela polinização das flores e a produção de mel.

A bióloga do Parque Zoológico Arruda Câmara (Bica), Helze Lins, conta que normalmente animais como cobras, ratos, pombos, sapos, abelhas, que antes viviam nos campos e nas florestas, hoje aparecem nos centros urbanos devido à expansão das cidades, onde eles acham condições adequadas de abrigo, água e comida para se reproduzirem.

Helze Lins destaca, ainda para os ratos que podem causar leptospirose; os mosquitos que transmitem vários tipos de vírus; e os pombos que invadem algumas casas e, através do acúmulo de fezes, causam doenças pulmonares. “Se encontrar em sua casa, você pode eliminar porque esses podem causar várias patologias. Eles precisam ser combatidos, para que se preserve a saúde da população”.

“Quanto às serpentes, sapos e abelhas são animais que não constituem perigo para a saúde se as pessoas não têm contato direto com eles. São importantes para a preservação da natureza porque os sapos são controladores de pragas, já que se alimentam de mosquitos. As cobras se alimentam de outros animais que também provocam doenças. Em resumo, todos os animais são importantes para a vida na terra. Cada um com sua função específica”, ressalta.



Foto: Pixabay



Foto: Pixels, Johann-Piber



Foto: Pixabay

Mosquitos, abelhas e serpentes possuem suas funções no meio ambiente, controlando algumas pragas ou contribuindo para a melhora da área em que vivem, o que reflete positivamente na vida das pessoas

Alerta

Em ocorrências com cobras e escorpiões, a recomendação é acionar a Polícia Ambiental

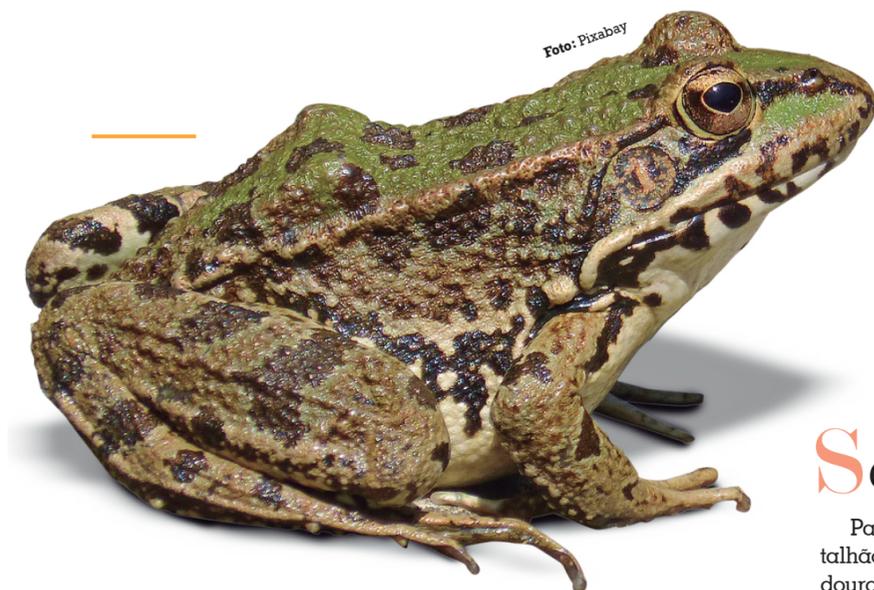


Foto: Pixabay

Apesar de provocar repugnância nas pessoas, os sapos controlam as pragas

Organismos vivos mantêm relações e interações entre si

O chefe da Divisão de Fauna da Superintendência de Administração do Meio Ambiente, Leandro Costa Silvestre conta que os organismos biológicos estão vinculados entre si por interações ecológicas. Essas relações podem ser harmônicas ou desarmônicas. Por exemplo, algumas plantas necessitam de animais como abelhas e morcegos para sua polinização. Desta forma, os animais são atraídos em busca de alimentos e, ao visitarem, transportam o grão de pólen.

O gambá ou timbu realiza o controle de insetos nocivos como escorpiões e baratas; as corujas caçam os pequenos roedores, de modo que ambos interferem negativamente sobre as suas presas, realizando um controle populacional.

“Cada animal apresenta um nicho próprio e faz parte de uma cadeia trófica, no entanto, devido às alterações ambientais e ao processo de antropização, algumas espécies passam a ter maior

contato e convivência com os humanos e, mesmo nos ambientes urbanos, permanecem exercendo suas funções”, reforça o chefe da Divisão de Fauna, Leandro Costa Silvestre.

O técnico explica que a presença de construções, o acúmulo de resíduos e a disponibilidade de recursos orgânicos favorecem a ocorrência de algumas espécies mais adaptadas às áreas antropizadas. Estes animais de espécies silvestres nativas ou exóticas, que utilizam recursos de áreas antrópicas, de forma transitória ou permanente, são classificados como fauna sinantrópica, que são bichos que já estão adaptados à vida nas cidades, como João Pessoa.

Algumas espécies permanecem nas áreas urbanas sem ocasionar maiores problemas, no entanto, em condições desordenadas, podem causar transtornos significativos de ordem econômica ou ambiental, ou que represente riscos à saúde pública.

Seres invasores são maioria em ambientes naturais

O professor associado do Departamento de Sistemática e Ecologia da Universidade Federal da Paraíba, Marcio Bernardino da Silva, explica que a maior parte da diversidade de animais ocorre em ambientes naturais e que a maioria é de invasores, como é o caso das bactérias, baratas, ratos, gabiru ou camundongos. O professor retrata esses bichos como “cosmopolitas”, ou seja, que vivem no mundo com o ser humano.

Marcio Bernardino destaca ainda para a espécie de escorpião amarelo, que é bastante comum no Sudeste, Centro-Oeste e do Nordeste, sendo o tipo que

causa acidentes graves, podendo levar até a óbito. “Em João Pessoa e em todas as cidades da Paraíba ela é uma espécie muito comum e também pode causar acidentes sérios”.

“Em relação às cobras, elas são mais comuns em ambiente rural, apesar de terem algumas espécies que causam muitos encontros com seres humanos, como é o caso das corais, que é bem comum também na Paraíba. A coral, apesar de comum, pode causar acidentes sérios. Mas, no geral, as cobras são menos comuns e causam poucos acidentes, principalmente na cidade”, ressalta.

Limpeza dos ambientes pode evitar as pragas urbanas

O professor Marcio Bernardino da Silva orienta que se encontrar um animal peçonhento, como um escorpião ou uma cobra, o recomendado é não mexer nele e tente afastá-lo do convívio. Se for uma cobra grande, o ideal é chamar a Polícia Ambiental.

Se for um escorpião, uma aranha, o ideal é que se utilize uma vassoura ou algum objeto para afastar o animal. No caso dos escorpiões, se for amarelo, ou baratas, ratos, mosquitos, não há problema em matá-los porque são pragas. Então,

no caso de pragas urbanas, é lícito matar esses animais, inclusive, para não causar acidentes.

“Nas cidades, o ideal para evitar esse tipo de animais é não deixar terrenos baldios com muito entulho, metralha, com muitas coisas acumuladas, deixar sempre limpo. No caso de ralos ou debaixo de portas, deixar alguma forma de obstáculo para esses animais não passem. E, claro, o lixo, porque ele atrai baratas e ratos que são os principais alimentos dos escorpiões”, reforça o professor Marcio Bernardino.

Serviço

Para o resgate de animais silvestres ou exóticos o contato pode ser feito diretamente com o Batalhão da Polícia Ambiental, através do contato (83) 3218-7222. Em casos específicos, como criadouros naturais e ninhos, há a necessidade de uma avaliação técnica. Neste caso, o interessado deve entrar em contato 83 3690-1964, 92000-7927 (WhatsApp) ou difausudema@gmail.com.

FRUSTRAÇÕES

Belo não disputa a Série B desde 1989

Há 10 anos na Série C, o Botafogo acumula fracassos, e dirigentes ainda não descobriram a receita para alcançar o acesso

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

A eliminação do Botafogo antes do término da disputa no quadrangular de acesso do Campeonato Brasileiro da Série C estampou a quarta frustração da equipe no sonho pela conquista do acesso à Série B, de quebra, o clube vai somar em 2024 a sua 11ª edição consecutiva na disputa da Série C. A última vez que o Belo esteve na Segunda Divisão do futebol nacional foi em 1989, quando não fez uma boa campanha. Já o futebol paraibano chegou a sua 14ª temporada sem um representante, já que o Campinense disputou em 2009 e logo foi rebaixado.

Em 2013, o Botafogo conseguiu o título do Campeonato Brasileiro da Série D, o que lhe garantiu o acesso para a disputa na terceira divisão do futebol nacional de 2014. No entanto, de lá para cá, o Belo esbarra num fator que vem tirando o sono do torcedor alvinegro - o fantasma da Série C. A equipe paraibana já havia batido na trave em três oportunidades, tendo em duas delas a dor de acabar eliminado em situações semelhantes.

Em 2016, o Belo foi eliminado nas quartas de final para o Boa Esporte-MG, depois de sofrer o gol da derrota por 1 a 0 aos 50 minutos da etapa final, quando a partida se encaminhava para as cobranças de pênaltis. Dois anos mais tarde, em 2018, novamente nas quartas de final, o alvinegro encaminhava o acesso para a Série B de 2019 até os 48 minutos do segundo tempo, quando sofreu o gol na derrota por 1 a 0 no tempo regulamentar, sendo eliminado nos pênaltis para o xará Botafogo-SP.

Com a nova fórmula de disputa no quadrangular final em 2021, o clube iniciou a última rodada na 2ª colocação do Grupo B, mas a derrota para o Ituano-SP por 3 a 1 aliada a uma vitória do Criciúma-SC por 1 a 0, frente ao Paysandu-PA, em Belém-PA, mais uma vez frustrou os planos do clube.

Na atual edição, a equipe terminou a 1ª fase na 6ª colocação. No quadrangular final passou a disputar o acesso com Amazonas-AM, Paysandu-PA e Volta Redonda-RJ. A vitória na estreia contra o Amazonas-AM por 2 a 1, alimentou a ilusão pelo acesso, mas as quatro últimas derrotas na disputa logo frustrou, novamente, o torcedor botafoguense e fez o clube ser eliminado antes do encerramento do quadrangular.

Para se ter uma ideia, das 19 equipes que disputaram a Série C com o Botafogo, em 2014, nove delas já conseguiram o acesso à Série B (Macaé-RJ, Paysandu-PA, Mogi Mirim-SP, CRB-AL, Tupi-MG, Guarani-SP, Juventude-RS, Cuiabá-MT e Fortaleza-CE), com o Juventude-RS chegando a disputar a Série A, em 2022, além de Cuiabá-MT e Fortaleza-CE, que disputam a Série A, com a equipe cearense indo mais longe, ao ponto de disputar contra a Liga Desportiva Universitária - LDU-Ecuador, a sua primeira final internacional, pela Copa Sul-Americana, próximo dia 28, no Estádio Domingo Burgueño Miguel, em Punta del Este, Uruguai.



Jogadores do Botafogo se destacaram na primeira fase deste ano, mas no quadrangular deixaram o torcedor frustrado com mais uma eliminação

Erros não são assimilados em 10 temporadas

Afinal, o que falta ao Botafogo para que a equipe consiga transformar a experiência de 10 temporadas na disputa da Série C, em eficiência administrativa e esportiva, ao ponto de garantir presença na segunda divisão do futebol nacional?

O jornalista Iago Sarinho, gerente operacional de esportes na Empresa Paraibana de Comunicação-EPC, acompanhou a trajetória do clube neste período de tentativa ao acesso na Série B, nas transmissões dos jogos pela equipe da Rádio Tabajara-João Pessoa. O profissional elenca os motivos que levaram o Botafogo ao insucesso e acredita que o clube vai precisar de uma nova filosofia de trabalho, dentro e fora de campo, se quiser buscar o tão sonhado acesso à segunda divisão do futebol nacional.

“O futebol é uma modalidade aberta e erros e falhas de percursos, a única maneira de tentar minimizar as margens de erros é profissionalizar a gerência de futebol. Nessa campanha, em especial, o clube apresentava indícios que

talvez fosse chegada a hora do acesso, no entanto, voltou a pecar com os mesmos erros de edições anteriores, tanto dentro como fora de campo. O clube precisa evoluir na sua metodologia de trabalho administrativo, para obter interferência positiva nas quatro linhas”, comentou.

Em 2018, última vez que o clube bateu à porta da Série B, Sérgio Meira era o então presidente do clube. Em relação às eliminações frustrantes, o ex-dirigente atribui parte delas à falta de planejamento e, sem citar nomes, criticou a atual gestão. De acordo com Sérgio, o clube precisa aderir ao processo de reformulação administrativa e patrimonial.

“Existem variáveis que contribuíram para os insucessos para conseguirmos o acesso à Série B: Desunião, falta de um bom planejamento, e até ‘mistérios’ que, por pelo menos três vezes nos deixaram de fora da Segundona. Enquanto o clube estiver orbitando na mão de apenas uma pessoa que se diz ‘dona do clube’,

e outros apenas obedecendo, vamos ficar neste círculo vicioso. Um projeto para o Botafogo, no meu entendimento, começa pela reformulação estatutária. É preciso unir, modernizar a gestão, organizar o patrimônio, melhorar as relações institucionais, principalmente com a imprensa e seus leais torcedores”, disse.

O atual presidente do clube, Roberto Burity, ponderou a campanha do alvinegro na disputa da Série C. O dirigente botafoguense acredita que mais uma experiência negativa pode fortalecer a diretoria para montagem de um elenco mais forte para uma nova tentativa.

“Apesar de o clube não ter conseguido o êxito de acesso à Série C em nossa gestão, é importante dizer que o time fez uma boa campanha, sendo o único a representar o Nordeste na fase do quadrangular final. Assumimos num momento de turbulência e, mesmo assim, fomos bem. Aprendemos com os erros e acreditamos formar um elenco mais forte para novamente

tentar o acesso em 2024”, pontuou Roberto Burity.

Quem também acredita num Botafogo mais forte na próxima temporada é o historiador e conselheiro do clube, Raimundo Nóbrega. Ele minimiza as eliminações e aposta no trabalho da diretoria na busca por contratações pontuais para as disputas das principais competições em 2024.

“O clube montou bons elencos na disputa dos últimos dez anos na Série C, mas acabou freando em detalhes que o impediram de conquistar o acesso. Todas as gestões trabalharam na tentativa de colocar o clube na segunda divisão nacional e acredito que na próxima temporada o propósito será o mesmo. Como torcedor, espero um grupo mais forte e experiente para novamente ir em busca desse tão sonhado acesso”, disse.

Paraíba na Série B

Ainda era 2009 quando a Paraíba teve, pela última vez, um clube representando o estado na disputa do Campeona-

to Brasileiro da Série B. O Campinense havia conquistado, um ano antes, o último acesso de clube paraibano na disputa da Série C, porém a participação da Raposa na segunda divisão foi meteórica.

A campanha foi marcada por um retrospecto de 11 vitórias, quatro empates e 23 derrotas, sendo rebaixado.

“Infelizmente, acabamos pecando no planejamento e entregamos a confiabilidade a um empresário que prometia transformar o clube numa potência, o que de fato acabou não acontecendo. Tanto, que a própria campanha culminou em nosso rebaixamento. Para retornarmos à disputa de uma Série B, é preciso pautar na responsabilidade administrativa, sobretudo, obedecendo a realidade financeira e evidenciando iniciativas para arrecadação de recursos, pois os resultados esportivos são reflexos de uma boa gestão administrativa”, pontuou Williams Simões, ex-diretor financeiro na gestão que o clube disputou a Série B, em 2009.

Foto: Cristiano Santos/Botafogo-PB



Raimundo Nóbrega, com a edição de A União, fala ao lado de Fábio Rangel

Foto: Ramery Soares



“É preciso unir, modernizar a gestão, organizar o patrimônio, melhorar as relações institucionais, em especial com a imprensa

Sérgio Meira



Apesar de o clube não ter conseguido o êxito de acesso à Série C em nossa gestão, é importante dizer que o time fez uma boa campanha

Roberto Burity

Foto: Cristiano Santos/Botafogo-PB

Foto: Cristiano Santos/Botafogo-PB

CAÇA DE TALENTOS

Athletico e Ajax firmam parceria

Clubes brasileiro e holandês anunciaram um acordo de colaboração, abrindo caminho para a ida de jovens à Europa

Agência Estado

Destaque no futebol brasileiro nas últimas temporadas, o Athletico-PR chamou a atenção dos holandeses do Ajax, que buscaram o clube brasileiro para fazer uma parceria para desenvolvimento de talentos na América do Sul.

O acordo foi anunciado simultaneamente na última quarta-feira, nas redes sociais e no site oficial dos dois clubes. "O Club Athletico Paranaense e o Ajax anunciam acordo de colaboração em metodologia, scouting e desenvolvimento de talentos. A parceria permite que Athletico e Ajax fortaleçam suas redes de contato no futebol mundial e suas metodologias de trabalho", informaram os clubes.

Para o Athletico-PR, a colaboração abre caminho para a negociação de seus jovens para a Europa. Além disso, o clube pode utilizar os métodos de aprendizagem do Ajax para as Categorias de Formação do CAT Caju. Ao Ajax, o foco será no Brasil, com a possibilidade de desenvolver o reconhecimento e a seleção de talentos.

"Sem dúvidas, esta parceria é de mais alto nível. As escolas brasileira e holandesa são duas gigantes do futebol mundial. Os benefícios são ilimitados. Acredito que os dois clubes crescem e podem evoluir ainda mais os seus processos de captação e formação de jovens jogadores. São duas marcas muito importantes em termos mundiais de formação de atletas", comemorou Alexandre Mattos, CEO de Negócios do Futebol e Áreas Nacional e Internacional do Athletico-PR.

Palavras endossadas por Maurits Hendriks, Chief Sports Officer (CSO) do Ajax. "Essa parceria representa nossa determinação em expandir a rede de futebol mundial do Ajax e prospectar talentos criativos. Estamos felizes em dar as boas-vindas ao Athletico Paranaense nesta rede", afirmou. "É um clube maravilhoso, conhecido no Brasil pela sua inovação e metodologia. Não somente dentro de campo, mas também fora dele. Com o Athletico Paranaense, podemos criar uma situação 'ganha-ganha' que vai além dos tradicionais limites de desenvolvimento de talentos."



O clube paranaense, com a parceria, pode utilizar os métodos de aprendizagem do Ajax para as categorias de Formação do CAT Caju desenvolvidas em Curitiba

INOCENTADO

Rogério Caboclo se livra da acusação de assédio

Agência Estado

O ex-presidente da CBF Rogério Caboclo se livrou da última acusação de assédio sexual à qual ainda respondia. O processo transitou em julgado e foi baixado esta semana pelo Tribunal Regional Federal da 2ª Região, após decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ). O dirigente chegou a responder outras duas acusações do mesmo tipo, das quais foi inocentado no ano passado. Todas envolviam funcionárias que trabalhavam na CBF durante sua gestão.

De acordo com a assessoria de imprensa de Caboclo, "não há mais pendências judiciais em relação a estas denúncias, que acabaram sem nenhuma condenação". Em 2022, também foi revertida uma denúncia de assédio moral, feita junto à Comissão de Ética da CBF por Fernando França, então diretor de tecnologia da informação da CBF. Mais tarde, Fernando retirou as acusações por meio de uma carta de retratação.

Eleito presidente da CBF em abril de 2018, Rogério Caboclo tomou posse no ano seguinte para um mandato de quatro

anos. Caboclo foi afastado do comando da entidade temporariamente em junho de 2021 e, de forma definitiva, em fevereiro de 2022. Então, Ednaldo Rodrigues foi eleito como novo presidente da entidade para mandato de quatro anos.

Uma ex-funcionária que denunciou Caboclo por assédio moral e sexual disse que ele chamou-a de "cadela" e tentou forçá-la a comer um biscoito de cachorro, conforme informado pelo site GE na época. Em outra oportunidade, teria perguntado se ela se masturbava. Durante reunião com outros dirigentes da CBF, o presidente teria inventado relacionamentos da funcionária com pessoas ligadas à entidade.

Segundo a reportagem, a vítima afirmou que, durante todas essas condutas, Caboclo estava embriagado. Ela disse ainda que ele a orientava a esconder garrafas de bebida na entidade, para que Caboclo consumisse durante o expediente. A mulher, que não teve seu nome divulgado, diz ter sido vítima de várias condutas abusivas de Caboclo, desde abril de 2020. Outras duas funcionárias também o acusaram de assédio sexual.

Foto: Lucas Figueiredo/CBF



As denúncias de assédio sexual e moral contra o dirigente não foram comprovadas

MUNDIAL SUB-17

Fifa abranda as restrições impostas ao futebol da Rússia

Agência Estado

A Fifa decidiu abrandar as restrições impostas à Rússia desde o início da guerra na Ucrânia e aprovou esta semana a participação das seleções russas de base em competições organizadas pela entidade. Até então, a nação estava proibida de competir em eventos esportivos tanto na esfera profissional, punição ainda em

vigor, quanto em qualquer categoria inferior.

Com a nova decisão, seleção russa poderá disputar a Copa do Mundo Sub-17 caso consiga se classificar por meio das eliminatórias. Para competir, a equipe terá que adotar o nome "União de Futebol da Rússia". A liberação da Fifa vem uma semana depois de a Uefa autorizar a Rússia a participar das Eliminatórias da Eurocopa

Sub-17. A entidade europeia argumentou que "crianças não devem ser punidas pelas ações cujas responsabilidades pertencem somente aos adultos".

Aos saber da posição da Uefa, a Ucrânia, invadida pelas tropas russas em fevereiro do ano passado, prometeu boicote a torneios que conteria com seleções do país vizinho e instou aliados a fazer o mesmo. Polônia, Letônia e

Inglaterra já indicaram que podem tomar o mesmo caminho. Na Rússia, a movimentação é encarada como um primeiro passo para voltar aos palcos principais do esporte mundial.

As seleções russas sub-17 poderão enfrentar problemas para entrar em alguns países para jogos das Eliminatórias da Euro, que começam neste mês. Jogadores e membros das comissões téc-

nicas devem ter dificuldade para obter vistos e permissões para viagens.

A Fifa e a Uefa agiram poucos dias depois de a Rússia invadir a Ucrânia, em fevereiro de 2022, para suspender as seleções nacionais e de clubes do país de competições internacionais de futebol. Quando a federação de futebol da Rússia recorreu à Corte Arbitral do Esporte, o tribunal aceitou o argumen-

to da Fifa e da Uefa de que tinham o dever de organizar competições com "segurança e integridade."

Como não há sinais de um fim próximo para o conflito na Ucrânia, as entidades começaram a se mostrar mais flexíveis. O primeiro passo foi dado por Alexander Ceferin, presidente da Uefa, que comandará uma nova reunião sobre o tema nesta semana.

Foto: Reprodução/Instagram



Foto: Reprodução/Instagram



A atacante Debinha, que joga no Kansas City, dos Estados Unidos, está entre as 10 jogadoras que concorrem ao prêmio no futebol feminino, como Vinicius Júnior, no masculino, que joga no Real

TROFÉU SAMBA GOLD

Aberta votação para os craques do ano

Jogadores que atuam no Brasil também estão concorrendo; antes, o prêmio alcançava só os que jogavam fora do país

O Samba Gold, prêmio concedido ao melhor jogador e jogadora de futebol brasileiros, chega à sua 16ª edição com a lista de indicados já consolidada e uma novidade: anteriormente concedido apenas a atletas atuando fora do Brasil, a premiação agora foi estendida para aqueles que jogam em território nacional.

Criada em 2008 pela Samba Agency (atual Sambafoot) a premiação era originalmente concedida exclusivamente ao melhor jogador em atividade na Europa e teve o ex-meia Kaká como o seu primeiro vencedor. No último ano, Neymar Jr. levou o troféu para casa, se tornando o maior vencedor da história do prêmio, com seis conquistas no total. Na categoria feminina, a grande vencedora foi a atacante Debinha, enquanto na estreia da sub-20, o primeiro vencedor foi Endrick.

Este ano, a premiação conta com 10 indicados em cada categoria. Assim como na edição passada, os nomes foram definidos pela equipe Sambafoot em conjunto com um colégio eleitoral, dessa vez composto por representantes das páginas DataFut e FutMais, o influenciador Allan Rodrigues e o narrador esportivo Fefux, e os jornalistas André Galvão, Clara Albuquerque, Marcio Dolzan, Leonardo Fontes, Marcondes Brito, Gustavo Furtado, Maurício Oliveira e Bruno Doro.

Com essas indicações, a equipe do Sambafoot analisou estatísticas, o papel, as conquistas e o impacto geral dos atletas em seus respectivos clubes para criar as listas oficiais de nomeados ao prêmio. A votação ficará aberta até o dia 20 de novembro, e o público poderá votar nos seus jogadores preferidos (apenas um de cada categoria) através do

link: <https://www.sambafoot.com/br/samba-gold>. O Sambafoot é um site de notícias internacional que traz a cobertura completa sobre o futebol brasileiro em qua-

tro idiomas: Português, Inglês, Francês e Espanhol e o responsável pelo prêmio o Samba Gold, agora nas categorias masculina, feminina e sub-20.

Jogadores indicados

■ MASCULINO

Vinicius Junior - Real Madrid
Bruno Guimaraes - New Castle
Casemiro - Manchester United
Rodrygo - Real Madrid
Ederson - Manchester City
Gabriel Martinelli - Arsenal
Marquinhos - PSG
Neymar - Al Hilal
Alisson - Liverpool
Joelinton - New Castle

■ FEMININO

Debinha - Kansas City
Ary Borges - Racing Louisville
Geyse - Manchester United
Raffaele - Orlando Pride
Kerolin - North Carolina
Marta - Orlando Pride
Bia Zaneratto - Palmeiras
Tamires - Corinthians
Andressa Alves - Houston Dash
Antônia - Levante

■ SUB-20

Vitor Roque - Athletico
Marcos Leonardo - Santos
Endrick - Palmeiras
Andrey Santos - Nottingham Forest
Robert Renan - Zenit
Victor Hugo - Flamengo
Beraldo - São Paulo
Gabriel Moscardo - Corinthians
Matheus França - Crystal Palace
Savio - PSV

Foto: Reprodução/Instagram



Neymar ganhou o troféu no último ano e já acumula seis conquistas, sendo o maior vencedor

Foto: Reprodução/Instagram



O atacante Endrick, do Palmeiras, está entre os indicados ao prêmio de melhor jogador sub-20

FUTEBOL AMERICANO

Espectros joga contra o Santa Cruz-PE

Confronto entre paraibanos e pernambucanos marca a última partida regular da Conferência Nordeste e será na Vila Olímpica

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Hoje, às 14h, na Vila Olímpica Parahyba, o João Pessoa Espectros enfrenta o Santa Cruz Imortais, de Pernambuco, na última partida regular da Conferência Nordeste da Liga Brasil de Futebol Americano (Liga BFA). O jogo, referente à primeira fase da competição, foi adiado devido às chuvas que caíram na capital no início do mês de julho. Mesmo que não vença, a equipe paraibana encerra a temporada regular na segunda posição do grupo A. Para acompanhar basta acessar o YouTube.com/RadioTabajaraFM e se inscrever no canal para receber as notificações com todas as novidades da cobertura.

“Mais uma vez, tentando buscar o título brasileiro. E a gente vem trabalhando bastante pra corrigir os erros dos últimos jogos. Esses jogos vão ser mais tranquilos, mas não menos importantes”, iniciou Felipe Golzio, que joga na ofensiva. A partida de hoje é uma espécie de cumprimento de tabela, já que a segunda posição no grupo já está garantida. Ainda assim o João Pessoa Espectros entra em campo para conquistar a vitória.



Foto: Andersonsilva/Espectros

O jogo do time paraibano acontece no campo da Vila Olímpica, situado no Bairro dos Estados

Dos cinco jogos que disputou na temporada regular da Conferência Nordeste, os Fantasmas venceram duas partidas contra as equipes do Scorpions e Caçadores, perdendo para o Tritões, Ufersa e Mariners, esse último por apenas um ponto de diferença. A equipe paraibana é bicampeã brasileira (2015 e 2019) e 11 vezes campeã nordestina. “Então a gente vem se esforçando bastante pra conseguir manter a invencibilidade de títulos no Nordeste. E correr atrás do nosso novo título brasileiro. É isso que a gente sempre joga todo ano”, completou Felipe Golzio.

No dia 15, a partida é contra o Carrancas FA, na primeira partida pelos playoffs. O jogo também acontecerá na Vila Olímpica Parahyba, às 14h. Contra o Carrancas FA a disputa é pelo que se chama de wild card, considerada a pré-semifinal nordestina, que será disputada ainda pelo Cavalaria FA e Ceará Caçadores. Apenas dois dos quatro times seguem para disputar a semifinal, onde já estão garantidos o Recife Mariners e o Fortaleza Tritões.

“A pré-semifinal é um jogo mais difícil, é um adversário que já há duas temporadas vem brigando bem entre as cabeças e tem despontado bem,

o que pode oferecer algum risco”, destacou o técnico Robson Sena. Nas redes sociais, a equipe já está convocando a torcida para marcar presença nos jogos. “A força de uma equipe é verdadeiramente medida pelo peso de sua torcida apaixonada. No João Pessoa Espectros, sabemos que a nossa torcida é o nosso décimo primeiro jogador, a força motriz por trás de cada vitória e a rede de apoio nas derrotas”. A postagem foi respondida por uma torcedora. “Aos nossos guerreiros Espectros desejo força, determinação, dedicação nos treinos, empenhos nas parcerias e afim do que tudo isso junto à força da nossa torcida guerreira fantasmas os títulos estão garantidos. Simbora”.

Jogos de hoje

SÉRIE A

16h

Fluminense x Botafogo
Palmeiras x Santos
Internacional x Grêmio

18h30

Atlético-MG x Coritiba
Athletico-PR x Bragantino
Fortaleza x América-MG

SÉRIE B

18h

Criciúma x Vitória

SÉRIE C

16h

Operário-PR x São Bernardo
Brusque x São José-RS

GAME DAY!
DOMINGO - DIA 08
É HOJE!



JOÃO PESSOA ESPECTROS



SANTA CRUZ IMORTAIS

▶ RADIOTABAJARAFM





Foto: Pixabay



Fotos: Roberto Guedes

■ A algaroba se transformou em uma contaminação biológica que se multiplica e se expande, causando impactos ambientais a longo prazo

Solução que virou problema

Na tentativa de ser uma alternativa econômica e para minimizar os efeitos da seca, a algaroba introduzida na Paraíba na década de 1940 transformou-se numa espécie invasora e prejudicial ao ecossistema do Semiárido

Hilton Gouvêa
aranjogouvea74@gmail.com

Um trabalho científico realizado sobre os efeitos da invasão biológica da algaroba (*Prosopis juliflora*), no município de Monteiro, na região do Cariri paraibano, revelou que o plantio desse vegetal no Semiárido, apresentado e difundido como promissora alternativa econômica, por ser uma espécie de uso múltiplo, transformou em problema.

A valorização da algaroba pretendia ser uma solução para minimizar, inclusive, os efeitos nocivos da seca. A avaliação é dos professores Cláudia Maria Alves Pegado, Leonaldo Alves Andrade e Leonardo Pessoa Félix, que integram uma equipe do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa e em Areia; e ao Laboratório de Botânica da Universidade Federal de Lavras, em Minas Gerais.

Segundo eles, a falta de manejo adequado, a adaptação regional da espécie, a facilidade de dispersão promovida pelos rebanhos, dentre outros fatores, transformaram em problema o que antes parecia ser uma medida econômica promissora: "A espécie foi sendo disseminada e se estabeleceu em determinados sítios da Caatinga, ocupando grandes extensões de terras em praticamente todos os estados do Nordeste. Os sítios preferenciais da invasora são as áreas de matas ciliares, as manchas de neossolos flúvicos (solos minerais não hidromórficos, oriundos de sedimentos recentes referidos ao período Quaternário) e as baixadas sedimentares, onde se formam maciços populacionais de alta densidade", observa o professor Leonaldo Andrade, da equipe de pesquisadores.

Ao contrário de muitos problemas ambientais que geralmente tendem a se amenizar com o decorrer do tempo, a contaminação biológica se multiplica ou se expande, causando impactos de longo prazo, não permitindo que os ecossistemas afetados se recuperem naturalmente. É o que ensinava Westbrooks, em 1998.

A invasão biológica é caracterizada quando um organismo ocupa, desordenadamente, um espaço fora de sua área de dispersão geográfica. É frequentemente relacionada à influência do ser humano, intencional ou não, como também a processos naturais. Depois de estabelecido, o organismo, pode expandir-se aos habitats circunvizinhos, podendo ocasionar grandes perdas econômicas ou biológicas, pela extinção ou perturbação da biota nativa. As espécies invasoras geralmente

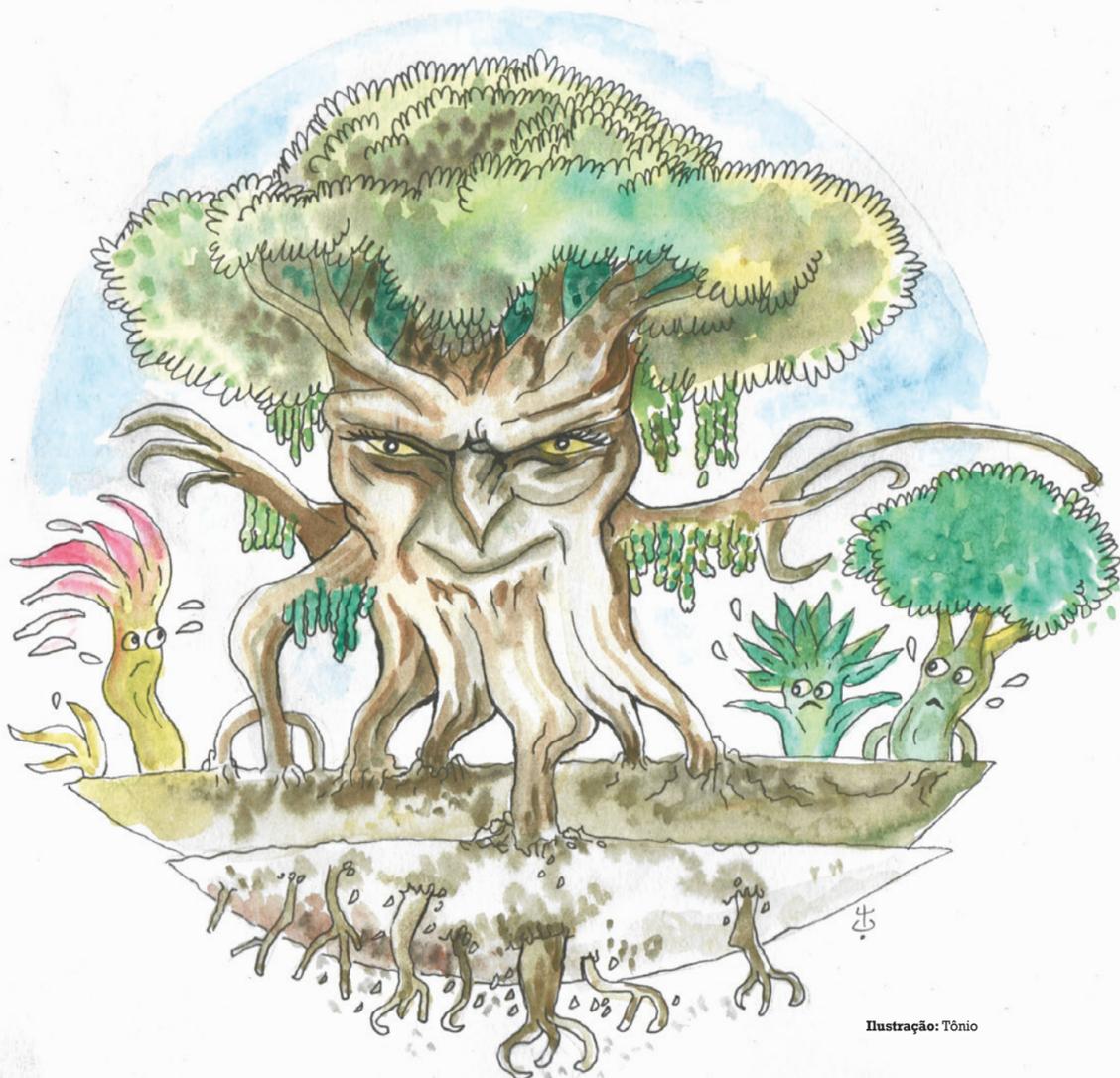


Ilustração: Tônio

“

Espécie foi disseminada em determinados sítios da Caatinga, ocupando grandes extensões de terras em todo o Nordeste

Leonaldo Andrade

afetam a estrutura das comunidades ou a funcionalidade dos ecossistemas, assim entendeu Williamson, ao escrever sobre o assunto em 1996.

As invasões biológicas podem causar impactos em diversos níveis, incluindo efeitos sobre os indivíduos (morfologia, comportamento, mortalidade, crescimento), efeitos genéticos (alteração de padrões de fluxo gênico, hibridização), efeitos sobre a dinâmica de populações (abundância, crescimento populacional, extinção), sobre a comunidade (riqueza de espécies, diversidade, estrutura trófica) e sobre processos do ecossistema (disponibilidade de nutrientes, produtividade, regime de perturbações).

Na pesquisa e de acordo com Ziller & Galvão (2002) e Randall (1996), a grande maioria dos países carece tanto de registros como de medidas de prevenção e controle de espécies invasoras, requerendo coleta e organização de dados para retratar a situação atual e estabelecer prognósticos sobre o problema. Esse seria exatamente o caso do Brasil, que sofre com o problema, mas que ainda não se conhece suas reais dimensões.

Para a América do Sul, ainda

existem poucos registros de plantas invasoras em ambientes florestais provavelmente em decorrência de escassez de estudos com esse enfoque direto. Em se tratando do bioma Caatinga, é notória a escassez de informações científicas relativas até mesmo a abordagens mais básicas como, por exemplo, a sucessão ecológica, a estrutura fitossociológica das diferentes fisionomias, a dinâmica de regeneração, dentre outras. Em se tratando do tema invasão biológica, muito pouco foi estudado até o presente na Caatinga, não obstante a gravidade do problema, particularmente causado por espécies introduzidas pelo homem, como foi o caso de *Prosopis juliflora* (algaroba).

O município de Monteiro está localizado na microrregião do Cariri Ocidental paraibano, onde ocupa uma área de mais de 1,05 mil quilômetros quadrados e apresenta uma altitude em torno de 600 metros. O clima é do tipo semiárido quente, com precipitação pluviométrica média anual em torno dos 400 milímetros. As médias de temperatura situadas às margens do Rio Paraíba são características dessa região, onde os solos predominantes são os neossolos flúvicos.

Planta chegou à PB na zona rural de Serra Branca

A altitude local de Monteiro é de 621 metros. Uma área remanescente de 30 hectares não sofreu corte raso pelo menos nos últimos 40 anos, embora haja relatos de que a área já tenha sido usada com agricultura, passando posteriormente a ser usada com pecuária extensiva, uso esse que permanecia até a realização do trabalho dos pesquisadores da Paraíba e de Minas Gerais. Existem núcleos com "indivíduos jovens e adultos" de algaroba altamente adensados e locais onde esses ocorrem em menor densidade, dividindo espaços com a pecuária extensiva de caprinos e bovinos.

A algaroba foi introduzida pela primeira vez na Paraíba pelo engenheiro agrônomo Inácio Antonino Gonçalves, no Sítio Ligeiro, na zona rural de Serra Branca, na década de 1940. Ele trouxe algumas mudas selecionadas de Custódia, em Pernambuco, e usou sua propriedade para experimentos. Procurado por outros fazendeiros locais, ele acabou cedendo gratuitamente diversas mudas para plantios em Taperoá, Sumé e São João do Cariri, todos no Cariri paraibano.

Os fazendeiros alegaram, depois, que a algaroba fornecia óleo comestível para os rebanhos através de seus grãos, e dava lúculos a quem comercializava suas vagens dentro do Brasil e com os Estados Unidos, México e Canadá, que fabricam, ainda hoje, um xarope de largo uso industrial na farmacopéia norte-americana, utilizando esse produto. O proprietário rural Manoel Maximiano, de Taperoá, costumava dizer que "plantar algaroba significava obter madeira, lenha e comida para os rebanhos, além de ter dinheiro no bolso diariamente".

Em junho deste ano, a Prefeitura de Campina Grande (PMCG), por meio da Coordenadoria do Meio Ambiente, anunciou que deveria realizar o transplante de árvores na Avenida Almirante Barroso, uma das principais vias da cidade.

Segundo a coordenadora da pasta, a bióloga Lilian Ribeiro, as árvores de espécie algaroba seriam retiradas e substituídas por plantas nativas, como o ipê, pois as algarobas, por terem raízes grandes e profundas, podem prejudicar o asfalto, "além de fazer mal a outras plantas que estão em seu entorno".

■ No início, a algaroba fornecia óleo comestível para os rebanhos através de seus grãos e dava lucro

Com obras marcadas na história, começou a escrever em um jornal de Areia

Anderson Lima
Especial para A União

Escritor, romancista, ensaísta, cronista, poeta, advogado, professor, folclorista, sociólogo e político, José Américo de Almeida tem o seu talento e obras marcadas na história. Natural de Areia, no Brejo paraibano, ele sai da vida pacata e vai para a efervescência da cidade ainda novo. Todavia, José Américo teria começado a escrever na imprensa por influência do seu primo, Antônio Simeão Leal, em um jornal criado na sua cidade natal, chamado A Cidade das Serras.

Em João Pessoa ele morou no bairro do Cabo Branco. A sua casa com vista para o mar tem um amplo espaço e, à época, era cercada por árvores e redes. José Américo apreciava tanto a natureza e a calma da balneária da rede que costumava escrever sobre eles. Ele viveu até os últimos dias de vida lá. Hoje, a sua casa é um museu onde está eternizada sua vida e obra.

Foi no dia 10 de janeiro de 1887, de madrugada, no Engenho Olho D'Água, no município de Areia, que nasceu José Américo de Almeida, filho de Ignácio Augusto de Almeida e Josepha Leopoldina de Almeida. Em 1896, ainda na propriedade da família, José Américo começa a ser alfabetizado com a professora Verônica dos Santos Leal. Orfão de pai, aos 11 anos, na companhia do seu tio Odilon Benvidio, José sai do engenho e vai para Areia, onde continua os seus estudos.

Em 1901, aos 14 anos, o seu tio o levou para o Seminário da Paraíba, onde permaneceu por três anos. Após isso, em 1904, ele vai para o Liceu Paraibano e, no mesmo ano, matricula-se no Curso de Direito da Faculdade de Recife. Aos 21 anos, em 1908, ele conclui a graduação em Direito, regressando à Paraíba já atraído pelo meio político. José Américo filia-se ao Partido Liberal, liderado pelo senador Antônio Alfredo da Gama e Melo, de oposição ao presidente do Estado, à época Monsenhor Walfredo Leal, tio de José Américo.

Com uma ampla relação com a imprensa e a política, após formado e já na vida pública, é nomeado procurador do Estado. Com 35 anos, em 1922, ele publica a sua primeira obra literária chamada 'Reflexões de uma Cabra', que traz de maneira satírica a vida do nordestino que foge do seu habitat. Nessa época, ele se torna colaborador da revista Era Nova e do Jornal A União.

Angélica Lúcio

Eu, o hospital e o jornalismo mundo cão

Era por volta do meio-dia, e eu estava na sala de espera de um hospital enquanto aguardava um familiar ter alta. No local, havia cerca de 20 pessoas. Sala bonita, provavelmente decorada por um designer de interiores, e um aparelho de tevê situado em local estratégico, para entreter quem precisava ver o tempo passar menos lento.

Infelizmente, o que aparecia na tevê não ajudava. Na tela, de proporções medianas, um apresentador se exaltava com algum episódio recente do "mundo cão": uma mulher assassinada pelo ex, que se pensava proprietário da antiga companheira; uma criança de 8 anos desaparecida; um corpo estendido no chão, mas sem a poesia de João Bosco.

Enquanto eu assistia ao que se desenrolava na tevê (uma emissora famosa por sua linha editorial popular), também observava as pessoas na sala. Imaginava onde moravam, que tipo de ofício tinham, de quem seriam os acompanhantes e, o principal, seria que elas gostavam daquele tipo de programa?

Como a bateria do meu celular havia se esgotado, eu estava sentada muito próximo ao aparelho de tevê, pois era ali onde havia uma tomada, e eu poderia carregar meu smartphone. Por isso, nem sequer me concentrei no li-



Ilustração: Tônio

José Américo de Almeida teria começado a escrever na imprensa em um jornal criado na sua cidade natal, chamado A Cidade das Serras; já em 1922, passa a ser colaborador da revista Era Nova e do jornal A União

Em 1928, escreve o romance 'A Bagaceira', obra que depois passou a ser uma das mais famosas na literatura brasileira. Além dessa gama de atividades que ele desenvolvia, também atuou de forma contundente no mundo jornalístico como cronista, inclusive no Jornal A União. "Minha escola de jornalismo, ou melhor, de escritor, foi A União. Frequentei suas páginas em várias épocas, como colaborador; e quando era secretário de Estado, como redator. No governo, eu mesmo redigia minhas notas. Devo à imprensa oficial uma contribuição mais eficaz, foi a minha primeira editora", relatou um dia José Américo de Almeida.

Vida no jornalismo

Graduado e mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutor

em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Luiz Mário Dantas Burty dedicou a sua pesquisa de doutorado à vida de José Américo de Almeida.

Segundo o pesquisador, há indícios de que José Américo teria começado a escrever na imprensa por influência do seu primo, Antônio Simeão Leal, em um jornal criado na cidade de Areia, chamado A Cidade das Serras. Mas as primeiras evidências que, de fato, Luiz Mário conseguiu atestar da escrita de José Américo são de 1908.

"Nesse momento, José Américo escreve os primeiros poemas simbolistas muito inspirados, um deles que eu gosto particularmente se intitula 'Os Corvos', no qual ele fala dessas figuras sombrias que comem carne humana, se alimentam de carne podre para alçar voos al-

tos, então ele faz a analogia com os corvos e a política", explica.

Em 1911 José Américo se torna procurador-geral do Estado e volta a morar na Paraíba, a partir desse momento, ele passa a ter uma relação mais próxima com outros intelectuais; passa a participar dos circuitos intelectuais do estado, começa a participar dos circuitos intelectuais da Paraíba e faz bons amigos, em particular Genésio Gamarra, Leonardo Smith e Celso Mariz.

"A escritora e historiadora Lourdinha Luna conta, num dos livros dela, que eles passavam altas madrugadas conversando sobre literatura, escreviam textos na imprensa, dedicavam, às vezes, poesias uns aos outros. Então, ele começa a ter uma vida mais frequente na imprensa. Mas eu penso que o momento mais destacado dessa vida intelectual e dessa escrita na imprensa acontece, de fato, nos anos de 1920", conta Luiz Mário Dantas Burty.

É a partir da década de 1920 que José Américo passa a ser reconhecido como um grande intelectual. No início, ele é convidado para escrever alguns textos no jornal O Norte, e o grande momento da sua carreira é quando ele se torna redator e participa da criação de uma revista modernista chamada Era Nova, à época patrocinada pelo poder público.

Luiz Mário detalha que a revista era impressa em papel couchê, com letras coloridas, cheia de fotografias, de ilustrações, sendo uma revista muito luxuosa, que se propõe a apresentar um horizonte novo para a sociedade paraibana. Dentre todos os redatores da revista, José Américo é escolhido para escrever o texto de abertura. "Eu arrisco dizer que é nesse momento que ele começa a experimentar as possibilidades linguísticas, através das crônicas que ele escreve regularmente na Era Nova, por dois anos, sempre muito inspiradas, falando da vida moderna e das tradições locais", diz o estudioso.

O pesquisador conta, ainda, que uma das suas crônicas favoritas é o 'Tonel das Danaides', publicado em 15 de abril de 1921 na revista Era Nova, no qual José Américo vai falar de como o automóvel mudou a vida das pessoas e das cidades. "Ele vai contar dos atropelamentos e de um suposto sujeito que teria morrido no frenesi da velocidade, o que ele chama de morto-vivo, que morreu acelerando o carro e o carro continua andando e atropelando mais pessoas. José discutia o medo e o encantamento que a modernidade trazia para a vida das pessoas", conclui.

que ia ouvir adiante –, mas será que dá para mudar o canal da tevê?

"Sim", "Claro", "Por favor", foram as respostas que ecoaram dos diferentes lados do ambiente. Ninguém, ninguém mesmo ali, estava satisfeito com o conteúdo que via, mas a inércia ou o medo de desagradar aos outros faziam com que aquelas pessoas não reclamassem do que estavam sendo obrigadas a assistir.

Com a permissão coletiva para mudar o canal, procurei a recepcionista e pedi que sintonizasse em outra emissora. Prontamente, ela concordou comigo, disse que também não gostava daquele tipo de programa e, de imediato, apertou algumas teclas do controle remoto. "Pronto", ela disse. E completou baixinho: "Mas não vai adiantar de nada".

Olhei para a tela e tive de concordar com a recepcionista. Na tevê outrora conhecida como "Vênus Platinada", a pauta também era violência. Na verdade, vi se desenrolarem ali os mesmos dramas já exibidos no canal concorrente, porém com um certo verniz no modo de transmissão. Mesmo assim, deu para perceber: o plim-plim se rendeu à busca por audiência e agora soa diferente. Ou quase igual aos iguais?

angelicallucio@gmail.com



Foto: Pixabay

vro que trazia no colo, eu conseguia.

E o que passava na tela, continuava a me incomodar. Para minha perplexidade, não era apenas o apresentador que acentuava o drama em fatos perversos da vida real; os repórteres também pareciam incorporar algum personagem. Faziam passagens, entrevistas e entradas ao vivo com jeito e trajeito específicos, sem a mínima preocupação de reverberar omissões e culpas ainda incertas.

Será que os repórteres (não necessariamente jornalistas) faziam algum curso de técnica teatral para se portar daquela forma, eu

José Américo de Almeida

Multifacetado na política paraibana e brasileira

Gerente executiva do Arquivo da Fundação Casa de José Américo de Almeida (FCJA), Lúcia Guerra descreve José Américo como uma pessoa múltipla pela sua atuação de destaque como escritor e político. "Multifacetado nas suas posições políticas, tratando de questões de justiça social, clamando pela democracia e contra a ditadura varguista e, posteriormente, respeitado durante a ditadura militar", afirma Lúcia Guerra.

Como membro da Fundação, Lúcia destaca a importância de estudar sobre a trajetória de José Américo. "Estudar a vida dele é aprender grande parte da história do Brasil Republicano, tendo em vista a sua participação no modernismo literário na década de 1920, na articulação e implementação da Revolução de 1930, atuação nacional como ministro da Viação e Obras Públicas, atuação como senador no período da redemocratização. E alicerçado na sua atuação na política, ele sempre manteve a produção literária, com crônicas publicadas em jornais e revistas locais e de circulação nacional, romances, memórias, integrando tanto a Academia Paraibana quanto a Brasileira de Letras", avalia.

"É uma figura completa, porque ele é tanto historiador quanto é memorialista, é novelista, é homem de depoimentos, é político e a política abriu muitas portas, ampliou muito a sua visão, ele é o homem do Nordeste, a visão dele é a visão do Nordeste". É com essas palavras que o historiador, professor e jornalista José Octávio de Arruda Melo define José Américo de Almeida, o qual foi um amigo muito próximo.

O seu primeiro contato com o político e escritor foi quan-



Professora Lúcia Guerra, da Fundação Casa de José Américo, e o historiador e jornalista José Octávio de Arruda Melo



Fotos: Roberto Guedes

do José Octávio estudava no Liceu Paraibano, através de uma excursão que o seu professor organizou até a casa de José Américo para uma aula de campo. "Eu tinha uns quinze anos, lembro que fiquei em pé, porque não tinha cadeira para todo mundo sentar, mas ele atendeu a gente muito bem. José Américo ficou sentado, conversou mais com o professor, os alunos não tinham muita noção das coisas e de quem era ele, a gente sabia que ele era brasileiro, que tinha sido candidato à Presidência da República. Nessa visita, recordei que ele perguntou qual curso gostaríamos de fazer, mas como eu fiquei um pouco atrás, não tive o diálogo", relata José Octávio de Arruda Melo.

Anos depois, José Octávio trabalhava no Rádio Ponte e ele retorna a casa de José Américo, mas dessa vez para entrevistá-lo. O estudioso conta: "Eu fui falar com ele sobre o problema da sucessão política da Paraíba, porque ele era uma espécie de guru, de oráculo. Eu trabalhava no Rádio Ponte e para

um escritor brasileiro que não começou pelo jornalismo. Antes de publicar as suas novelas, crônicas e demais textos, ele atuou no Jornal A União, que colaborou para a revista Era Nova. "Pois bem, então José Américo começou pela imprensa, e a imprensa aperfeiçoou muito o seu trabalho", pontua.

"No último livro dele, que no caso é o primeiro, ele fala que o estilo dele foi muito aperfeiçoado pela imprensa, que ele tinha um estilo muito pesado. Ele fala que a influência dele foi inicialmente dos clássicos portugueses, como Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Ramalho Ortigão, ele fala que era muito influenciado, é um estilo pesado, que aparece em 'A Paraíba e Seus Problemas', mas esse estilo já vai mudando com o tempo, quando chega em 'A Bagaceira', o estilo já é outro, e nas novelas, a prática se aprimora muito, é um jeito muito simplificado e essa simplificação deriva da experiência que ele teve com a imprensa", detalha.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A época dos festivais – Os FICs – conclusão

O ciclo considerado como a era dos festivais foi encerrado com a realização do VII FIC, acontecido entre setembro e outubro de 1972, evidentemente, sob o comando da TV Globo, no Maracanãzinho, com o Brasil ainda submetido à censura do poder militar.

Do ponto de vista operacional, o FIC, que vinha sendo comandado por Augusto Marzagão, criador do evento, passou ao comando do também experiente Solano Ribeiro que já era conhecido como o precursor dos festivais da canção no Brasil, responsável pela organização do I Festival da TV Excelsior, em 1965, tendo sido também o organizador do II, III e IV Festivais da TV Record, entre 1966 e 1968, canal em que ainda dirigiu a Bienal do Samba. A grande novidade, porém, seria a primeira transmissão em cores, inaugurando assim uma nova etapa da tevê no Brasil.

Quando da fase nacional, a presidência do júri desta edição do FIC sofreu um considerável abalo, em virtude da destituição de Nara Leão, segundo se alega, em função de matéria jornalística em que ela fazia críticas à situação política do país, naquele momento. Dentre os aspectos positivos do VIII FIC, alguns merecem destaque, como a participação de Raul Seixas, que inscreveu duas criações suas que, por sinal, foram classificadas: 'Let me Sing, Let me Sing' e 'Eu sou eu, Nicuri é o diabo'; Fagner que, após vencer festivais no Ceará (Festival de Música Popular do Ceará) e em Brasília (Festival de Música



Foto: Reprodução

Popular do Centro de Estudos Universitários de Brasília), este com sua criação 'Mucuripe', projetava-se no cenário nacional, com 'Quatro Graus'; e Hermeto Pascoal que chamou a atenção com sua inovadora 'Serearei'.

Dessa fase nacional, as duas primeiras músicas foram classificadas para a fase internacional: 'Fio Maravilha', de Jorge Ben, com interpretação da novata/revelação Maria Alcina que, com seus trejeitos e sua voz um tanto masculinizada, andrógina mesmo, ao melhor estilo da cantora e bailarina norte-americana, naturalizada francesa, Josephine Baker, arrebatou o público e obteve o 1º lugar; a outra obteve o 2º lugar: 'Diálogo', de Baden Powell e Paulo César Pinheiro, com interpretação do primeiro, acompanhado

por Cláudia Regina e Tobias. Uma outra referência, apesar da não assimilação da plateia por conta de inovações de texto e melodia, porém, que mereceu menção especial, foi a polêmica 'Cabeça', de Walter Franco. O aplauso da plateia foi direcionado para Sérgio Sampaio, que interpretou sua 'Eu quero é botar meu bloco na rua'. Outros destaques dessa última edição do FIC foram 'Nem becos nem saídas', de Abílio Manoel; 'Papagaio do futuro', de Alceu Valença; 'Marinheiro', de Renato Teixeira; 'A volta do ponteiro', de R. Lourenço, que projetou o grupo Originais do Samba; e 'Automóveis', de Oswaldo Montenegro, interpretada por ele com Os Três Moraes.

A fase internacional, à qual concorreram as duas classificadas na fase nacional, foi vencida pela representante dos Estados Unidos 'Nobody Calls me Prophet', de David Clayton-Thomas e William Smith, com interpretação do primeiro, cantor e compositor canadense (ex-integrante e vocalista do grupo de rock norte-americano Blood, Sweat & Tears).

Apesar dos aspectos musicalmente positivos advindos de outros festivais, pode-se afirmar que este VII FIC já começara a mostrar a relativa decadência, sobretudo com relação ao nível das composições apresentadas. Hoje, numa análise de quem não esteve lá, pode-se, seguramente, afirmar que, apesar de tentar priorizarem-se aspectos consumistas, algumas vezes em detrimento dos valores artísticos, alguma coisa restou de po-

sitivo, como a revelação de novos valores de nossa MPB.

No plano internacional, mesmo alheias à concorrência ditada pelas normas dos FICs, as várias edições do evento possibilitaram espetáculos (shows) paralelos de grupos e artistas, com a vinda de nomes consagrados como Demis Roussos, Gilbert Montagné, Wilson Pickett, Astor Piazzolla, Mungo Jerry, além dos nossos Novos Baianos, Mutantes, Gal Costa, Gilberto Gil, entre outros tantos.

Foram sete anos (de 1966 a 1972) de FIC que – apesar dos desencontros ocasionados tanto por repressões da censura provocada pelo regime militar vigente, quanto pelo informalismo e desaparecimento por parte da plateia com relação a algumas canções vitoriosas – deixou marcas significantes, sobretudo, no cânone nacional.

Por fim, o colonista toma a liberdade de divulgar um playlist muito particular – com respectivas interpretações, do que ficou desses festivais (FMPB e FIC), com respectivas interpretações e sem ordem de preferência – e que "fixaram morada" no acervo de nossa MPB: 1. 'Domingo no Parque' (Gilberto Gil); 2. 'Pra não dizer que não falei de flores' (Vandré); 3. 'Alegría, Alegría' (Caetano); 'Ponteio' (Edu Lobo); 4. 'Arastaço' (Elis Regina); 5. 'Travessia' (Milton); 6. 'Cantiga por Luciana' (Evinha); 7. 'Andança' (Beth Carvalho & Golden Boys); 8. 'Desacata' (A. Carlos & Jockáfi); 9. 'Casa no Campo' (Sá, Rodrix & Guarabira); e 10. 'Sinal Fechado' (Paulinho da Viola).

EVOLUÇÃO NA TERRA

Fósseis humanos enviados para uma viagem espacial

Envio de restos fossilizados foi tributo ao espírito de exploração da humanidade

Da Redação

O recente voo espacial da Virgin Galactic não se destinava apenas a proporcionar uma experiência de microgravidade a investidores endinheirados. A bordo do V.S.S. Unity estavam dois passageiros únicos: fósseis de antigos antepassados humanos.

Os restos fossilizados das espécies Australopithecus sediba e Homo naledi foram enviados para o espaço como um tributo ao espírito de exploração da humanidade. O voo incluiu três astronautas privados, dois pilotos, um instrutor de astronautas e os primeiros fósseis de antepassados humanos a viajar para o espaço.

O empresário e filantropo Timothy Nash, que transportou os fósseis durante o voo, explicou que se trata de uma forma de refletir sobre a natureza empreendedora dos nossos antepassados mais antigos. "Essas espécies primitivas e os seus parentes próximos estavam realmente todos numa viagem de descoberta e exploração à medida que evoluíam, saíam do ambiente em que se encontravam e começavam lentamente a povoar o mundo", disse Nash, citado pela National Geographic e registrado pelo site Zap.

Tanto o Australopithecus sediba quanto o Homo naledi são adições relativamente recentes ao registro científico. O paleoantropólogo Lee Berger desempenhou um papel fundamental na investigação dessas espécies. O seu filho, Matthew Berger, descobriu a clavícula fossilizada do Australopithecus sediba na África



O crânio do hominídeo Malapa 1, encontrado na África do Sul, chamado de Karabo

Foto: Wikipédia

Jornada

Transporte de fósseis teve como objetivo estimular a reflexão sobre a natureza empreendedora dos antepassados primitivos em busca de descobertas e explorações

ca do Sul, em 2008, e o próprio Berger descobriu o Homo naledi noutra caverna sul-africana, em 2013.

O Australopithecus sediba viveu há cerca de 1,98 milhão de anos, enquanto se estima que o Homo naledi tenha entre 236 e 335 mil anos. Algumas evidências sugerem que o Homo naledi se envolveu em atividades semelhantes às humanas, como enterrar os seus mortos e criar arte, o que é visto como um precursor da inovação humana moderna.

Timothy Nash tem um profundo interesse na evolução humana e é proprietário de uma grande porção de terra na África do Sul conhecida como o berço da humanidade. Esse local classificado como patrimônio mundial pela Unesco tem a maior concentração de restos mortais ancestrais humanos do mundo, incluindo a gruta onde foi encontrado o Australopithecus sediba.

Nash foi também um dos

primeiros investidores da Virgin Galactic e aguardava ansiosamente a sua vez de experimentar a vista da Terra e do espaço. Apesar dos riscos associados ao transporte de fósseis únicos para sub-órbita num voo espacial comercial, Nash acredita que vale a pena. Ele planeou transportar os fósseis num tubo de fibra de carbono, monitorizado de perto por Berger até uma cerimônia após a descolagem.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: a gente (2) = povo + faculdade de agir (2) = ação. **Solução:** lugarejo (4) = povoação. **Charada de hoje:** o lugar de repouso (2) do rei da selva abrigava um lagarto (4).



Dia da Criança e da padroeira

O dia 12 de outubro é uma data muito esperada no ano. As crianças ficam ansiosas por um presente e os adultos por um feriado. O dia 12 de outubro se tornou feriado no Brasil em 30 de junho de 1980, conforme a Lei Federal 6.802/1980. A data é um feriado nacional consagrado à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Mas o dia também é da criança.

Imagem encontrada no rio

O Dia de Nossa Senhora Aparecida tem como origem um evento marcante na história religiosa e cultural do Brasil. Em 1717, pescadores nas águas do Rio Paraíba do Sul, no estado de São Paulo, encontraram uma estátua quebrada de Nossa Senhora da Conceição. Inicialmente, eles encontraram apenas a cabeça da imagem. Em seguida, as partes restantes foram achadas. O fato foi considerado um milagre, e a devoção à imagem cresceu rapidamente.

Data oficializada e popularização

O Dia da Criança teve origem em 1924, quando o presidente Artur Bernardes oficializou a data. A celebração foi proposta primeiramente pelo deputado federal Galdino do Valle Filho. O político levou a ideia para o 3º Congresso Sul-Americano da Criança, sediado no Rio de Janeiro, no ano de 1923. A comemoração só foi se popularizar anos depois da oficialização da data, em meados de 1955. Isso porque, nesse ano, a marca de brinquedos Estrela associou a data ao lançamento de uma campanha publicitária, chamada 'Semana do Bebê Robusto'.

A data em outros países

Apesar do Dia da Criança ser celebrado em 12 de outubro no Brasil, instituições internacionais adotam outras datas. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), por exemplo, colocou o dia 20 de novembro como o Dia Universal das Crianças, em homenagem à Declaração dos Direitos da Criança. Já o Dia Internacional da Criança é celebrado no dia 1º de junho em alguns países, como China, Moçambique e Portugal.

Festa para meninos e para meninas

Um fato pouco conhecido é que no Japão o Dia da Criança é comemorado duas vezes ao ano: em 5 de maio para meninos e em 3 de março para meninas. Em Portugal, a cultura cristã é muito forte, por isso a celebração é no dia 1º de junho, seguindo o mês que homenageia Maria, mãe de Cristo. No país, as escolas e as cidades organizam diversas atividades infantis.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - bigode; 2 - cavanhaga; 3 - balão; 4 - chapéu; 5 - tam- borete; 6 - violão; 7 - cuspe; 8 - suor; 9 - moscas

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

